

Autárquicas

A meia-noite de domingo conhecer-se-ão 50 por cento dos resultados eleitorais

Pág. 6



*Libano e chefias militares
sentam-nos à mesa*

Balsemão reúne com Melo Egídio

O Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egídio, foi convidado pelo Primeiro-Ministro para um almoço, hoje, na residência oficial de S. Bento. Fonte oficial, citada pela Anop, que revelou o convite, nada adiantou sobre os objectivos de Pinto Balsemão.

Todavia, a agência não exclui a hipótese de o chefe do Governo trocar impressões com Melo Egídio sobre a questão do eventual envio de portugueses para o Libano, integrados numa força multinacional de paz.

Recorde-se que o ministro da

Continua na pág. 24



Vencer (convincentemente) e lograr quatro golos é festa rija nos tempos que correm

O almoço surpresa

Os ex-conselheiros da Revolução Pizarat Correia e Vasco Lourenço almoçaram ontem, num restaurante de Lisboa, com o candidato da APU à presidência da Câmara Municipal de Lisboa, ten. -cor. Alfredo Moura. Militares no activo, não prestaram declarações sobre o significado do encontro, mas os jornalistas presentes ficaram certos de que ele representou um gesto de amizade e de apoio pessoal.

Noticiário sobre as Autárquicas nas págs. 6 a 10

Benfica: queijo suíço à hora do lanche

Págs. 15 e 16

Sabotagem em Moçambique?

Está a arder a zona gasolineira da Beira

A zona gasolineira da cidade da Beira — a segunda mais importante de Moçambique — está ameaçada pelas chamas desde as primeiras horas da madrugada de hoje. As autoridades moçambicanas ainda não emitiram qualquer comunicado e a própria

agência noticiosa de Maputo também se não referiu ao acontecimento, pelo menos até ao fim da manhã de hoje. Pensa-se, no entanto, que se estará em presença de mais um acto de sabotagem — o segundo levado a efeito

Continua na pág. 24

**Sul-africanos matam
37 pessoas no Lesotho**

**Conversações directas
Luanda-Pretória
na Cidade da Praia**

Págs. centrais

Hoje "Ler/Escriver"



Eanes e Fontoura brindam com trabalhadores portugueses do campo petrolífero de Hassi Messaoud (Telefoto ANOP/«DL»)

Portugal volta a África e Eanes a Lisboa

Pág. 5

JUNTA DE FREGUESIA DO BEATO

do 4.º BAIRRO DE LISBOA
RUA DE XABREGAS, 67-1.º — 1900 LISBOA
Telefone 38 11 07

MOÇÃO

Considerando a gravidade do problema que hoje se verifica na Picheleira, freguesia do Beato, com a construção da Rotunda pelos Serviços da CML e da empresa do sr. Fernando Martins, Lda, que bloqueia a saída do trânsito para a Calçada da Picheleira, desviando-o para o empreendimento do referido construtor, prejudicando assim seriamente toda a população da Picheleira e muito particularmente os comerciantes.

Considerando que está ainda a ser destruído nas referidas obras um pequeno jardim há meses construído e desperdiçando-se assim centenas de contos gastos pela referida CML.

- A Assembleia de Freguesia delibera solicitar imediatamente uma audiência ao senhor presidente da CML, com o fim de conhecer devidamente o projecto das obras em curso e manifestar junto da vereação a vontade da população da Picheleira de impedir tamanha arbitrariedade que tanto a prejudicaria se viesse a ser concretizada.
- A Assembleia de Freguesia alerta a CML para o descontentamento popular existente na Picheleira que já se traduziu na recolha de mais de mil assinaturas de habitantes e de sessenta comerciantes da zona.
- A Assembleia de Freguesia apela à população para que não consinta que os interesses de um empreiteiro, que para essa obra em curso prejudique os milhares de habitantes da Zona.
- A Assembleia de Freguesia junta a esta resolução um documento da Comissão de Moradores sobre o mesmo assunto e solicita à Junta de Freguesia que deles seja dado conhecimento aos órgãos de Comunicação Social.
- Foi ainda aprovado enviar esta Moção ao Exm.º sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e a publicação em dois jornais diários.

Assembleia de Freguesia do Beato

Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos MURPI MOÇÃO

1 — O Governo, agrava a miséria dos reformados! Como é possível enfrentar a vida no próximo ano, se mais uma vez o aumento das pensões é inferior à taxa de inflação?

2 — O agravamento do custo de vida no ano corrente, ronda os 25 por cento. Porém as pensões, são melhoradas, apenas, entre 15 e 19 por cento.

Que política social é esta?

3 — O Governo, não cumpriu o Decreto-Lei 724/74 e fabricou uma nova lei para não incluir o aumento das pensões no subsídio de Natal, reduzindo, desumanamente, os proventos do lar dos reformados — são as broas do Governo.

Exemplo provado de como as promessas de bem-estar feitas em 1980 se transformam em miséria!

**OS REFORMADOS EM PLENÁRIOS
REALIZADOS EM TODO O PAÍS, EXI-
GEM:**

**A — A SATISFAÇÃO DO SEU CA-
DERNO REIVINDICATIVO.**

**B — QUE O ESTADO SUBSIDIE A
SEGURANÇA SOCIAL COMO CONSA-
GRADO NA CONSTITUIÇÃO.**

**C — PREPARAM-SE PARA DAR
UMA RESPOSTA CONDIGNA À POLÍ-
TICA ANTI-SOCIAL PRATICADA, DE-
FENDENDO ABRIL NAS PRÓXIMAS
ELEIÇÕES.**

A Comissão Coordenadora Nacional

Segurança do consumidor

Beja Santos

NUMA política a favor do consumidor a garantia e reforço dos direitos saúde e segurança tem tanta magnitude como a promoção dos interesses económicos ou o combate ao custo da vida. Só que esta segurança custa muito caro, queixam-se os fabricantes, alegando que as medidas e a informação ao consumidor são muito dispendiosas, recaindo directamente no bolso do consumidor ou do contribuinte os elevados encargos de investigação, embalagem rigoroso e etiquetagem especial que envolvem a fabricação de tantos produtos.

A primeira resposta que ocorre é que tal dispendio de dinheiro se traduz num menor número de vítimas com acidentes automobilísticos, utilidades domésticas, aparelhagem electrodoméstica, medicamentos, envenenamentos alimentares.

Vejamos o resultado da implementação de normas de segurança num país que dispõe de estatísticas sobre a diminuição de desastres, os EUA. Os brinquetes eram a causa neste país de 250 mil acidentes anuais, não há muito tempo. A introdução de normas de segurança levou num só ano à diminuição em cerca de 30% o número de desastres. Graças à disposição de um novo fecho nas embalagens de produtos medicamentosos e domésticos, o número de envenenamentos em crianças com menos de 5 anos diminuiu a uma média de 65 mil por ano e o número de mortes

foi reduzido para 50%.

Nos EUA o organismo que responde pela segurança dos bens de consumo chama-se Comissão de Segurança dos Produtos de Consumo. É esta comissão que determina a etiquetagem obrigatória de materiais celulósicos, as normas para o equipamento de dispositivos de segurança em aparelhos de aquecimento e que faz retirar do mercado os produtos susceptíveis de atentar contra a segurança do consumidor.

Também a Administração Nacional de Segurança Rodoviária fiscaliza veículos pneumáticos e acessórios. Só em 1978 mais de 9 milhões de veículos e cerca de 15 milhões de pneus foram devolvidos às fábricas por não estarem dentro das normas de segurança.

Custa caro? Pois custa. O orçamento da Comissão de Segurança de Produtos de Consumo ultrapassou em 1981 os 40 milhões de dólares e o orçamento de Administração Nacional de Segurança Rodoviária rondou os 55 milhões. Mas quem fabrica bem e dentro dos padrões de segurança não tem problemas. E se investigar custa caro os benefícios sociais advindos não têm preço. O óleo de colza desnatado provocou uma catástrofe em Espanha só porque alguns agentes económicos inescrupulosos conseguiram ludibriar a atenção dos organismos que zelam pela segurança do consumidor.

A segurança é sempre um bom investimento.

Vem tudo isto a propósito na nossa Lei de Bases de Defesa do Consumidor, aprovada por unanimidade pela Assembleia da República em Maio de 1981, lei onde esta matéria de segurança e protecção física do consumidor está contemplada, mas que ninguém observa ou fiscaliza. Estará assim o Governo tão enfeudado aos interesses dos grandes agentes económicos que consegue omitir, sem queixume social o respeito sagrado que merece a vida humana?

Procuremos exemplificar com um caso concreto que a todos importa ver consagrado na legislação que importa acatar: os berços e camas das crianças. Por exemplo, a lei canadiana prevê disposições de modo a evitar acidentes graves, como o estrangulamento, a sufocação, as quedas, devidas à deficiente concepção dos leitos de crianças. O regulamento estipula que os leitos deverão apresentar, entre outras, as seguintes características:

— Um intervalo entre as barras, suficientemente estreito de forma a impedir que a criança enfie a cabeça ou os braços ou os pés. As barras laterais deverão ser suficientemente altas para que a criança não possa saltar. Na cabeceira e pés deverá haver um intervalo curto a não permitir que a criança meta a cabeça ou os pés nos intervalos dos varões. O fecho de segurança não deverá ser acessível às crianças. Serão sempre de evitar as arestas vivas, os pregos

salientes ou os tecidos facilmente inflamáveis. A estrutura da cama ou berço deverá ser comprovadamente sólida de modo a resistir aos saltos da criança.

Também os parques deverão merecer normas severas. Rodeados com rede de material resistente, parecem objectos seguros. A estrutura dos parques portáteis, conforme exame efectuado por organizações internacionais de consumidores, nem sempre é resistente, as malhas de entrançado de nylon fazem folgas perigosas e a estabilidade deixa, por vezes, muito a desejar.

Enfim, o nosso direito mais elementar à segurança exige uma política de efectiva prevenção e responsabilização dos fabricantes. A negligência de fabricar o defeituoso pode dar bons lucros a empresários mas pode muito bem acarretar danos e sinistros aos consumidores.

Por isso se reclama com redobrada insistência que não se atrase mais a prática de uma lei de defesa do consumidor que não nos serve só no «Diário da República».

A implementação da Lei de Bases da Defesa do Consumidor concederá mis deveres e direitos a todos nós.

Como ser consumidor é ser protagonista da actividade económica e social, dêem-nos possibilidades de acesso à prática, nós sabemos que saúde e segurança não são palavras vãs mas sim o princípio determinante da qualidade de vida.

Recordando apenas alguns exemplos pontuais

A “autocrítica” que faltou ao Conselho da Revolução

Manuel Geraldo

A «prestação de contas» apresentada pelo Conselho da Revolução na data da sua extinção constitucional ficou longe de ter sido um balanço minimamente exaustivo da sua actividade, com referências concretas aos pontos altos e às necessárias lacunas, pelo que as críticas, as que neste particular nos interessam, desde logo surgiram por parte de uma ala significativa da sociedade castrense de cariz democrático.

Pelo que pudemos auscultar, em contactos travados nos últimos dias, alguns casos pontuais merecem especial referência. Começaremos por exemplo pela Lei da Amnistia que promulgada em Novembro de 1979, ainda não foi aplicada na Força Aérea. Deste modo, militares como Costa Martins e Pereira Pinto, entre outros, fundadores do MFA, ex-conselheiros, figuras de primeiro plano do 25 de Abril, permanecem afastados das Forças Armadas, e nem a simples pensão correspondente aos anos de serviço lhes é paga.

Em contrapartida, todos os desertores (não apenas) implicados na tentativa de golpe do 11 de Março, foram reintegrados, indemnizados, promovidos. Todos, ou a esmagadora maioria, dos «pides» recebem pensão de reforma, numa medida sancionada pelo Conselho da Revolução, através do tenente-coronel da Força Aérea Canto e Castro, que presidia à chamada Comissão de Reclamação. Para quando portanto a «prestação de contas» desta Comissão?

Paralelamente, as discriminações administrativas contam-se às centenas. Só apenas no que diz respeito à instituição militar. São oficiais de craveira e prestígio pessoal que não foram promovidos, como Carlos Fabião, Artur Baptista, Simões Teles, Judas (também ex-conselheiro), Corvacho, Rodrigues dos Santos, António Calvino.



O CR na sua última reunião: o fim de um percurso controverso marcado pela sensibilidade, muitas vezes antagónica, dos seus membros

São dinheiros devidos, não pagos, a militares democratas que, depois de uma luta jurídica de vários anos, conseguiram ver parte dos seus direitos restabelecidos (ainda que só teoricamente). Como Durand Clemente, Andrade da Silva, Diniz de Almeida, Bilstein Sequeira, Álvaro Fernandes. Foram militares passados compulsivamente à reserva sem direito a pensão, como é o caso de Rodrigues Soares, da Marinha. Em matéria de reconhecimento de direitos, pelo que deduzimos, o ex-Conselho da Revolução adoptou quase sempre uma posição «teórica» em relação aos militares democratas. Um exemplo elucidativo é o caso das chamadas indemnizações aos militares perseguidos pelo fascismo.

O assunto arrastou-se por mais de quatro anos, até que, finalmente, em Junho deste ano, a respectiva lei foi aprovada pelo Conselho da Revolução... mas remetida ao Governo para provimento de verba. Era fatal, como a realidade o demonstrou, que o executivo de Pinto Balsemão, responderia não existirem disponibilidades financeiras.

Porém, e como é sabido, já mais faltou dinheiro para ofere-

cer a capitalistas, aos grandes fascistas, aos «pides», e até para «indemnizar militares expulsos das fileiras antes do 25 de Abril, por razões consideradas pouco honrosas, e que nada têm a ver com a resistência à ditadura salazarista/marcelista.

Reduzidos, por outro lado, a uma «reparação moral» ficaram homens quase «lendários», como Carlos Vilhena e os irmãos Sarmiento Pimentel. E outros, mais recentes, como Varela Gomes, Vasconcelos Pestana, Pedrosa Marques, etc. Exilios, prisões, torturas, ferimentos, ficou tudo soterrado sob a designação, de certo modo como-dista, de «saneados antes do 25 de Abril», com que o ex-Conselho da Revolução parece ter pretendido tranquilizar a sua própria consciência, ou de alguns conselheiros mais renitentes, equiparando-os aos saneados por comprometimento declarado com o Fascismo.

Mas nem com a reparação moral foi contemplada a memória de Ramiro Correia, outro militar conseqüente de Abril, que não foi sequer lembrado nas várias cerimónias de despedida. Para o seu filho, que ficou órfão (o outro e a mulher morreram

com ele no acidente), ninguém sugeriu uma pensão (mas para as famílias de Sá Carneiro, Adelinho Amaro da Costa e António Patrício Gouveia, estão garantidas pensões vitalícias de centenas de contos, retiradas ao erário público).

Mas ainda mais: no comunicado final do ex-Conselho da Revolução, lido pelo tenente-coronel Vítor Alves, não se proclama o fim das perseguições aos militares democratas e revolucionários. Quando, por exemplo, ainda em Outubro do ano passado foi a julgamento um militar do MFA, da Dinamização Cultural, sob a acusação de ter extraviado uma pistola, quando em 1975 se encontrava de serviço em Bragança. Luiz Craveiro Martins foi absolvido. Mas sabe-se, pelo que nos disseram, que a Força Aérea se prepara para reabrir mais processos relativos ao período revolucionário que antecedeu o 25 de Novembro. Pelo que se torna desde já previsível asseguar um novo período de revanchismo, a que, pelos factos referidos, muitos dos ex-conselheiros, não deixam de ficar (estar expostos).

O feitiço contra o feiticeiro. Será?

O mito do sísifo alentejano ou a continuidade no retorno a antigas soluções

Alvaro Bandarra*
Nelly Jazra*

Foi este o momento escolhido para o Governo tentar o relançamento do sector agrícola. Esta vontade é manifestada na elaboração do Plano de Mudança apresentado pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas. É possível que a constatação do défice da balança comercial, constituído em parte pela compra de alimentos (75.1 milhões de contos em 1980 e 81 milhões em 1981), sobretudo de cereais, tivesse sido um factor que interveio a impor uma certa urgência nessa tomada de medidas. Tanto mais que a produção cerealífera nacional está acentuadamente localizada a sul do Tejo, sendo sempre fácil confundir aumentos de produtividade com mudanças nas regulamentações fundiárias, algumas delas não possuindo ainda um reconhecimento «de jure» que permitam a sua institucionalização.

É neste contexto que regressam para discussão novas regulamentações da lei da Reforma Agrária cujo conteúdo não é ainda publicamente conhecido. Estas modificações propostas significam que os pressupostos sobre os quais estava baseada a Lei 77/77 de 29 de Setembro de 1977, Lei das Bases Gerais da Reforma Agrária, aprovada com o consenso da actual maioria governamental e do partido socialista foram já postas em causa. Isto pode significar que predominou a confusão na apreciação dos critérios, que deveriam ter sido adequadamente ponderados, para que a necessária reestruturação fundiária pudesse aliar à rentabilidade dos investimentos em capital, cada vez mais alargados, a produtividade do trabalho que incentive o aumento da produção.

Não é pela penalização das escolhas em presença que se conseguirá incrementar o componente investimento ou a produtividade social do trabalho. Também não é a sobreprodução de diplomas legais que irá ajudar a produção de bens necessários. Nunca é demais sublinhar que talvez fosse mais profícuo a tomada de medidas eficazes para racionalizar, incrementar e organizar a produção e a comercialização dos produtos agrícolas e pôr entre parêntesis ou reduzir esta tendência jurisdizante avassaladora.

Tendo sempre presentes os critérios de rentabilidade a que devem obedecer quaisquer formas de exploração em qualquer sistema económico e que tenham em conta factores específicos que variam de um sistema para outro, podemos-nos interrogar acerca das suas condições de viabilidade para a criação dum excedente alargado podendo ser aplicado a fins económicos e sociais.

A rentabilidade é reforçada quando existe a liberdade de escolha das formas produtivas individuais ou colectivas, sendo o papel do Estado o de mero organizador das possibilidades de funcionamento dessas formas. Tudo o que for contra este princípio norteador da racionalidade económica revelará atitudes repressivas por parte do poder político. Da realização da multiplicidade das formas produtivas não devem advir ao Estado custos suplementares mas pelo contrário devem permitir um aumento do rendimento nacional. O acesso ao exercício da liberdade para todos deve ser visto nas vantagens que o todo nacional auferirá através da escolha

dessas formas: **vantagens contabilizadas** seja pelo aumento da produção, da produtividade do trabalho, da rentabilidade do investimento, da diminuição das despesas do Estado, etc.

A falta de lógica no processo das atribuições de terra no Alentejo, compensará a falta da lógica da rentabilidade?

Um dos pressupostos da Lei 77/77 era, na altura da sua promulgação, o de chegar a uma delimitação dos vários tipos de exploração: colectivas, cooperativas e privadas. Conferindo uma existência legal a cada um deles e dando a sua preferência às médias explorações, embora não definindo de maneira rigorosa o conteúdo desta noção, que englobava as explorações que não eram colectivas ou cooperativas, atingindo porém os limites impostos às reservas. Estes pressupostos não foram respeitados.

Uma vez retiradas as reservas esta lei dava às explorações colectivas ou cooperativas, reduzidas a uma área bastante mais diminuta, a possibilidade do seu reconhecimento legal, indemnizações pelos investimentos efectuados e créditos bonificados para compensar a diminuição da superfície pelo aumento da produtividade e pela intensificação verificada em relação às restantes áreas. Não esquecia também a possibilidade de assegurar aos trabalhadores um emprego nas explorações formadas a partir das terras restituídas. Pouco disso foi concretizado: só a parte relativa à restituição das reservas foi efectuada e de maneira bastante anárquica. Aos reservatórios foi atribuído o máximo de terras possível com uma interpretação lata das disposições da lei, chegando a ultrapassar os limites legais (30 ha no regadio, entre 350 e 700 ha no sequeiro, em função da qualidade das terras). O objectivo desta política foi exclusivamente tirar a maior parte das terras às unidades colectivas ou cooperativas levando ao desaparecimento dum grande número de explorações colectivas. Isso significa que até agora a preocupação do Governo foi multiplicar o número de proprietários individuais e uma vez esgotadas as categorias de antigos latifundiários, absentistas, antigos rendeiros e feitores, atribuir o resto das terras a pequenos ou médios agricultores ou candidatos a agricultores, incluindo sobretudo seareiros, que se propõem tomar conta das terras.

Em vez da preocupação primordial ser a de encontrar as melhores formas para o aumento da produção, uma orientação predominou: a de eliminar as formas colectivas sem sequer testar as suas capacidades, baseando-se no preconceito que deviam ser vistas à partida como inviáveis.

Será de sublinhar antes de mais as graves consequências que resultam do desmantelamento e do desaparecimento das unidades colectivas e cooperativas. Aliás esta situação a que se chegou nega um dos princípios afirmados pela maioria do actual Governo que diz, nomeadamente no Plano de Mudança da Agricultura, defender e encorajar os princípios cooperativos e ajudar a desenvolver as associações profissionais assim como estender o seu controlo à produção e aos circuitos de comercialização. A concentração nas UCP's e cooperativas dum capital de produção dos mais importantes que abrangia os

meios de produção e o gado, levou com a subtracção das terras, à degradação deste património e ao seu subaproveitamento. Isto não quer dizer que os meios de produção fossem nessas unidades utilizados da melhor maneira, mas certamente que teria havido possibilidades, com a ajuda responsável de técnicos agrícolas de executar e aplicar sistemas de planeamento regional que permitissem maximizar a utilização da terra e dos meios de produção disponíveis.

Por outro lado as capacidades de trabalho que podem ser exercidas nas várias formas de exploração estão aí concentradas. O que se constata é que as formas colectivas deixando de poder manter a mesma força de trabalho e os antigos proprietários não querendo empregá-la por várias razões, ela ficará sub-utilizada, dando lugar a situações de desgaste e tensões sociais, assim como à impossibilidade de sobrevivência da maior parte dos trabalhadores. A emigração (que nunca foi senão uma solução que adia a resolução deste problema) sendo cada vez mais difícil e não se vislumbrando fartas possibilidades de emprego nos outros sectores, as alternativas que possam constituir uma paliativo ao desemprego resultante das restituições de terras são actualmente quase inexistentes.

O capital investido até agora pelo sector colectivo, com origem em parte no crédito agrícola de emergência e em parte no autofinanciamento das unidades, muitas vezes retirado da parte reservada à remuneração do trabalho, assim como à progressiva limitação do emprego pouco produtivo sobretudo das mulheres, parece bloqueado pelas formas de produção existentes nas áreas restituídas. As possibilidades de modificação do sistema de produção dependem essencialmente da difusão das inovações tecnológicas, permitindo evitar um reprodução simples dos sistemas de cultura, difusão essa que deveria realizar-se a partir do planeamento regional integrado, tanto para as explorações colectivas como para as explorações privadas.

As iniciativas legislativas tendentes à redução ou à eliminação do subaproveitamento das terras, já previstas nas leis da Reforma Agrária de 1975 e 1977 e reafirmadas no D.L. 255/82 de 29 de Junho de 1982, ficaram na prática sem repercussão. A repetição a intervalos regulares das mesmas disposições traduzem as dificuldades inerentes à sua aplicação e reflectem a existência de importantes superfícies em estado de subaproveitamento. O grau de complexidade das medidas e a necessária continuidade do seu controlo técnico são também factores que contribuíram para a ineficiência do que é apresentado como solução para o aumento da produtividade. Isto leva-nos a concluir pela impossibilidade da resolução deste grave problema pela via legislativa, se não se recorrer ao planeamento regional já mencionado. Só este último permitirá no concreto propor a afectação mais correcta para cada uma das áreas, tendo em conta a necessidade de optimização dos factores produtivos e da força de trabalho.

A quem beneficia a subtracção da escolha das formas de produção?

No actual contexto os dois sistemas alternativos em presença são por um lado as UCP-

/cooperativas e por outro lado as reservas atribuídas, as gradações destas formas produtivas podendo variar. Se estas duas alternativas UCP-cooperativas/reservas podem procurar cada uma dentro da sua lógica atingir uma certa rentabilidade, já esta mesma rentabilidade será dificilmente defensável para as atribuições de parcelas a pequenos agricultores. Ou então vai-se voltar — mas ao menos que seja conscientemente — aos sistemas de produção dos tempos dos primeiros arroteamentos no Alentejo, em que era dada a posse da terra aos pequenos agricultores que assim trabalhavam uma pequena parte do ano nas suas searas e a grande maioria do tempo nas terras dos «reservatários» da altura. É isto que se está a passar (em relação a certas atribuições) actualmente no Alentejo. Por outro lado as terras atribuídas não podem ser um complemento de actividade secundária para os que têm outras actividades não agrícolas.

Os dois casos que temos vindo a observar recentemente (Novembro de 1982) ilustram algumas das afirmações que temos vindo a fazer e levantam sérias dúvidas sobre o destino das atribuições individuais.

— O primeiro caso é duma UCP do conselho de Cuba (UCP 4 de Agosto) que cobria inicialmente cerca de 3.000 ha, cuja superfície foi bastante reduzida após a entrega de três reservas num conjunto de 1.700 ha aos respectivos proprietários e a um antigo rendeiro. As atribuições levaram a uma redução do número de trabalhadores de 107 para quase 60. Um aviso recente do Ministério da Agricultura, transmitido pelo Centro de Beja, pedia a entrega do resto das terras que vão ser leiloadas sendo candidatas vários seareiros dos arredores e devendo as superfícies atribuídas individualmente rondar os 100 ha por atributário. Pode-se perguntar qual será o interesse de desmantelar uma exploração de 1.700 ha que poderia reunir as condições mínimas de rentabilidade, em parcelas de 100 ha cuja exploração não poderá assegurar nem a plena utilização dos meios de produção mecanizados, nem um rendimento elevado, uma vez isolada do resto da exploração que implicava uma associação cereal/gado. Nenhuma perspectiva alternativa é oferecida aos trabalhadores da UCP que ficarão no desemprego. Não se sabe qual será o destino a dar às máquinas e ao gado comprados pela UCP, que seriam votados ao desperdício, não havendo terras para assegurar a sua utilização. Uma proposta feita pelos trabalhadores para a compra de uma parte das terras aos antigos proprietários foi recusada apesar deles disporem do capital necessário. Os investimentos feitos pela UCP, além da compra de maquinaria e gado, consistiram em furos de poços destinados a irrigação e foram beneficiar os detentores das terras recuperadas à unidade, não tendo os trabalhadores sido contemplados com nenhuma indemnização, além de que os investimentos que estavam em curso e que consistiram na compra de material para a construção duma estufa ficaram inutilizados.

A primeira questão que se deve colocar é referente às graves consequências duma situação de desemprego provocada deliberadamente, visto que os trabalhadores da UCP não são considerados como potenciais atributários com a possibilidade



● Promovida por uma comissão de democratas, republicanos e socialistas, realizou-se ontem, pelas 11 horas, no Cemitério dos Prazeres, a tradicional romagem ao túmulo de **Sebastião Magalhães Lima**. Presidiu à cerimónia o Dr. Armando Adão e Silva, Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano, e usaram da palavra, Ribeiro da Silva, pelo Directório da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, e Ramon de La Féria, pelos promotores da romagem.

A Comissão Promotora da romagem era constituída pelo comandante Simões Coimbra, coronel Manuel António Correia, drs. Abílio Mendes, Vasco da Gama Fernandes, Raul Rego, Gustavo Soromenho, António Arnaut, Ramon de La Féria, José Francisco da Silva, Sousa Leite, e compareceram na cerimónia, entre outros, os democratas Xavier Rodrigues, Roque de Azevedo, Pascoal Gomes, Américo Pereira dos Santos, Carlos Andrade.

O Dr. Armando Adão e Silva falou em nome da Maçonaria Portuguesa de que Sebastião Magalhães Lima foi Grão-Mestre no período crucial da preparação da Revolução de 5 de Outubro e da implantação do regime republicano em Portugal.

Seguidamente os presentes dirigiram-se à sepultura do Dr. Jaime Cortesão, combatente republicano e antifascista, grande figura das Letras e da Cultura Portuguesa.

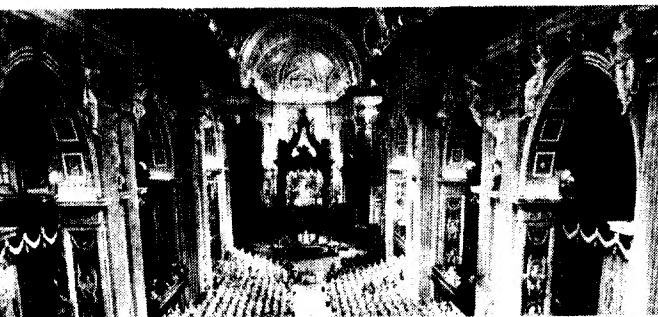


● A dr.^a **Aurora Murteira** ganhou, no Supremo Tribunal Administrativo, o recurso contra a decisão do «Governo AD» que a exonerou, por telex, quando se encontrava em Cabo Verde, do cargo de Director-Geral do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Indústria e Energia. Eram, respectivamente, ministro da Indústria e Energia o eng. Alvaro Barreto, e Primeiro-Ministro, o dr. Francisco Lumbrales Sá Carneiro. A exoneração verificou-se em 14 de Agosto de 1980. Agora, no final de 1982, o Supremo Tribunal Administrativo considerou-a nula.

GUIA TURISTICO DA LISBOA DESCONHECIDA



● Tem lugar esta tarde (18.30), no Whisper Bar, em Lisboa, o lançamento do «Guia Turístico da Lisboa Desconhecida», da autoria do nosso colaborador José Pedro Martins Barata.



● De acordo com as últimas estatísticas divulgadas pela Santa Sé, em 1980, a Igreja Católica instruiu 68 487 processos reclamando a nulidade de casamentos e pronunciou 71 655 sentenças, metade das quais dando provimento aos apelantes.

64 279 sentenças dizem respeito a nulidade, 4865 a separação de cônjuges, 106 a morte presumível dum deles, 1983 ao privilégio de fé ou dissolução do laço conjugal não sacramental e 512 a não consumação.

Os recusos não são apreciados em Roma, mas por um Tribunal de Igreja denominado «Oficialidade» Diocesana ou Interdiocesana, podendo recorrer a ele qualquer católico.

Em França, em 1980, foram tratados 2968 causas matrimoniais, sendo 267 por nulidade, 4 para obter separação, 10 devido ao privilégio da fé e 15 por não consumação.

As causas matrimoniais dos chefes do Estado e dos seus filhos são de competência dum tribunal constituído pelo Papa, a fim de evitar que sejam pressionados os juizes locais. Assim, o recurso por nulidade do casamento da princesa Carolina do Mónaco, apresentado há dois anos, está a ser examinado pelo Tribunal Romano.

"Governo quer substituir Garcia dos Santos"

EME: "não temos comentários a fazer!"

Não temos comentários a fazer. Isso depende da aplicação da Lei de Defesa — declarou ao «DL» um porta-voz do Estado-Maior do Exército, a propósito da informação veiculada pelo semanário «O Tempo» de que «o Governo propele alterações das chefias militares e, mais concretamente, a substituição de Garcia dos Santos no cargo de CEME».

Aquele semanário, baseia a sua notícia em «fontes próximas do Governo» e acrescenta que o titular da Defesa, Freitas do Amaral, tenciona pedir ao Conselho de Chefes de Estado-Maior (de que Garcia dos Santos é membro...) a indicação de outros nomes para o cargo, mas conclui que, «por ora, nada há de concreto».

Recorde-se, entretanto, que cabe ao Presidente da República a nomeação ou exoneração dos chefes militares, embora sob proposta do Governo.

Sargentos

Ao nível militar é de salientar, ainda, o encontro de cerca de 400 sargentos, ontem, na Cova da Piedade, destinado a assinalar o segundo aniversário da reeleição do Presidente da República.

No final do lanche-convívio, que teve lugar no Clube Recreativo União Romeirense da Cova da Piedade, os cerca de 400 militares sargentos da área de Lisboa, aprovaram uma moção de apoio à posição de Ramalho Eanes face à Lei de Defesa Nacional.

«O direito constitucional utilizado

por V. Ex.» — diz a moção remetida para Belém — veio reforçar em nós a confiança de que os mais obscuros propósitos de instrumentalização da instituição militar encontrarão firmes opositores não só na vigilância de todos os militares de Abril, mas também na acção avisada» do PR.

Os sargentos manifestam ainda a sua «vontade de continuar a pautar» a sua conduta e vida «como militares e como cidadãos, pelos mais altos ideais de Abril e pelo respeito da vontade do Povo português, princípios estes, também enunciados na última mensagem do Conselho da Revolução», de 28 de Outubro último.

No encontro foi também debatido o processo de adesão da classe de

sargentos à Associação 25 de Abril, formada em Novembro por 27 militares, entre os quais o almirante Vítor Crespo, o brigadeiro Pezarat Correia, o tenente-coronel Canto e Castro e o major Vasco Lourenço, membros do extinto Conselho da Revolução.

«Mais necessário se torna o diálogo fraterno entre todos os militares com sentimentos democráticos» sublinha também a moção aprovada, a propósito da nova Lei de Defesa, reafirmando os sargentos a sua disposição de «tudo fazer para conjugar esforços em torno do direito associativo constitucionalmente consignado a todos os cidadãos e dos ideais de Abril».

assembleia da república

A interpelação não resultou

Balsemão esqueceu-se do "Discurso de Estado"...

O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, durante meses e meses, disse-nos que era um **Homem de Estado**, que era importante fazer o **Discurso de Estado**. Não ligava às pequenas escaramuças partidárias, ele que era Primeiro-Ministro — o mais antigo da Europa (diga-se), tinha o **Discurso de Estado**. Só que, no encerramento da interpelação do PCP ao Governo, o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão esqueceu-se do **Discurso de Estado** e fez na tribuna da Assembleia da República, um comício eleitoral...

O Primeiro-Ministro ocupou grande parte da intervenção a falar contra o PCP e da economia dos países socialistas: da União Soviética aos «combinats» da Hungria ou da RDA, da Polónia. E de tal maneira, Pinto Balsemão estudou as economias dos países socialistas, que não teve tempo para aprofundar a crise económica do seu País. E não disse uma linha sobre a vida que irão ter os «portugueses e as portuguesas» nos próximos tempos.

Por ter falado sobre isso, o ministro João Salgueiro, foi fortemente criticado no Conselho de Ministros. Deu uma visão pessimista (digamos honesta) da situação económica. O Governo não gostou do «discurso de Estado» de João Salgueiro, que ameaçou, mais uma vez, ir-se embora. Pinto Balsemão, mostrou como era. Salgueiro falou para o País, Balsemão para alegrar as «hostes». Todos ficaram contentes por mais algum tempo.

Não resultou, na verdade, a interpelação económica do PCP. Para além do expediente processual utilizado pela maioria (tal como fizemos referência no último dia) arquitetado por Marcelo Rebelo de Sousa, nem o Governo nem a maioria manifestaram qualquer intenção de participar no debate. Para além disso, e em plena campanha eleitoral, muitos deputados estão envolvidos na «corrida» às Câmaras e pouco preocupados com a inflação. Na terça-feira, à noite, a interpelação encerrava com o discurso de Carlos Brito (PCP) e Pinto Balsemão. Pelo Partido Socialista estava apontado o discurso de Mário Soares. Com o comício marcado para o Pavilhão dos Desportos, delegou a intervenção final no deputado Sousa Gómes. Dos 74 deputados socialistas estavam, na bancada, apenas QUATRO. Os partidos queriam terminar rapidamente o debate: prescindiram dos tempos que ainda tinham e passou-se, rapidamente, às **alegações finais**.

Mário Tomé: o luxo dos bifes

O deputado da UDP fez, no Parlamento, um grande discurso, o discurso adequado ao comportamento da Maioria da AD.

Estava a AD a alhear-se e a desvalorizá-lo? Mário Tomé fez humor, fez ironia. «Os trabalhadores — diz Mário Tomé — segundo afirmação indesejável do Primeiro-Ministro gastam de uma forma geral, de mais! Na verdade, não há nenhum trabalhador que não esteja de acordo em como gasta de mais. Só que gasta de mais, porque gasta de menos. Só que gastando de mais, não gasta o suficiente. Na linha dos grandes economistas, de Salazar até João Salgueiro, sem esquecer Cavaco Silva, o Governo vai então resolver o problema, garantindo a cada português uma ajuda técnica especializada e um apoio eficaz e atempado, actuando ao nível do orçamento privado de cada um» (...). O Governo vai assim, segundo Mário Tomé, conseguir que cada português «afore dinheiro» em vez de «andar a dissipá-lo em bifes».

Mário Tomé ataca o Presidente da República. E a propósito da sondagem do «Expresso», na qual os empresários não manifestam entusiasmo por este Primeiro-Ministro e pelo Governo, afirma: «O próprio Eanes admite vir a demiti-lo, não porque os trabalhadores o exigem, mas porque os capitalistas lho aconselham».

António Vitorino (UEDS), Mário Casquilho (MDP/CDE), Manuel Santos (PS), foram alguns dos oradores. Por parte do partido interpelado, Carlos Brito falava da agricultura e Sousa Marques da falta de um «plano energético». Carlos Brito, no discurso final, sublinhou:

«É um Governo vencido pelas dificuldades, torturado pelas contradições internas, com um discurso baixo e sem solução para os problemas».

Para o líder comunista, o Governo assumiu-se como «o réu e refugiou-se na invocação de atenuantes como a situação internacional, o dólar, a crise mundial do capitalismo».

Neste debate parlamentar ficou provado, para o PCP, que «a saída para a crise tem de ser encontrada não só sem a AD mas contra a AD».

A interpelação demonstrou, disse Carlos Brito, «a dimensão do desastre» da AD e que a sua equipa governamental não entende outra perspectiva que não seja a de que o País vai de mal a pior».

Carlos Brito lembrou que o ministro João Salgueiro foi «tão severo para com a OCDE (pela falência das suas previsões) que quase sugeriu que a interpelação fosse dirigida à OCDE».

Silva Marques: "Muito bem"

Chegou-se, então, ao discurso do Primeiro-Ministro. Feliz, muito feliz, era o deputado Silva Marques (PSD). Balsemão falava da Hungria? Silva era o primeiro a aplaudir. Da União Soviética? E eis o «muito bem» de Silva Marques, e quando chegou à Polónia, Silva Marques estava em êxtase.

Que discurso! Aplaudia entusiasmado Silva Marques. Ao lado, Santana Lopes também estava a gostar. Quem não mexeu um músculo ou bateu palmas foi Júlio Castro Caldas (PSD) ou José Manuel Casquilho. Mesmo o deputado Mário Raposo (PSD) bateu, no final, as palmas de circunstância.

Depois de falar na economia dos países socialistas, o Primeiro-Ministro (e não o presidente do PSD) falou do PCP: acusou-o de «revelar a sua verdadeira face, dizer o que é e o que pretende em matéria económica», admitindo, contudo, que haja dentro do PCP «quem deseje fazê-lo».

«Mas a ortodoxia e o secretismo de quem detém as alavancas do poder no PC impede que uma ou outra das teses» (implementação do programa apresentado ao eleitorado ou modificação do mesmo adaptando-o à realidade portuguesa) «surja a público com clareza».

Outro ponto em que Balsemão atacou o partido interpelado foi a sua «incapacidade de contribuir para o diálogo social, limitando-se a criticar as opções às suas», por «não ter compreendido que os próprios países de Leste se abrem às perspectivas e regras da economia de mercado».

«O Partido Comunista continua na na mesma, não muda, não compreende os desafios que esta década de 80 levanta ao nosso País e ao mundo, e não é, portanto, capaz de dialogar e muito menos de aceitar a aplicação das regras políticas portuguesas à sua posição de partido minoritário no contexto das forças políticas portuguesas», disse.

Estava terminado o discurso do Primeiro-Ministro. Fica a notícia (que não é uma «caixa») do jornalista Pinto Balsemão: há **linhas, tendências** no PCP.

Enquanto se aguarda a confirmação ou o desmentido do Partido Comunista, Pinto Balsemão vai aprofundar a notícia. O Primeiro-Ministro falará, espera-se, no debate do Orçamento.

CAMEL

SOFT PACK

O prazer do mesmo cigarro,
do mesmo sabor
na embalagem que tornou Camel
famoso em todo o mundo.



Presidente da República na Argélia

A diplomacia em Ghardaia

Em Ghardaia, em pleno deserto do Sara a «maneira de estar na vida» dos portugueses obteve uma grande vitória diplomática. De que maneira? Escaqueirando o protocolo.

Quando o responsável pela segurança de um chefe de Estado estrangeiro abandona a sua tarefa dizendo para quem o queria ouvir, «já que nada posso fazer, vou dançar...» algo poderá estar a correr mal. Mas se a razão de tal atitude deriva do facto de andarem «portugas» à solta, nesse caso tudo vai bem.

Pode parecer inacreditável, mas não é. Esta situação insólita foi vivida terça-feira à noite em Ghardaia, vila plantada em pleno deserto do Sara e segunda etapa da visita do presidente da República à Argélia. Como intervenientes, o próprio Presidente, entidades oficiais e a segurança argelinos. Músicos e bailarinos da tribo dos mozabitas e grande parte da comitiva que acompanhou Ramalho Eanes à Guiné e à Argélia.

Vale a pena contar. De fio a pavio.

Estamos em Ghardaia, vila de 70 mil habitantes, com oito séculos de história, situada na região de M'zab, no sul argelino.

No programa, um jantar em honra do Presidente da República, da dra. Manuela Eanes e da comitiva portuguesa. Na ementa, e entre outras especialidades, o inevitável «mechoui», carneiros inteiros que devem ser comidos com as mãos. Um prato só para ser servido a amigos, rezam os usos muçulmanos.

E nunca, por nunca ser, se registou, em termos de resultados concretos, na aproximação entre dois povos, um sarau de índole tão marcadamente cultural.

Vão ver.

«Chamempresidente»

Numa pequena esplanada, músicos e bailarinos, trajados de beduínos, começam a evoluir.

Os corpos de alguns membros da comitiva, tímidos, a princípio, deixam-se ir gradualmente, tornam-se mais ousados com o correr do tempo, ao sabor de uma música embriagante, misteriosa.

Ramalho Eanes e esposa, que assistem com manifesto agrado à evolução dos músicos e dançarinos, optam, a dado passo, por recolher aos seus aposentos.

De repente, e sem que se saiba ainda porquê, jornalistas correm por uma escada abaixo ao encontro dos bailarinos, que, momentaneamente, se haviam retirado.

«Chamem o Presidente», grita uma voz. Uma voz vinda de um numeroso grupo de pessoas, a maior parte profissionais de Comunicação Social, subitamente metamorfoseados: em vez do «jeans», do vestido ou do fato, trajam agora como os beduínos. Os trajos vindos directamente das mãos compreensivas dos próprios bailarinos, caem-lhes a «matar».

Os músicos entram na farra. Profissionais ou amadores, há que tocar, há que dançar.

As danças guerreiras de poucos minutos antes dão lugar a «danças guerreiras» à moda do Bairro Alto...

Eanes, que aceitara regressar, não resiste: perante a cena ri. Que sorte para os fotógrafos. A segurança argelina, começa a ter problemas.

Estamos em família...

O ministro do petróleo da Argélia, o embaixador da Argélia em Lisboa, respectiva esposa, outras personalidades argelinas, divertem-se. «Que maravilha, até parece que há muito nos conhecemos...», clamará, mais tarde, o director do hotel. Eanes reparte seus aposentos.

O tempo passa, a farra ganha maiores proporções. Os bailarinos, os verdadeiros, continuam à civil, mantendo-se os portugueses com o traje típico dos beduínos. Mas agora, também, integram a festa, subjugados pelo «charme» português.

Alguém lembra: «Faz hoje anos que Eanes foi reeleito», salvaguardando as posições políticas de cada um desde logo é decidido dar os «parabéns a você» a Ramalho Eanes. Com os jornalistas na origem da ideia, normal que fossem os jornalistas a chamar o Presidente pela segunda vez.

Prestes a deitar-se, Eanes aceita vir conviver, por alguns minutos, com os jornalistas e com a comitiva que o acompanha.

Um homem do Presidente, respeitando a tarefa da segurança argelina, pergunta a um dos seus responsáveis: «Não coloca problema que o Presidente volte uma vez mais?» Há muito ultrapassado pelo desenrolar dos acontecimentos, mas também já integrado no ambiente, o homem responde: «Não há problema, a partir de agora estamos em família...»

Eanes chega. Pequena intervenção de um jornalista, agradecimento do Presidente, uma taça de champanhe... A festa, a alegria, o ritmo da música, sobem de intensidade.

De repente, o responsável da segurança, que apesar de considerar «estarmos em família» continuava a tentar preencher as suas funções, dá-se por vencido. «Já que nada posso fazer, também vou dançar». Entra para o «molhe» e dança, dança, des preocupado.

Outros seguem-lhe o caminho. Pudera. A diplomacia de «charme» da «embaixada» portuguesa obrigara-os a lembrarem-se de que, em tempos que já lá vão, ocuparam as nossas aldeias, as nossas casas, contactaram de perto com os nossos antepassados. E como se sentiram «em família» resolveram também mandar às urtigas a «segurança. Para quê?»

Manuel Anta

Visita termina com Eanes convicto de que Portugal deve regressar a África

Termina esta tarde a visita de cerca de uma semana que o Presidente da República portuguesa efectuou à Guiné-Bissau e à Argélia e que, segundo os observadores que acompanharam esta deslocação, teve um saldo francamente positivo. Hoje de manhã, Ramalho Eanes realizou uma última sessão de conversações com o presidente Chadli Bendjedid. Segundo os despachos das agências internacionais, secundadas pelos do enviado especial do «DL». Eanes regressa hoje convencido de que Portugal deverá regressar a África e ter um papel de relevo no concerto das nações.

Segundo informações de boa fonte, nas conversações que teve em Argel com o presidente Chadli Bendjedid, o general Eanes procurou obter para a sua política africana o apoio dum dos principais dirigentes do Movimento dos Não-Alinhados e de um país com peso considerável na OUA (Organização da Unidade Africana).

Apesar duma certa prudência nas declarações, não se esconde, do lado português, no final da visita, um optimismo moderado quanto aos resultados das conversações de Argel.

A viagem do Presidente da República à Guiné-Bissau e à Argélia pode, assim, ser considerada um êxito político.

Ramalho Eanes reforçou os laços com a República da Guiné-Bissau, admitiu a sua presença em futuras cimeiras de chefes de Estado de países africanos de língua oficial portuguesa e foi o primeiro Presidente português a visitar oficialmente a Argélia.

A este propósito haverá que recordar declarações do Presidente Ramalho Eanes, na cidade argelina de Ghardaia, segundo as quais Portugal deve regressar rapidamente a África, porque isso está de acordo com o que há de mais autêntico no povo português.

Para Lisboa, trata-se, sobretudo, de manter e, se possível, reforçar, o papel de «interlocutor

privilegiado» que Portugal desempenhou nos últimos anos, entre a Europa e até os Estados Unidos, e uma parte da África.

Este papel, acentuam os observadores, está cada vez mais ameaçado por países como a França e o Brasil, por exemplo, que conseguiram firmar, ultimamente, importantes acordos de cooperação económica e técnica com antigas colónias portuguesas, como Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Apesar dos esforços de outros países para ensombrarem o brilho do reencontro de Portugal com África, Bissau expôs claramente a Lisboa todos os seus problemas e a Argélia passou a ver nos portugueses bons interlocutores para o grande diálogo euro-africano.

Acerca das conversações de Bissau, foram postos a circular rumores que poderiam ter causado dificuldades nas relações de Portugal com África. E sobre a recepção em Argel alguns quadros, designadamente círculos próximos de França, também especularam que teria sido fria e minimizando a importância de Eanes na vida política portuguesa.

Pelo contrário, contudo, a recepção oficial ao Presidente Eanes no Palácio do Povo, logo na primeira noite em Argel, atingiu um brilho poucas vezes notado, apesar de diversos chefes de Estado estrangeiros visitarem por mês a Argélia.

A viagem que o Presidente Eanes acaba de fazer à Guiné-Bissau e à Argélia, também permitiu que homens de negócios portugueses concluíssem alguns contratos no domínio económico com estes dois países.

Assim, empresas portuguesas assinaram, ou preparam-se para assinar, acordos prevendo certo número de investimentos na Argélia no domínio da construção civil, da mecânica pesada e de estaleiros navais, designadamente.

Além disso, Portugal conseguiu assinar um acordo que prevê o fornecimento, pela Argélia, a partir de Janeiro próximo, de quantidades substanciais de petróleo e de gás natural.

A este propósito, o ministro Baía Horta, declarou que a partir de agora estão abertas as portas ao desenvolvimento do comércio luso-argelino, mas que é necessária perseverança da parte portuguesa.

A Argélia vai fornecer 250 mil toneladas de petróleo em bruto a Portugal, no valor de setenta milhões de dólares, durante o primeiro trimestre de 1983 e começará numa primeira fase a enviar anualmente 700 milhões de metros cúbicos de gás natural, quantidade que triplicará dentro de cinco anos — anunciou o ministro da Energia, Indústria e Exportação.

Em contrapartida, para que não haja desequilíbrio da balança comercial, Portugal, fornecerá ao mercado argelino pasta de papel, produtos químicos, produtos farmacêuticos e panelas de pressão, além de outras mercadorias.

O comunicado final da visita presidencial, vai referir o grande interesse argelino em criar sub-comissões da comissão mista que tratem de problemas espe-

cíficos da cooperação entre Portugal e Argélia — disse Bayão Horta a jornalistas portugueses.

Particularmente importantes, deverão ser as sub-comissões de hidráulica e agricultura e de habitação e obras públicas.

No campo da hidráulica, Portugal poderá apoiar a Argélia no estudo e projecto de barragens, designadamente no exame das potencialidades de quatro locais considerados para esse fim.

O Laboratório Nacional de Engenharia Civil e a Empresa COBA são entidades susceptíveis de ajudarem a Argélia neste domínio — esclareceu o ministro da Indústria.

O Governo de Argel, também propôs a Lisboa que Portugal tome conta de um perímetro agrícola, no sentido de estudar a aptidão de solos e o desenvolvimento dos mesmos. À França já foram concedidos dois perímetros de território argelino, à Espanha um e à Itália outro.

A fim de facilitar todo o comércio luso-argelino, a Caixa Geral de Depósitos combinou, com o Banco Nacional de Argélia, uma linha de crédito de 20 milhões de dólares e estabeleceu com o Banco Popular de Desenvolvimento um acordo — quadro onde se inserem sucessivas linhas de 20 milhões de dólares — informou também Baía Horta, único ministro português, que acompanhou o Presidente Eanes à Guiné-Bissau e à Argélia.

Lisboa vai enviar brevemente a Argel uma delegação do ramo da indústria pesada, que se encarregue designadamente, do fornecimento de produção metalúrgica, cabos eléctricos e pasta para papel. Mas todo o desenvolvimento, do comércio requer uma grande dinâmica das estruturas empresariais portuguesas — reconheceu o ministro.

Diferendo fronteiriço entre Conacri e Bissau

Portugal pode ajudar

O director da Escola Portuguesa de Pescas, almirante Garcez de Lencastre, disse à ANOP que vai continuar a sua acção de ajudar a Guiné-Bissau a definir as suas fronteiras marítimas. Na sequência dos trabalhos da Comissão Mista Luso-Guineense efectuados em Outubro, e da visita presidencial de Dezembro, aquele almirante na reserva prossegue o seu trabalho nos últimos quatro anos como consultor técnico de Bissau para a questão das fronteiras marítimas com a República da Guiné Conacri e com o Senegal. Garcez de Lencastre considera que a República da Guiné não tem quaisquer direitos a ocupar o canal do Poião, como tem pretendido fazer desde 1964, pois essa zona era portuguesa e pertence agora de direito à Guiné-Bissau. Já mais difícil de defender é a pretensão de Bissau de reivindicar uma zona da fronteira marítima com o Senegal na qual se pretende efectuar uma prospecção de petróleo.

No âmbito desta cooperação, Portugal poderá fornecer à Guiné-Bissau mapas que lhe facilitem a resolução do seu diferendo fronteiriço com a República da Guiné. Um porta-voz da Presidência declarou que o general Ramalho Eanes prometeu ao presidente João Bernardo Vieira o envio de mapas e outros documentos que facilitem a resolução do problema de fronteiras, designadamente das fronteiras marítimas entre a Guiné-Bissau e a República da Guiné. Eanes não abordou, no entanto, com o seu homólogo guineense, quaisquer problemas respeitantes à exploração petrolífera nas zonas marítimas que Conacri considera suas e que Bissau também reivindica.

Só se aguarda conclusão do aeroporto

Eanes em S. Tomé em 83

O Presidente da República deverá visitar São Tomé e Príncipe no decurso de 1983. O general Ramalho Eanes só não acedeu mais cedo ao convite feito nesse sentido pelo presidente Manuel Pinto da Costa porque aguarda que

esteja concluído o novo aeroporto internacional de São Tomé, apto a receber «Boeings» intercontinentais.

Outra viagem de Eanes a África, durante o ano de 1983, é a que, logo no primeiro trimestre, realiza ao Egipto.

Encontro Futscher Pereira George Shultz

Discutida África Austral

África esteve também na agenda de um encontro entre Futscher Pereira e George Shultz. O secretário de Estado americano e o ministro dos Negócios Estrangeiros portugueses abordaram aquele tema ontem à tarde, durante cerca de uma hora, ao passarem em revista a situação internacional, com particular incidência nos acontecimentos da África Austral. A confirmação partiu de John Hughes, porta-voz do Departamento de Estado, após um encontro dos dois ministros, em Bruxelas. Respondendo a perguntas, Hughes declarou que os contactos secretos em Cabo Verde entre

sul-africanos e angolanos não se deveram a uma iniciativa americana (sobre este assunto um desenvolvimento nas páginas de noticiário internacional). Os dois interlocutores discutiram o auxílio militar americano a Portugal, concluindo que se verifica um «nível de actividade satisfatório», neste capítulo, acrescentou o porta-voz americano. As perspectivas internacionais após a mudança de chefia no Kremlin, a situação na Polónia e o dandamento das negociações sobre o desarmamento, em Viena e em Genebra, foram outros temas abordados neste encontro.

Tropas portuguesas para o Líbano

PR ainda desconhece

O Presidente da República ainda desconhece que o Governo esteja a debater a eventualidade de envio de tropas portuguesas para o Líbano, soube-se junto da comitiva presidencial, em Argel. O Presidente tratou com o seu homólogo argelino, Chadli Bendjedid, da situação naquele país, mas nada se sabe sobre as afirmações do vice-primeiro-ministro, Frei-

tas do Amaral, de que o Governo abordará hoje a possível colaboração numa força multinacional de manutenção da Paz. Eanes considerou que teria interesse Portugal poder ajudar de algum modo a resolver a situação no Líbano, mas o Governo não o informou nos últimos dias — para o estrangeiro — de alguma possibilidade de colaboração na força internacional.

motociclista
ACENDA
OS MÉDIOS
mesmo durante o dia

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO-DSR

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

Maratona começa às 8 horas da noite

Resultados de metade das freguesias conhecidos à meia-noite de domingo

A noite do próximo domingo será, para muitos, passada na companhia da televisão e da rádio. Para outros será o corropio da Gulbenkian e das sedes partidárias. Em qualquer das situações a mesma expectativa: conhecer os resultados das eleições autárquicas. A maratona começa às 20 horas, uma hora depois do encerramento das urnas, e irá terminar às 6 horas do dia 13. No entanto, à meia-noite, os que começaram a ser vencidos pelo sono poderão «recolher-se» com uma ideia minimamente segura de qual a tendência do voto, pois aquela hora estarão já recenseados os resultados de 50 por cento das freguesias ou sejam duas mil. Os renitentes terão de esperar pelas 6 horas da manhã, altura em que 95 por cento dos resultados serão conhecidos. Eis as metas estabelecidas pelo Secretariado Técnico Para os Assuntos do Processo Eleitoral (STAPE), organismo que tem a seu cargo a centralização dos resultados dos círculos eleitorais e a sua divulgação, por computador, aos terminais instalados na Gulbenkian, na Televisão e na RDP.

O escrutínio será feito no Centro de Informática do Ministério da Justiça, na Casal Ribeiro, local onde amanhã decorrerá o último ensaio geral da maratona de dia 12. Antes, no dia 29 de Novembro e no dia 6 de Dezembro, levaram-se a efeito dois outros ensaios. O primeiro destinado a testar as transmissões através dos CTT, o segundo com o mesmo objectivo mas já com um aumento de mensagens simuladas recebidas e, também, abrangendo as linhas de dados do Centro de Informática do Ministério da Justiça para os terminais instalados na Gulbenkian. Amanhã o

STAPE pensa testar igualmente as linhas para a RTP e a RDP. Nos ensaios foi também testado o circuito alternativo ao descrito, que funciona no Instituto Nacional de Estatística, e que está pronto a entrar em campo caso sobrevenha algum problema no funcionamento do primeiro.

Como nas anteriores eleições, o processo de apuramento de resultados começa nas mesas das assembleias de voto cujo presidente os comunicará, mesmo antes da elaboração da acta, segundo nos afirmaram no STAPE, para a junta de freguesia da qual os resultados serão transmitidos para o respectivo

Governo Civil que informam, via telex, o Centro de Escrutínio. Daqui, conforme referimos, os resultados passarão para o Centro de Imprensa a funcionar na Gulbenkian, para a RTP e a RDP.

As mais atrasadas

A experiência dos anos anteriores leva o STAPE a prever atrasos na transmissão de resultados, nomeadamente de freguesias que são já crónicas. Ao contrário do que poderíamos primeiro pensar as mais atrasadas não são as freguesias onde os meios de comunicação são mais escassos, mas sim algumas de Lisboa e arredores, nomeadamente do concelho de Loures, e também de Braga, que soma um total de 511 freguesias. No entanto, o STAPE espera, no último caso, uma mais rápida divulgação de resultados devido a ter sido reforçado o material e o pessoal dos CTT locais.

Lisboa, é, também, o concelho que reúne o maior número de eleitores, 668.871, seguindo-se-lhe o Porto, 257.898, Loures, 192.600, Vila Nova de Gaia, 158.710, Sintra, 156.605, Amadora, 115.986, Almada, 111.760, Oeiras, 105.921, Cascais,

105.068 e Coimbra, 103.986. Na área de Lisboa e do Porto situam-se também as freguesias com um maior número de eleitores. Na primeira são elas a de Odivelas, com 60.016, Olivais com 47.515, Cova da Piedade com 46.933 e Benfica com 39.477. No segundo encontram-se as freguesias de Paranhos com 42.175 eleitores e da Campanhã com 35.000.

Abstenção

São 7 milhões 18 mil e 817 os eleitores inscritos, num total de 4 mil e 50 freguesias, representando mais 908 mil e 406 eleitores em relação às eleições autárquicas de 1979.

Do total dos círculos eleitorais só em seis não existem listas de candidatos para Juntas de Freguesia e Assembleias Municipais. É o que se passa em duas freguesias de Vizela onde o não aparecimento de listas foi tido como uma forma de protesto contra a não discussão, na Assembleia da República, do projecto de lei de elevação da vila a concelho. A inexistência de listas verifica-se, ainda, na ilha do Corvo (Açores), em Calvelho (Bragança), Mourão (Vila Flor) e Algeso (Vimioso).

Paralelamente, existem ainda muitas freguesias onde a votação não se realiza devido ao facto de terem menos de 200 eleitores e, por isso, segundo o estipulado na Lei Eleitoral, elegem a Junta em plenário de cidadãos.

Mas, para além dos não votantes existe, segundo nos afirmaram no STAPE, uma maior tendência para a abstenção nas eleições autárquicas do que nas legislativas ou presidenciais. Citando-se, geralmente, nas primeiras uma percentagem de abstenções superior a 20 por cento, enquanto que, nas segundas, a percentagem ronda os 15 por cento.

Segundo o dr. Jorge Miguéis, do mesmo secretariado, tal facto pode ter tido a sua origem, em 1979, na realização (15 dias antes) das eleições legislativas intercalares. No entanto, e conforme o nosso interlocutor, o mês em que se realizaram naquele ano, que será o mesmo que em 1982, Dezembro, poderá também ter contribuído para uma maior abstenção: a neve, a chuva e o frio em regiões onde praticamente não existem transportes, tendo as pessoas de percorrer a pé longas distâncias, podem ser, à partida, um obstáculo para o exercício do voto.

Juristas predominam no STAPE

Criado logo após o 25 de Abril, o Secretariado Técnico Para os Assuntos do Processo Eleitoral é, no fundamental, uma Direcção-Geral do Ministério da Administração Interna que se assume, segundo aí nos afirmaram, como um departamento exclusivamente técnico cujos eixos principais de actividade são, por um lado, o recenseamento anual dos cidadãos eleitores e, por outro lado, o apoio aos processos eleitorais que, no caso das autárquicas, não se limitam muitas vezes aos períodos oficiais estabelecidos tendo-se, por exemplo, verificado centenas de eleições intercalares entre 1979 e 1982. No STAPE se centraliza, igualmente, o ficheiro dos cidadãos portugueses nascidos no estrangeiro e dos que se encontram recenseados nos seus consulados portugueses.

Com sede num edifício da Avenida D. Carlos I, em Lisboa, o STAPE integra 28 funcionários dos quais 14 são pessoal administrativo. Nos restantes 14 encontram-se diferentes formações, predominando, no entanto, os licenciados em Direito o que se justifica, conforme nos afirmaram, pelas funções por eles desempenhadas entre as quais se encontra também o aperfeiçoamento da legislação eleitoral.

UDP: quatro perguntas

ao PS e à APU

A UDP acusa a APU, o PS e a AD de apresentarem programas que no essencial não diferem uns dos outros, constituindo «um rosário de promessas».

Num manifesto saído da Comissão Eleitoral (CE), a UDP põe aos autarcas que a APU e o PS elegerão algumas questões acerca do comportamento e atitudes que assumirão após as eleições de domingo.

Eis quatro dessas questões: os candidatos da APU e do PS comprometem-se a congelar as taxas, rendas e impostos municipais, descarregando-os sobre os ricos e aliviando os desempregados e os reformados? Comprometem-se a obrigar os

grandes senhorios a reparar as casas degradadas e a requisitar as vagas? Comprometem-se a não efectuar nenhum acordo com a AD nas autárquicas? E a mobilizar o povo para enfrentar a repressão policial e patronal?

O primeiro secretário da UDP acusou a APU e o PS de proporem «uma gestão moderada», como ressalta — na sua óptica — da análise dos seus programas eleitorais, por oposição a uma «gestão reaccionária da AD». Disse também que a candidatura da UDP é a única que preconiza «a rotura com a actual gestão autárquica, reaccionária ou moderada da crise capitalista».

Enquanto isso, o candidato à

Câmara do Porto defendeu uma nova política «que mude a vida na cidade». Alberto Costa adiantou uma «política de coerência que exprima a revolta e também a esperança dos moradores que querem uma vida melhor», apresentando aspectos que avivam a atenção da UDP: habitação, saneamento básico, equipamentos sociais, cultura, desporto e transportes.

As mulheres que integram ou apoiam as listas da UDP por Lisboa apresentaram terça-feira um manifesto em que exigem a fiscalização dos preços e sanções para os especuladores como uma das seis medidas programáticas do seu manifesto.

Cenas de pancada na Câmara de Celorico

CDS e PSD de Celorico da Beira acusam-se mutuamente, desde terça-feira, quanto às responsabilidades de um incidente ocorrido entre o presidente da Câmara cessante e o chefe da Secretaria Municipal.

O CDS da Guarda acusou mesmo explicitamente o presidente da Câmara de ter agredido o funcionário. «Ao tomar conhecimento de que tal agressão foi perpetrada pelo ainda presidente da Câmara, e a Comissão Executiva distrital do CDS não pode deixar de fazer a denúncia pública de tão vergonhoso acto» — diz-se em comunicado.

A tese de que se trata de uma agressão contra o chefe da secretaria foi também defendida pelo responsável concelhio do CDS, Martins Nunes, em declarações à ANOP. O presidente da Câmara defendeu-se junto da agência afirmando que «esse senhor do CDS voltou a provocarme e inclusive deu-me uma canalada nos corredores da Câmara». Carlos Faria de Almeida, que foi eleito pelo CDS mas é actualmente candidato do PSD disse ainda que está «farto de ser insultado» e que tudo se insere «numa rede montada desde há um ano».

A comissão política e concelhia do PSD também emitiu um comunicado referindo o «desequilíbrio psicológico e social em que se encontra o CDS local». O documento acusa algumas mulheres do CDS de insultarem o presidente da Câmara «de um modo pouco dignificante».

Os presentes incidentes terão origem num inquérito feito à Câmara de Celorico da Beira, por irregularidades diversas na sua gestão, que viriam a ser confirmadas por

um relatório do MAI.

O chefe da secretaria, Aristides Geraldes, esteve então suspenso dois meses das suas funções e tem actualmente um processo disciplinar. «Tudo por causa de declarações que fez aos inquiridores em que discordava da actuação do presidente da Câmara» — segundo a ANOP, citando Martins Nunes, do CDS.

O funcionário foi sujeito, em consequência dos incidentes de terça-feira, a uma peritagem médica e deverá permanecer quatro dias de baixa, para tratamento, segundo a mesma fonte do CDS.

ASDI interroga sobre dissolução

«Tendo a Assembleia Distrital da Guarda formulado também o parecer de dissolução imediata da Câmara Municipal e da Assembleia Municipal de Celorico da Beira vai o Governo, e quando, dissolver estes órgãos autárquicos?» — interroga o grupo parlamentar da ASDI em requerimento dirigido ao Governo.

«O MAI» — diz a ASDI — «tem vindo a guardar um inexplicável e ilegal silêncio sobre os pedidos de informação que em sucessivos requerimentos já lhe formulei sobre a Câmara Municipal de Pinhel» diz também o subscritor do requerimento, o deputado Vilhena de Carvalho.

O Governo, contudo, entendeu não dever incluir na sessão do dia 19 do mês passado a resposta oral àquele problema. E o deputado da ASDI insistiu sobre os dois casos, o de Pinhel e o de Celorico da Beira...

*Na língua portuguesa
há outra palavra para dizer
dicionário: Torrinha*

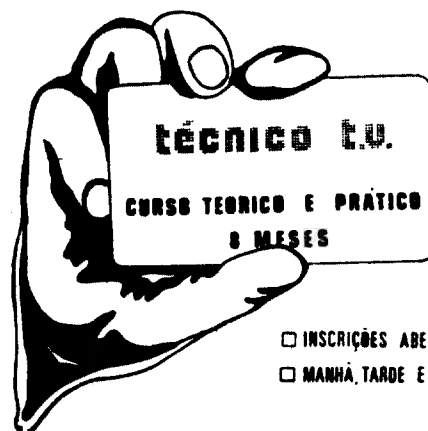
DICIONÁRIO DE LINGUA PORTUGUESA DE FRANCISCO TORRINHA
(desde 1930)

A venda a nova Edição

Editorial Domingos Barreira

Distribuição da Editorial Notícias

Rua Rodrigues Faria, 103
1399 LISBOA Tel. 633021



☐ INSCRIÇÕES ABERTAS
☐ MANHÃ, TARDE E NOITE



ESCOLA TÉCNICA DE ELECTRÓNICA
Av. ELIAS GARCIA, 20-2º Esq. • 1000 LISBOA
Tel. 734234

A BARRACA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, n.º 70
1663-00



4.ª a Sab: 21.30, Dom. (só)
16h
Só até ao fim do mês

TUDO BEM!
reflexões sobre a existência humana

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

em duas palavras

PPM ausente do encerramento da campanha eleitoral

Ribeiro Teles não estará presente nem delegará, seja em quem for, a participação no comício de encerramento da campanha eleitoral que a AD realiza amanhã. Uma fonte do PPM considerou que, entre as várias razões que levam o líder do partido a não participar, sobressai o facto de ele entender que «não tendo a AD concorrido homogeneamente em todo o País, nada justifica um comício que reúna todos os dirigentes da coligação». Por outro lado, tal comício redundaria, segundo a mesma fonte, num «apoio a Krus Abecasis com quem Ribeiro Teles está em desacordo».

Caravana APU socorre um parto

Uma caravana automóvel da APU foi ontem à noite interrompida, numa estrada do Nordeste Transmontano, por um homem armado com uma espingarda e cuja mulher se encontrava prestes a dar à luz. Marido e mulher são caseiros numa propriedade denominada Quinta do Prado, no concelho de Vila Flor, um local com vias de acesso muito difíceis. Tendo chegado os sinais do parto, o casal pusera-se a caminho com o objectivo de chegar ao Hospital de Vila Flor quando, ao fim de cinco quilómetros, a caravana da APU se cruzou com eles e os transportou para o hospital onde Teolinda Prazeres, a parturiente, deu à luz um rapaz.

Seriedade das eleições posta em causa pela RTP

O PCP acusou ontem a RTP de «manifesta violação da seriedade do próximo acto eleitoral» por persistir em «práticas manipuladoras e arbitrárias a favor dos partidos da AD». A secção de informação e propaganda daquele partido chama a atenção para o facto de se justificar «uma séria advertência e prevenção em relação aos perigos de manipulação eleitoral através da emissão especial que a RTP prepara para a tarde do próprio dia de votação». A SIP do PCP afirma igualmente que «derrotada na sua intenção de, em estreita combinação com o PS, levar por diante uma série de debates televisivos com a exclusão da APU, a RTP insiste diariamente noutras formas de discriminação política». Na mesma nota, aquele partido acrescenta que, de acordo com elementos estatísticos da própria Televisão, o Governo e os partidos «utilizaram directamente, entre 1 de Janeiro e 15 de Novembro, cerca de 58 horas, o PS cerca de 11 e o PCP apenas cinco horas».

Ex-UDP's apelam ao voto no PS ou na APU

A comissão coordenadora de Coimbra dos militantes que recentemente abandonaram a UDP convidou, na passada terça-feira, os seus habituais eleitores a votarem PS ou APU nas eleições autárquicas. Considerando que os votos dos antigos militantes da UDP se devem concentrar no «partido ou coligação da oposição que esteja em melhores condições para derrotar a AD» a comissão coordenadora afirma que, em particular, nos concelhos de Coimbra, Lousã, Montemor-o-Velho e Figueira da Foz a «concentração de votos deve ser nas listas do PS às respectivas câmaras municipais».

APU acusa Câmara de Guimarães

A APU «é a única das três grandes forças políticas concorrentes às eleições a quem, em Guimarães, não são atribuídos recintos cobertos para o encerramento da campanha eleitoral» afirma aquela coligação em comunicado da sua Comissão Coordenadora que relata ter sido atribuído ao PS, o Pavilhão Gimnodesportivo do INATEL quando a instalação tinha sido igualmente solicitada pela APU. A coligação teria solicitado que a distribuição do Pavilhão, fosse feita por sorteio o que não se passou. Também em Guimarães os responsáveis do Teatro Jordão tinham comunicado por escrito à Câmara, não terem disponibilidade para actos eleitorais nas suas instalações o que não impede, segundo a APU, que o comício da AD seja amanhã aí realizado.

Machico pede intervenção do ministro da República

Eleitores do concelho de Machico, Madeira, solicitaram a intervenção do ministro da República no sentido de que as duas secções de voto da paróquia da Ribeira Seca não sejam transferidas para o centro do concelho o que prejudicará «a comodidade e a segurança de toda uma paróquia, retirando-lhes a possibilidade de votar nas condições requeridas pelos diplomas legais que regulamentam o acto eleitoral».

«Verdes» apelam ao voto no dia 12

O Movimento Ecologista Português - Partido «Os Verdes» apelou, na passada terça-feira, ao voto no dia 12 «para eleger alguns de entre nós, para que vejamos resolvidos muitos dos problemas desta nossa bela cidade, votar naqueles que querem esta cidade mais bela, mais pura e uma população mais feliz». Os «Verdes» chamam também a atenção de que «não podemos dar o nosso voto àqueles que se escondem de nós, que não nos ouvem ou que destroem e mutilam, dia a dia, a cidade de Lisboa». Aquele partido afirma ainda defender uma «descentralização efectiva das actividades de cultura, desporto e recreio, um verdadeiro plano de regionalização e autarquias geridas pelas populações».

Voto considerado como protesto contra a AD

As eleições autárquicas são consideradas, pela Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio e Serviços, como «um bom momento para, através do voto, os trabalhadores e o povo português protestarem contra uma política e um governo que, no poder há 3 anos, tem agravado a olhos vistos o nosso nível de vida e maltratado a economia nacional».

Na madrugada de sete para oito

Tiros disparados contra a sede do PCP em Loures

Três tiros foram disparados, pouco depois da meia-noite do passado dia 7, contra a sede do PCP em Loures, «não tendo, só por acaso, atingido pessoas que se encontravam junto» do centro de trabalho daquele partido, segundo refere uma nota da Aliança Povo Unido que afirma terem, cinco minutos antes, passado por aquele local «vários carros com bandeiras da AD e dos partidos dessa coliga-

ção». Carros que - acrescenta a APU - pararam «por momentos junto ao centro de trabalho do PCP, em gritaria, jorrando provocações».

A APU recorda que «já na campanha para as eleições intercalares de Outubro de 1981, para a Câmara de Loures, o PS e a AD tentaram criar um clima emocional e de violência», repetindo-se agora a tentativa «já que - acrescenta a coligação -

não têm mais nada a apresentar à população».

Entretanto, em Miragaia, no Porto, sete apoiantes da AD, que seguiam numa caravana automóvel na tarde do dia sete, sofreram ferimentos ligeiros em consequência de incidentes entre populares e a caravana, segundo informação da AD. Um dos feridos recebeu tratamento no Hospital de Santo António. Félix Machado, membro do gabi-

nete da campanha do Porto da AD, declarou que o incidente foi provocado por «comunistas da APU munidos de navalhas».

Ontem, em Porto Moniz, no Funchal, militantes do PSD e do CDS travaram também pequenos recontros sem consequências graves que surgiram quando os dois partidos, rivais na Madeira, se encontraram no mesmo local em actividades de propaganda.

DIARIAMENTE

somos a companhia com mais voos à partida de Portugal.

Ligamos 4 continentes

EUROPA

Amsterdão
Barcelona
Bruxelas
Copenhaga
Frankfurt
Genève
Las Palmas
Londres
Luxemburgo
Lyon
Manchester
Madrid
Milão
Paris
Roma
Zurique

ÁFRICA

Bissau
Brazzaville
Harare (Salisbúria)
Joanesburgo
Kinshasa
Luanda
Maputo
Sal

AM.SUL

Bahia
Caracas
Rio
Recife

AM.NORTE

Montreal
Nova York



A regularidade e a pontualidade dos nossos voos garantem a cobertura eficaz da mais vasta rede de destinos à partida de Portugal.

No País asseguramos as ligações entre Bragança/Covilhã / Faro / Funchal / Lisboa / Porto / Porto Santo / Vila Real / Viseu / S. Miguel / Terceira.

12P AIR PORTUGAL

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

Com a APU muito activa e cheia de esperança

Vila do Bispo e Lagos (PS) no fio da navalha

Lagos e Vila do Bispo, dois concelhos da parte mais ocidental do Algarve, ambos de gestão PS, estão no fio da navalha: depois do dia 12 podem mudar de mãos, tão grande tem sido o descrédito da actuação dos eleitos do partido do dr. Mário Soares.

A situação, no entanto, é diferente nos dois concelhos — enquanto no que toca a Vila do Bispo as favas parecem contadas, no que a Lagos diz respeito, a questão apresenta-se mais complicada. O que, de resto, até o próprio Partido Socialista parece ter compreendido.

Vejamos: em Vila do Bispo, pequeno município com pouco mais de 4000 eleitores, o PS não esteve com meias-medidas e, numa tentativa desesperada de não perder os 111 votos que teve a mais que a APU, afastou sem apelo nem agravo o actual presidente da Câmara, José Baptista, recandidatou-se. Mesmo passando por cima de quatro votações seguidas das estruturas concelhias do PS que escolheram outro candidato — e, ao verem-se desautorizadas, se demitiram.

Em Lagos, apesar dos graves custos internos que isso custou ao partido, Mário Soares premiou o seu fiel seguidor e, através de uma ordem pessoal, o actual presidente da Câmara, José Baptista, recandidatou-se. Mesmo passando por cima de quatro votações seguidas das estruturas concelhias do PS que escolheram outro candidato — e, ao verem-se desautorizadas, se demitiram.

É pois, neste contexto, que a APU, a AD (em Lagos, porque em Vila do Bispo aparece apenas o PSD) e o PS surgem envolvidos numa luta sem quartel pela conquista da gestão dos dois concelhos.

Antecipação e transferências

Começando pela parte mais ocidental: Vila do Bispo, essencialmente rural, mas com dois ou três locais virados para o turismo (como é o caso de Sagres) assiste neste momento a uma campanha agressiva com o PS entre fogos cruzados.

A APU foi a força que mais cedo começou o seu trabalho: muito antes de, oficialmente, a campanha se ter iniciado, já os activistas da Povo Unido tinham o seu trabalho planificado, andavam junto das populações dando conta dos seus pontos de vista,

distribuíam documentos mostrando o que tinha sido a gestão PS, apontavam as soluções que tinham para os problemas do concelho.

Ainda o PS e o PSD estavam a estruturar o que iria ser a sua campanha, e as ruas de Vila do Bispo — bem como de outras localidades — apareceram pejadas de faixas e pendões da APU, com alguns cartazes à mistura mostrando as caras dos seus cabeças de lista — para a Câmara Municipal, José Rosado Spínola, professor do ensino secundário actualmente a desempenhar funções de orientador pedagógico no Algarve; para a Assembleia Municipal, Joaquim da Costa Franco Lopes, primeiro-sargento reformado da Guarda Fiscal, actualmente vereador da Câmara... eleito pelo PS! Além disso é o presidente da Junta de Freguesia de Sagres, uma das mais importantes do concelho.

É ele próprio quem o afirma: *Apoio a APU porque acho importante modificar o tipo de gestão da Câmara. E acrescenta: Enquanto me conheço não encontro ninguém tão capaz como o José Spínola. Temos falta aqui de alguém que movimente isto, que está num estado primitivo. Não tem feito nada. Julgava o presidente da Câmara outra coisa. Mas é um homem que não tem palavra.*

Hoje diz que sim, amanhã diz que não.

Mas o caso Costa Franco não é isolado: nas listas da APU em Vila do Bispo há mais gente eleita em 79 pelo PS, o que parece bem sintomático do estado a que os socialistas aqui chegaram.

E não só os socialistas, diga-se de passagem. No sábado passado, o cabeça de lista do

PSD na freguesia de Barão de S. Miguel afirmou aos seus contrários a sua convicção de que, para a Câmara e para a Assembleia Municipal, se deveria votar APU, pois são os homens que melhor podem defender o nosso concelho...

Dir-me-ão que os casos que vos relato podem não ter uma tradução directa. Podem. Mas pelo que vi, pelo que me contaram e pelo que pude deduzir, até era capaz de apostar um almoço no Tavares Rico em como a Câmara de Vila do Bispo vai mudar de mãos.

As próprias campanhas do PS

gosta que se diga — está convencido que vai ganhar outra vez. Considera que o que se passou no interior do seu partido já lá vai, não teve importância nenhuma e pode significar apenas «meia dúzia de votos perdidos e nada mais». E vai mais longe: «Sabe, até foi bom que esses elementos tivessem saído, pois ao aconselharem agora o voto na APU mostram bem o que na realidade são».

Claro que esta opinião do presidente, respeitável certamente, está longe de ser pacífica. Em Lagos há muita gente a dizer que

concurso públicos são coisa que não se conhece» — disse-me alguém que bem sabe como funciona, por dentro, a edilidade. «É tudo por escolha».

Compadrio, arbitrio e corrupção são palavras que se ouvem amiúde quando se aborda a questão «Câmara de Lagos». O caso Lapinha, por exemplo, tem dado que falar. O mesmo acontece com as obras no velho edifício da Câmara, inicialmente orçadas em 8800 contos e que, dias depois, se diz terem custado mais de 20 000 contos. A Câmara recusou fazer um inquérito pedido pela oposição, e remeteu o problema para a Assembleia Municipal. Esta contratou três especialistas para levarem esse inquérito por diante: um advogado, um construtor e um economista. Ao fim de alguns meses estes três homens entregaram um relatório incompleto, por falta de colaboração da Câmara para o levarem até ao fim... Mesmo assim — garantiram-me elementos da APU com quem falei sobre o assunto — esse relatório incompleto já referia situações extremamente comprometedoras para a Câmara, quer no aspecto técnico, quer no financeiro. Perante esta situação a APU propôs que fosse o Governo, através dos organismos próprios, a fazer o inquérito. A AD e o PS, na Assembleia, recusaram... O curioso da questão é que neste momento os três indivíduos que fizeram o tal relatório incompleto integram as listas da AD e do PS para as eleições de 12 de Dezembro: o advogado está na AD e o economista e o construtor no PS.

Absentismo e receio

Na verdade muitas, mas muitas histórias, se poderiam contar sobre Lagos, onde, embora não sendo líquido que o PS vá perder a Câmara — a diferença de votos é grande: 4692 para os socialistas, 2917 para a APU e 2687 para a AD — muita coisa parece estar a mudar.

Aliás as próprias campanhas das três forças reflectem isso mesmo: a AD, embora sem gente com «nervo», investiu bastante, distribuindo com grande profusão cartazes de boa quali-

dade gráfica ao mesmo tempo que mantém permanentemente um moderno carro de som percorrendo sem cessar as ruas da cidade e do concelho.

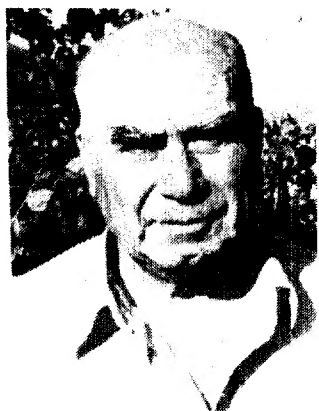
Contudo — diz o PS, diz a APU, diz muita gente com quem tive oportunidade de conversar — a AD está na verdade fora da corrida para a Câmara. Seria uma surpresa total conseguir vencer no concelho pois a sua actuação ao longo dos últimos três anos foi demasiado fraca e primou pelo absentismo.

«Na Assembleia Municipal» — disse ao «DL» o arquitecto Veloso, cabeça de lista da APU para a Câmara — «o absentismo da AD foi de tal ordem que a quase totalidade dos membros eleitos teve que ser substituída por excesso de faltas. Eles tinham 10 membros na AM, mas as substituições foram tantas que esgotaram os 35 nomes efectivos das listas e tiveram até que recorrer aos suplentes... Aliás o absentismo não foi só da AD: a APU, com 11 elementos eleitos na AM chegou a ter a maioria em algumas reuniões em que apareceram apenas 21 dos seus membros — os nossos 11 e mais 10 do PS e da AD...»

Quanto ao PS: o dr. José Baptista está pessoalmente muito empenhado na campanha. Aparece a colar cartazes, vai a todas, mas a equipa que o rodeia — até pelo que atrás se relatou — não prima propriamente pela qualidade. As populações, nas sessões efectuadas e que se conhecem, não têm mostrado grande receptividade — bem pelo contrário. E nem sequer a presença recente do dr. Mário Soares na cidade teve melhor sorte. Nas hostes socialistas, embora se diga o contrário, existe grande receio pelo que possa vir a acontecer. E a perda de votos mas com a manutenção da Câmara, podem crer, já seria um alívio.

A ver vamos, que já faltam poucos dias. Mas numa coisa toda a gente está de acordo: em Vila do Bispo e em Lagos, como em todo o Algarve, as coisas não vão ficar como estão. Já em 79 foi assim. Dizem que assim vai ser em 82.

Ribeiro Cardoso



Joaquim da Costa Franco Lopes: até agora vereador eleito pelo PS, é este ano cabeça de lista da APU para a Assembleia Municipal de Vila do Bispo



José António Rosado Spínola: cabeça de lista da APU para a Câmara Municipal de Vila do Bispo

e do PSD — que apresentam como cabeças de lista Luís Pacheco e José Félix, ambos a trabalhar em Lagos — reflectem um pouco isso mesmo: arrancaram bastante atrasadas, fogem aos contactos directos intensamente procurados pela APU e privilegiam agora a campanha sonora, com carros coloridos munidos de altifalantes cruzando as estradas e as ruas do concelho.

Concursos públicos? É tudo por escolha...

Quanto a Lagos: o presidente da Câmara, dr. José Baptista — licenciado em filosofia, como

os estragos deixados pela sua recandidatura, e fundamentalmente, pelo processo que lhe está na origem, são profundos. E há também quem lembre, com ironia, o tempo em que o dr. Baptista (em entrevista ao «Barlavento») mostrou a sua «disponibilidade» a várias forças políticas, quando julgava já não ter hipóteses de vir a ser de novo o candidato do PS...

De resto contam-se muitas histórias sobre o que tem sido a gestão do dr. Baptista, a quem acusam de um feroz presidencialismo e de uma actuação centralizadora até ao inconcebível.

«Na Câmara de Lagos os

este anúncio pode mudar o seu futuro

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida. Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS. ENVIJE HOJE MESMO —ESTE CUPAO.



CURSOS: COSTURA, FOTOGRAFIA, ELABORAÇÃO DE PUBLICIDADES, MARKETING, CONTABILIDADE, RADIO ELECTRÓNICA, TV, DESENHO E PINTURA, ELECTRICIDADE, LINGUAS, SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um

GRÁTIS

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____



CEC - ALVARO TORRALBA * Radio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA CODEX - Telef. 54 31 36



SINDICATO DOS MÉDICOS DA REGIÃO SUL

(SEDE PROVISÓRIA)
AV. ALMIRANTE REIS, 182, R/C. E 1000 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea a) do n.º 1 do Art.º 21.º do Estatuto do Sindicato, convoco uma Assembleia Geral Extraordinária para o dia 16.12.82, pelas 21.00 horas que reunirá no Anfiteatro do Hospital de D. Estefânia, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- A — Informação
 1. Problema dos S.M.S.
 2. Decreto das Carreiras
 3. Regulamento do Internato
 4. Portaria sobre o Concurso de Especialistas para Hospitais Distritais e Centrais
 5. Datas de exame para os exames de ingresso da Especialidade
- B — Análise da situação financeira
 1. Proposta da Direcção para aumento da quotização

Lisboa, 3 de Dezembro de 1982.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Dr. António Ginestal M. Cruz

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA



ASSEMBLEIA GERAL DE DELEGADOS SINDICAIS CONVOCATÓRIA

Conforme proposta aprovada pela Assembleia de Delegados do passado dia 3, realiza-se nova reunião com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Análise da situação reivindicativa dos professores e perspectivas de actuação
2. Preparação do debate sobre o novo modelo de avaliação de alunos dos ensinos preparatório e secundário.

DIA 10 DE DEZEMBRO

HORA: 21.30

LOCAL: SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS

Largo da Trindade, 16 — 1.º LISBOA

A Direcção
Manuela Esteves

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

"Sapo" de Coimbra para Soares?

Eanista prepara-se para vencer a AD

COIMBRA, 9 — Quem vai ganhar nesta cidade do Mondego? O 'homem de gabinete' (Carlos Encarnação) ou o 'homem de acção' (Mendes Silva)? Vários indicadores apontam para este último, mas haverá muita gente que se interroga até às urnas.

A importância da cidade, as perspectivas da derrota da AD e a peregrinação de governantes por aqui, fazem de Coimbra o íman das atenções políticas. AD e PS jogam forte.

Embora suportada pela AD e pelo PS, ambas as candidaturas estão bastante personalizadas, com destaque para a de Mendes Silva, que em muitos cartazes não adoptou as cores do PS, mas sim as da cidade.

Carlos Encarnação, ex-secretário de Estado da Administração Interna, deixou Lisboa para jogar aqui a sua cartada, com grande risco, na cidade onde há pouco tempo era ainda governador civil, e Mendes Silva, advogado e empresário, ex-delegado da DGD e ex-mandatário de Eanes, tenta um novo degrau do seu prestígio na cidade.

Se Carlos Encarnação der o seu voto ao PSD, o derrotado, se Mendes Silva vencer, não será o PS que efectivamente ganha... e a vitória eanista poderá ser um safo difícil de engolir por Mário Soares. Tanto mais que no PS cinco primeiros lugares estão apenas militantes do ex-secretariado (Fausto Correia e Manuel Machado) e da esquerda laboral (Jaime de Carvalho).

A APU, que concorre com os olhos postos no 3.º vereador tem, como cabeça à câmara, o eng. Júlio Couceiro, que é deputado à Assembleia Municipal. O prof. Jorge Alarcão, actualmente vereador e que tem desenvolvido um trabalho de reconhecido mérito no pelouro da cultura, recandidata-se à cabeça da A.M.

O concelho de Coimbra tem neste momento mais de cem mil habitantes (104 986) eleitores e por isso o executivo passará de nove para onze elementos. Actualmente, a distribuição é de 4 AD, 3 PS e 2 APU, não se prevendo que qualquer das forças consiga obter no domingo a maioria absoluta. O PS pretende conquistar mais dois vereadores e a AD um.

TV e campanhas

Markadas pelo polémico debate que se efectuou na TV, apenas com os candidatos da AD e PS, as campanhas têm características diferentes. A AD apoia-se nos governantes que aqui demandam, Mendes Silva aposta na mobilização dos eleitores para a participação nos programas, e a APU joga no porta-a-porta.

Mais vantajoso para o candidato AD do que para Mendes Silva, o debate na TV está a ser um dos elementos centrais da campanha da APU contra o candidato independente do PS. A possibilidade de pescar nas águas da APU ficou limitada.

Promovida pela AD, assistimos a uma reunião com o ministro Luís Barbosa. Sessão vulgar, com o ministro a defender as suas medidas e os médicos a contrapor aspectos não só deontológicos, como sindicais. Quem mais falou foi naturalmente o ministro.

Diferentes têm sido as reuniões de trabalho da candidatura de Mendes Silva. Este ouve e regista, a assistência fala. São sessões de auscultação e apreensão dos problemas. Nas visitas às zonas rurais de Trouxemil e Vila de Matos, sobe-se, enfiase os sapatos na lama, vê-se o lavadouro, sentem-se os problemas: falta de água, saneamento, arruamentos... As pessoas contam, dão achegas, dis-

cutem prioridades. Mendes Silva regista, não promete, apela à participação. «Isto serve para ter uma dimensão real dos problemas» — diz-nos o candidato. «Mãos à obra» é o lema desta candidatura. Outras reuniões com empresários estudantes, sindicalistas, etc., serviram também para sistematizar os problemas e necessidades o que faz parte do programa que saiu anteontem.

A demonstrar que já está em acção, Mendes Silva abre uma gaveta do seu gabinete, põe um papel em cima da mesa e diz: «isto é um exemplo». E mostra um projecto concebido por um arquitecto italiano que vive em Coimbra para uma das zonas mais degradadas da cidade — Terreiro de Erva. Será uma casa de cultura, com parque de estacionamento na subcave, com galerias para artistas, auditório, salas para trabalho artesanal, etc.. É uma proposta.

Torre de Vilela é uma freguesia do concelho. Júlio Couceiro, APU, tinha uma sessão marcada para uma noite destas. Chovia, o candidato esperou, esperou e passaram 90 minutos, nem meia dúzia de pessoas, arrumou a pasta e foi-se embora. Depois justificou: «o que temos feito mais é o porta-a-porta porque as sessões de esclarecimento já não resultam».

«Candidatura de fora»

O processo de escolha do ex-secretário de Estado, Carlos Encarnação, provocou um verdadeiro terramoto nos órgãos dirigentes locais. Demitiram-se quatro dos onze membros da comissão concelhia do PSD — Vasco Cunha, Teresa Patrício, João José Rebelo e Amadeu Magalhães Pereira — e toda a comissão distrital (liderada por Pais de Sousa) que entretanto entendeu dever manter um pequeno núcleo para evitar uma eleição intercalar. Na mesma ocasião, Setembro, demitiu-se também de funções o presidente do conselho de jurisdição, dr. Francisco Faria, e o prof. Pedro Dias, da distrital, abandonou mesmo o partido.

Segundo informações recolhidas de vários elementos, nunca estiveram em causa as capacidades de Carlos Encarnação, analista de sistemas, mas sim a forma como se apresentou para candidato. O actual presidente da Câmara, eng. António Moreira, já tinha sido convidado pela comissão política para recandidatar-se, aceitará, chegou mesmo a ir às freguesias preparar as listas e depois veio o dr. Carlos Encarnação, exonerado em 27 de Outubro, e disposto a fazer a sua aposta pessoal em Coimbra. Mas nem Marcelo Ribeiro de Sousa, nem António Capucho, são alheios ao processo e a candidatura é imposta de fora para dentro nos órgãos locais.

Para além dos abalos no PSD — que terão naturais reflexos no congresso social-democrata — a

candidatura de Carlos Encarnação atingiu profundamente a AD e o CDS chegou a pensar em concorrer com uma alternativa. Apressados, vieram de Lisboa dois «bombeiros», António Capucho e Amadeu Magalhães Pereira, e as coisas compuseram-se, sem empenhamento do CDS. Pardo Oliveira diz expressamente o CDS está a fazer tanto, como fez nas outras eleições, praticamente nada. Para obrigar centristas a engolirem o ex-secretário, o PSD teve que ceder cinco cabeças de lista às Assembleias de Freguesia. José Gama, presidente distritalcentrista, exhibe o facto como ganho, mas Paulo Oliveira disse que era uma questão de justiça.

Carlos Encarnação, que fez parte das opções inadiáveis é tido como afecto à linha de Balsemão. Ao D.L. diz no entanto que não: «nunca fiz declaração de amor». (Em Coimbra tem muita força o sector crítico). Acrescenta que não tem qualquer ligação com um ou outro sector do PSD e acrescenta que às vezes até é visto como esquerdistas.

— Acha possível um esquerdistas no Ministério de Angelo Correia? — inquirimos.

— Parece que sim — afirma, enumerando factos que no seu entender dão aquele perfil.

Tal como Mendes Silva, Carlos Encarnação confessa-se confiante na vitória, apesar do «natural desgaste do governo e da especulação feita com a minha candidatura». No seu entender está a recuperar terreno, depois do debate televisivo.

Mesmo que eventualmente perca, o candidato da AD garante que vai ficar três anos em Coimbra, como vereador.

Ainda que haja quem fale em incompatibilidades com Angelo Correia, Carlos Encarnação afirma que deixou o governo «porque nos próximos três anos a consolidação do estado democrático é mais importante nas autarquias».

Na opinião do responsável da campanha da AD, Pardo Oliveira, «é preferível perder Coimbra do que ficar sem três ou quatro Câmaras do distrito». Curiosamente, estão dentro desta margem os conselhos mais difíceis para a AD ou PSD, casos de Penacova, Gois, Lousã e Penela.

Os três primeiros estão aliás na mira do PS, que os deteve já em 1976/79. Penacova tem ainda a particularidade de ser um concelho onde tanto o CDS, como o PS e o PSD pretendem a dianteira. José Gama, do CDS, que está pelos resultados de 79, com menos 2000 votos que o PSD, mas que espera recuperar. Para Pardo Oliveira, porém, «ou vencemos nós ou o PS, o CDS nunca».

Em Penela, o PSD teme não o PS, mas o homem que vai fazer votar na mãozinha: nada mais, nada menos que o n. 2 da ex-ANP distrital, eng. Augusto Correia. Na óptica de José Gama, tudo isto se deve à forma suicida como o PSD teve em concorrer sozinho. De resto, a mesma acusação é feita relativamente a Penacova e Gois, assumindo a guerra neste concelho um cariz nitidamente pessoal. Rivalidades com o actual presidente da Câmara (PSD) levaram a que o presidente da A.M., Nogueira Pereira do CDS, concorra pelo PS, tal como o Dr. Alentista, que se ufana de estar à direita do CDS. Resultado: o PS tem a vitória na mão.



Carlos Encarnação, candidato da AD



Júlio Couceiro, candidato da APU



Mendes Silva, independente pelo PS

Quanto ao não aparecimento de mais listas AD, José Gama atira todas as culpas para cima do PSD que, como se sabe, quer medir forças. Registe-se que doze dos dezassete conselhos do distrito são do PSD.

Na Pampilhosa da Serra, onde há uma lista ASDI, liderada por um PS, Júlio Simões, e em Tábua, o CDS pensa que conseguirá retirar a maioria absoluta ao PSD. Pardo Oliveira diz que não.

Em Condeixa, Figueira da Foz, e Montemor-o-Velho, a AD pensa, vir a subir bastante, a ponto de sonhar com a conquista das duas últimas ao PS. Nestas também a APU crê vir a subir, elegendo mais um vereador. Condeixa, Soure, Penacova e Lousã, são também zonas de

crescimento para a APU que, segundo o dirigente Lino José, visa eleger o seu primeiro vereador em cada uma delas.

Coimbra para o «Guinness»

A peregrinação de membros do governo a Coimbra nestas últimas semanas faz acreditar que o poder central aposta, nesta cidade, a sua sobrevivência, em termos de resultados das autárquicas. Como nestas coisas não se deve perder o humor, apesar de tudo, não falta quem apresente uma proposta para o «guinness»: Coimbra, a cidade que no mais curto espaço de tempo recebeu mais visitas de ministros e secretários de Estado...

O caso é, de facto, escandaloso, mas vários governantes continuam a prestar-se ao ridi-

culo. Uns vêm ver obras, outros inaugurar, palestrar e ainda outros dizer que vamos bem obrigado...

As críticas surgem mesmo no seio da AD. Diz-nos um alto quadro do PSD: «se eu mandasse nunca permitiria uma coisa destas». Não tanto por ser ridículo, mas sobretudo pelo factor de risco que comporta. Com efeito, dizia: então se a AD perde, a derrota passa também a ser do governo, da sua política.

Ou seja: ao mesmo tempo que contraria as ilações que a oposição quer tirar dos resultados eleitorais, o governo põe explicitamente a sua política à prova do voto.

E agora?

Luís Humberto Marcos



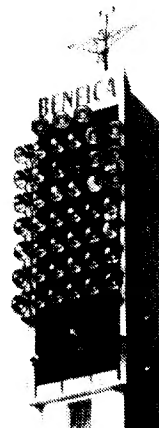
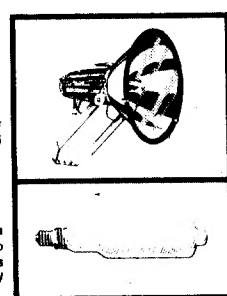
Nova instalação de iluminação Philips no Estádio do Sport Lisboa e Benfica

O equipamento Philips desta nova instalação, produz um nível de iluminação médio de 1260 lux — o quádruplo do nível anterior e de longe o maior em Estádios Portugueses — permitirá que, a partir de agora se realizem no Estádio da Luz competições ao mais alto nível mundial, de acordo com as exigências da UEFA.



Projector HNF 006

Lâmpadas de descarga em vapor de mercúrio com iódetos metálicos tipo HPI — T 2000 W



PHILIPS

PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.

VITÓRIA DA LUZ PHILIPS NO ESTÁDIO DA LUZ

de ontem para hoje

Monteiro Pereira sepultado em Leiria

O administrador da Fábrica de Louças de Sacavém, Monteiro Pereira, abatido a tiro, em Almada, num atentado reivindicado pelas autodenominadas «FP-25», foi a sepultar hoje em Leiria, terra da sua naturalidade. Por outro lado, e enquanto a Polícia Judiciária mantém o mais absoluto silêncio sobre as investigações, a ex-mulher de um sócio de Monteiro Pereira, na Fábrica de Louças de Sacavém, suicidou-se na sua residência em Coimbra. Maria Margarida de Sousa Cardoso Macedo, de 52 anos, que deixa dois filhos, sofreu de perturbações psicológicas, tendo-se suicidado aparentemente depois de ter ouvido, na Televisão, a notícia da morte de Monteiro Pereira.

Espancamentos na Cadeia de Alcoentre

Reclusos do Estabelecimento Prisional de Alcoentre, em Vale de Judeus, afirmam em carta chegada à nossa Redacção, devidamente identificada, que naquela cadeia «todas as leis são manifestamente violadas, com ameaças, espancamentos, provocações e o desrespeito total por todos os direitos humanos». Apontando como principais autores das alegadas sevícias o subchefe Castanheira e os guardas Alexandre, Critério e Pernas, os subscritores do documento exigem «um inquérito imparcial» à situação em Alcoentre, dirigido por um inspector dos Serviços Prisionais «digno e competente». Bem como a sua transferência para outros estabelecimentos prisionais «aonde vigorem as leis e os deveres e os direitos sejam respeitados».



Saltou do comboio em Campolide

Um jovem de 15 anos de raça cigana, António dos Santos Gil, foi trucidado na estação de Campolide ao saltar pela janela da composição em que viajava. Apanhado pela terceira carruagem do comboio, na altura do acidente a média velocidade, António Gil, que residia na Falagueira (Amadora), ficou com o corpo cortado ao meio. Suspeita-se que o jovem fugia de alguém.

Ourives assaltado em Viseu

A Polícia Judiciária procura localizar os três indivíduos que, no fim da manhã de anteontem, assaltaram, nos arredores de Viseu, o ourives Amadeu de Oliveira, roubando-lhe ouro, prata e relógios no valor aproximado de dez mil contos. Os assaltantes, que como tudo indica conheciam os movimentos de Amadeu de Oliveira, actuaram armados com uma G-3 e uma caçadeira de canos serrados, obrigando o ourives a sair da carrinha onde se transportava. O veículo foi

encontrado mais tarde abandonado no lugar de Caçador, ao mesmo tempo que eram recuperados 120 relógios e algumas pastas com pratos numa mata junto à estrada, em Papizios, Carregal do Sal. No decorrer da «operação» um dos assaltantes disparou um tiro de intimidação contra o radiador de um veículo que passava no local, atingindo com alguns chumbos, o seu condutor, o comerciante José Alberto.

Atropelou mortalmente e fugiu

Quando se dirigia para o trabalho, numa fábrica de Santo Tirso, foi atropelada por um automóvel, em Água Longa, a operária têxtil Maria Manuela Gonçalves Lopes, de 18 anos. A jovem, que residia em Alfena (Vale de Cambra), chegou já sem vida ao Hospital de S. João, no Porto. O condutor do veículo pôs-se em fuga.

Alvejado no Príncipe Real

Sem motivos aparentes, quatro indivíduos ainda jovens que se faziam transportar numa carrinha «Ford Transit», com uma chapa de identificação azul da zona do Azetão, alvejaram ao princípio da madrugada de ontem dois transeuntes, junto às bombas de gasolina, na Praça do Príncipe

Real, em Lisboa. A ocorrência foi participada na Esquadra do Rato por um dos alvejados, José Manuel Figueiredo Ramalho, de 27 anos, residente no Cacém, que foi atingido no pé direito pelo que teve de receber tratamento no Hospital de S. José.

Acidente com operário da CP

O operário da CP Augusto Ferreira, de 58 anos, casado, foi apanhado por um comboio que o entalou contra um muro, quando reparava uma avaria na caixa de ligação de uma cantanária, na estação de Coimbra-A. A vítima, que é natural e residente em Castilhões (Penafiel), foi transportada para os Hospitais da Universidade de Coimbra, onde esta manhã ainda se encontrava em estado grave.

Troca de tiros com Guarda Fiscal

Troca de tiros entre uma patrulha da Guarda Fiscal e os dois ocupantes de uma viatura em fuga, puseram em sobressalto na madrugada de ontem a população do lugar de Anha (Viana do Castelo). Os fugitivos, possivelmente contrabandistas, acabaram por despistar-se, conseguindo no entanto abandonar o veículo e perder-se na escuridão. No interior do veículo foi descoberto documentação pertencente a um indivíduo residente na localidade de Santa Leocádia (Tâmega), na área de Barcelos.

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

UEDS e ASDI levaram apoio a Soares

Pavilhão não ficou cheio com a «família» socialista

A «família» socialista reuniu-se na terça-feira à noite em «grande comício» no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa. Tanto não bastou para encher o recinto, apesar da prevista intervenção de responsáveis como Margarida Marques, da Juventude Socialista, de Lopes Cardoso, Cunha Leal, Eduardo Pereira e Mário Soares.

O secretário-geral do PS estava em dia de aniversário e até merecia uma melhor prenda. Já no final do comício explicaria que à mesma hora se efectuavam outras reuniões socialistas em Lisboa e que a convocatória para o Pavilhão fora feita de improviso.

A tónica da sua intervenção foi a de que as eleições de domingo «representam um teste ao descontentamento do povo português em relação à AD».

As suas palavras recaíram, porém, sobre o caso concreto das eleições em Lisboa: «Não quero deixar uma mensagem de triunfalismo mas há uma grande dinâmica de vitória» — disse. «Quando apresentamos o nosso projecto» — acrescentou — «há uma luz de esperança nos olhos das pessoas...»

Mário Soares insistiu, mais uma vez, na necessidade de que o PR saiba que é preciso demitir o Governo e dissolver a Assembleia da República, depois das eleições de 12 de Dezembro.

O apelo misturado com críticas ao PR seria ouvido ao longo da noite em várias intervenções, como aconteceu com Manuel Alegre e Lopes Cardoso. Alegre, «um deputado, um político, um poeta», como foi apresentado,

concretizou: «Eis aqui um novo teste. Um teste à capacidade de decisão do PR.» E interrogava-se sobre se Eanes «só é capaz de demitir governos de esquerda e não tem coragem política para demitir governos de direita».

Uma cidade inteira

As palavras de ordem gritadas no Pavilhão dos Desportos também têm a sua conta de curiosidade, umas assumindo-se pela negativa, outras pela positiva. Dois exemplos: «Lisboa será feliz sem o Abecasis» e «se quiseres Lisboa inteira, vota Eduardo Pereira».

Eduardo Pereira levaria ao comício uma mensagem de optimismo decorrente da «receptividade ao nosso programa, aos elementos de propaganda que distribuímos». «O carinho com que fomos recebidos é enorme» — assegurou.

A AD foi a principal visada dos

ataques do PS, através do actual presidente, Krus Abecasis. Mas não faltaram as referências à APU, como foi o caso de Eduardo Pereira, que disse haver acordo entre os seus opositores «em levantar toda a espécie de obstáculos ao esclarecimento e ao diálogo» que o incluísem.

Mário Soares, e não só, negaria à APU a capacidade de constituir alternativa à AD, razão por que o voto útil seria o que fosse favorável ao seu próprio partido. «O voto na APU pode ser um voto de protesto mas a APU não pode nem deve ser uma alternativa à AD».

A defesa de Lisboa foi integrada, por Eduardo Pereira, no âmbito dos problemas que a área metropolitana vive no seu conjunto. A regionalização e a descentralização «são para este Governo peças eleitorais ou sistemas de controlo das autarquias existentes» — acusou, a propósito.

«Torna-se cada vez mais difícil a cada autarquia, e em especial a Lisboa, exercer o papel que deveria desempenhar na luta que lhe compete pela melhoria da qualidade de vida das populações» — acrescentou o candidato PS à Câmara da capital.

A única alternativa

O secretário-geral da UEDS fez questão de explicitar no Pavilhão dos Desportos o seu apoio

aos candidatos do seu partido que integram as listas do PS para as autarquias locais.

O voto PS, ao que disse, é «a única alternativa capaz de fazer renascer a esperança de Abril».

As suas palavras apontavam porém, para mais longe: a coligação PS/UEDS ultrapassa as eleições autárquicas, para atingir uma dimensão nacional, sob a forma de um projecto de esperança.

Trata-se afinal, de aprofundar o «diálogo entre todas as forças do socialismo democrático, construído em liberdade e democracia, face à exploração do capital, ao falhanço das sociedades burocratizadas, à reprodução de formas opressivas tão antigas como as ditaduras militares».

Cunha Leal, integrando listas do PS pela ASDI, lembraria a situação actual para justificar que se ponham de parte «pequenas querelas». Concretamente, ao que disse, espera que destas eleições saia a força necessária para obrigar o Poder Central a respeitar os princípios da descentralização administrativa.

A representante da Juventude Socialista levaria ali, pela sua parte, a tese de que as autarquias «se devem assumir como centros de mobilização popular» no sentido da transformação da sociedade.

Penúltimo dia das eleições autárquicas

Soares e Cunhal insistem na demissão do Governo

A Aliança Povo Unido encerra esta noite a campanha eleitoral para as autárquicas com um comício no Pavilhão dos Desportos em que participam Álvaro Cunhal, José Manuel Tengarrinha e Alfredo Moura, candidato à presidência da CM lisboeta, entre outros.

Mário Soares, por seu turno, prossegue a campanha do PS com um encontro com funcionários da Câmara de Lisboa e visitas a bairros degradados da periferia, como Musgueira e Galinheiras. A AD promove uma conferência de imprensa num hotel de Lisboa para fazer o balanço da campanha, enquanto alguns líderes do PSD, como Nascimento Rodrigues e Leonardo Ribeiro de Almeida, participam em comícios da coligação nos distritos de Portalegre e Santarém, respectivamente. O PCTP-MRPP promove também, hoje à noite, o seu comício de encerramento de campanha, na Voz do Operário, em Lisboa.

Para o penúltimo dia de campanha eleitoral estão previstos centenas de outros actos de campanha eleitoral em todo o País, desde comícios e sessões de esclarecimento aos chamados contactos porta-a-porta, a que todas as forças concorrentes às eleições decidiram recorrer.

É também esta noite que a APU promove um comício de encerramento na Sociedade Euterpe Alhandense, em Alhandra, com a participação de Jerónimo de Sousa, no qual também usará da palavra Daniel Branco, recandidato à presidência da CM de Vila Franca de Xira, e João Jaime, candidato à JF alhandrense.

Outros comícios da APU, hoje: Amadora (Damaia), com Octávio Pato e Orlando de Almeida, no Cinema D. João V; Cascais: Veiga de Oliveira em S. Domingos da Rana (à tarde); à noite, em Talide. E amanhã: em Alenquer, Azambuja, Cascais e Vila Franca (Vialonga).

Hoje é o penúltimo dia da campanha para as autárquicas que amanhã encerra com um comício da AD no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, e que é assinalado pela prevista au-

sência do presidente do directório do PPM, Ribeiro Teles. Sábado é dia de reflexão e domingo a ida às urnas. Se o comício da APU e os movimentos de Soares dominam a actividade eleitoral de hoje, já ontem os dois líderes estiveram na crista das ondas, no nono dia da campanha, marcado por alguns incidentes.

Assim, o secretário-geral do PS movimentou-se entre Belas e Sintra apelando ao voto útil e afirmando serem destituídos de efeitos práticos os votos nos comunistas. O líder do PCP, por seu turno, que percorreu o concelho de Loures, lamentava que os socialistas não tenham aceite uma acção comum «para correr com a AD das autarquias».

Cunhal mostrou-se convicto de que a AD perderá, a nível nacional, 300 mil votos em relação às últimas eleições legislativas. Soares voltou a reafirmar que o Presidente da República deve demitir o Governo e dissolver o Parlamento em função dos resultados das eleições de domingo.

A AD e os partidos que a integram promoveram em todo o País mais de 200 comícios e sessões de campanha, de que se destacaram as presenças de Leonardo Ribeiro de Almeida em Alcanena (distrito de Santarém) e Alberto João Jardim e Mota Amaral, respectivamente em Porto Moniz (Madeira) e Capelas (Açores). O antepenúltimo dia de campanha foi assinalado por alguns incidentes, designadamente no Porto, onde sete militantes da AD ficaram ligeiramente feridos após recontros com populares, e em Porto Moniz, entre elementos do PSD e do CDS.

No distrito de Bragança, uma carravana da APU foi interceptada por um casal de camponeses em dificuldades, permitindo-lhe chegar a tempo ao hospital de Vila Flor, onde depois a

mulher deu à luz uma criança do sexo masculino.

«Eanes tem poderes para demitir o Governo»

Álvaro Cunhal afirmou ontem, em Loures, que a AD irá perder centenas de milhares de votos nas eleições de domingo, muitos deles em favor da APU.

Num encontro com a população do terceiro concelho do País (Loures), o secretário-geral do PCP acentuou que, «mesmo que a AD baixasse apenas para os 40 por cento, como têm dito alguns dos seus dirigentes, isso já significaria uma perda de 300 000 votos, e, consequentemente, uma derrota colossal».

No entanto, Álvaro Cunhal afirmou que não basta ser a AD a descer, e considerar indispensável uma subida da coligação a que pertence. «Será juntando estes dois resultados que iremos reclamar a imediata substituição do Governo» — acrescentou.

Se não fosse a APU mas o PS a registar uma subida significativa nas eleições do dia 12, o dirigente comunista pensa que «isso serviria de imediato à Direcção do PS como apoio à sua política de aliança à direita».

«Amanhã, a Direcção do PS iria utilizar essa subida de votos, não contra a AD, mas contra o Presidente da República» — disse Álvaro Cunhal, acrescentando que, «apesar das dificuldades criadas com a revisão constitucional, continua a ser Ramalho Eanes a ter poderes para demitir o Governo».

O actual presidente da Câmara de Loures e de novo candidato da APU, Severiano Falcão, afirmou que Loures é, actualmente, o concelho do País onde mais se constrói. Severiano Falcão disse que estão licenciados alvarás que permitem a construção de 500 000 fogos, o que fará com que a construção civil do concelho tenha trabalho durante 20 anos.

No entanto, o presidente da câmara afirma ter contado com duas dificuldades básicas durante o mandato que agora termina.

A noite, em Moscavide, o secretário-geral do PCP acusou o Governo da AD de «estar a prejudicar o carácter democrático das eleições» ao utilizar a Rádio e a RTP para transmitir «as mais absurdas mentiras e provocações». Sobre o atentado de que foi vítima um administrador das Fábricas de Louças de Sacavém, considerou-o «um acto terrorista que se traduziu numa provocação aos trabalhadores daquela empresa», para além de ter servido a Ângelo Correia para defender a criação de um Serviço de Informação «que se sabe estar a ser organizado no seu ministério».

Soares insiste em nova consulta

Dois comícios do PS, um em Lisboa (com Soares) e outro no Porto (com Almeida Santos) dominaram o oitavo dia da campanha do Partido Socialista do mesmo modo, aliás, que a eclosão de conflitos entre o PSD e o CDS em Celorico da Beira, Guarda e Leiria.

Na sua digressão por Belas e Sintra e às freguesias de Sacavém, Pontinha e Odivelas, Soares acentuou que se os resultados forem favoráveis à oposição, poder-se-á verificar o derrube do Governo e a dissolução da AR.

Mário Soares repisou a ideia, já expressa em anteriores momentos da campanha, de que importa que o Presidente Eanes, depois de 12 de Dezembro, «saiba que é preciso demitir o Governo e dissolver a Assembleia».

Nos vários contactos estabelecidos na via pública com as populações, sublinhou a necessidade de «uma nova consulta popular», a qual considerou que não poderá deixar de dar uma resposta negativa ao prosseguimento do «desgoverno» da actual maioria.

Trabalhadores do Ritz em greve

A greve de 24 horas que os trabalhadores do Hotel Ritz estão hoje a cumprir regista uma adesão de cerca de 85 por cento, segundo um dirigente do Sindicato da Hotelaria.

Os trabalhadores lutam contra a repressão na empresa, exigindo que os processos disciplinares instaurados a um chefe de mesa com 25 anos de casa, sejam arquivados.

A paralisação, aprovada em plenário, foi igualmente decretada porque a administração se tem recusado a receber os representantes dos trabalhadores para negociar a revisão da actual tabela salarial.

O Hotel Ritz emprega cerca de 500 trabalhadores.

Não docentes da Faculdade de Direito

A greve dos trabalhadores não docentes da Faculdade de Direito de Lisboa, anunciada para

hoje e amanhã foi suspensa, mantendo-se o pré-aviso para os dias 15, 16 e 17.

A informação, veiculada através da Federação da Função Pública, adverte que a suspensão dos dois primeiros dias se prende com garantias dadas pelo reitor daquela Faculdade no sentido de remeter ao Tribunal de Contas, até amanhã, todos os processos retidos desde Julho.

A retenção dos processos relaciona-se com a tomada de posição daqueles trabalhadores, pois diz respeito à atribuição de verbas que eles reivindicam.

O pré-aviso de greve serve de «salvaguarda do cumprimento do compromisso assumido pelo reitor» — diz a Federação.

Tabela salarial dos seguros

A Federação dos Sindicatos

de Seguros de Portugal (FSSP) afirmou que as negociações para a revisão da tabela salarial «decorrem penosamente perante a intransigência e irredutibilidade do Governo».

Em comunicado, a FSSP diz que «o Governo é fielmente servido pelas associações patronais».

A proposta inicial do patronato, de 14,86 por cento de aumento, a segunda, de 16,81 por cento, e a mais recente, de 17,35 por cento, são classificadas pela FSSP como «iníquas e injustas, por exigirem aos trabalhadores uma perda drástica do poder de compra».

A Federação dos Sindicatos recusa aquelas propostas «por representarem um agravamento intolerável do nível de vida dos trabalhadores de seguros».

O comunicado refere também que «a atitude patronal e do Governo é um acto de violência gratuito e injustificável à luz de qual-

quer critério minimamente razoável que respeite o homem trabalhador».

Segurança Social

O Governo está a «privilegiar» a expensas dos trabalhadores as instituições privadas de segurança social, afirma a CGTP-IN num comunicado agora divulgado.

A central sindical comenta desse modo as recentes declarações, em Coimbra, do secretário de Estado da Segurança Social, que anunciou aumentos de 20 a 37 por cento dos subsídios a tais instituições.

A CGTP-IN indica que «esses subsídios são retirados das contribuições dos trabalhadores» e que «às instituições de Previdência Social, constitucionalmente, só cabe um papel supletivo em relação ao do Estado».

Soltas

Os órgãos representativos dos trabalhadores da Gelmar acusam a comissão administrativa da empresa e o Governo AD de terem à prática o seu «plano de recuperação económico-financeiro» através do despedimento de trabalhadores.

Deposits de darem conta da entrega ao Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas de um documento de que constavam «as anomalias vividas dentro da empresa», bem como as soluções que os trabalhadores apontam para resolver os problemas da Gelmar, os dirigentes sindicais afirmam a sua disposição de desenvolverem «todas as acções ao nosso alcance, para que os trabalhadores agora abrangidos por despedimentos ilegais, sejam reintegrados nos seus postos de trabalho».

A União de Sindicatos do Porto (USP) exigiu a «publicação imediata» do inquérito oficial aos incidentes verificados no Porto na madrugada do 1.º de Maio.

Em comunicado, aquela estrutura sindical diz ter já encetado

conversações com forças políticas representativas na Assembleia da República «no sentido de combater a tentativa de Ângelo Correia e do Governo de esconderem os resultados do inquérito oficial». O Governo e o ministro da Administração Interna — sublinha o documento — ao não permitirem a publicação do inquérito estão a furtar-se «à responsabilidade moral e política que lhes cabe, nomeadamente utilizando a mentira e a calúnia mais despendorada».

Chegam no próximo sábado, a Lisboa, dois dirigentes da central sindical turca, DISK. Estes sindicalistas, exilados após o golpe militar que levou a ditadura ao Poder na Turquia, visitarão o nosso país a convite da União Geral de Trabalhadores. Presentemente, encontram-se em Bruxelas onde têm recebido apoio e solidariedade da Confederação Internacional de Sindicatos Livres (CISL) e da Confederação Geral dos Trabalhadores Belgas (FGTB).

economia

Próxima reunião Portugal-CEE é no dia 21 em Bruxelas

As negociações para a adesão de Portugal à CEE devem prosseguir no dia 21, com a realização de uma reunião a nível de suplentes, disse uma fonte governamental.

A reunião estava prevista já há algum tempo e a sua concretização só depende da existência de assuntos, podendo os Dez apresentarem declarações nomeadamente no capítulo dos assuntos sociais, que engloba a livre circulação de trabalhadores.

Também se encontra prevista para Janeiro uma reunião ministerial já sob a presidência da República Federal da Alemanha, cujo ministro dos Negócios Estrangeiros, Dietrich Genscher, já manifestou a intenção de prosseguir as negociações com Portugal nos assuntos não condicionados pela decisão do Conselho Europeu de Copenhaga.

O Governo português não tem previsto para já tomar nenhuma posição oficial sobre as decisões de Copenhaga, nomeadamente o adiamento para Março de uma resolução dos Dez sobre o inventário relativo aos problemas do alargamento da Comunidade — disse à ANOP uma fonte governamental, que considerou praticamente certo que a adesão não se concretizará antes de 1985.

Freitas do Amaral descontente

«De efeitos muito negativos para Lisboa e Madrid» foi como o vice-primeiro-ministro português, Freitas do Amaral, qualificou a decisão do Conselho Europeu, tomada em Copenhaga, de atrasar a adesão de Portugal e Espanha à CEE.

Amaral falava no 4.º Congresso do Partido Popular Europeu em Bagnolet, próximo de Paris, e comentou a situação dizendo ter a impressão de que «em cada fase surge sempre um pretexto para atrasar a adesão dos dois países à CEE» e por isso se corre o risco «de se transformar o processo em contestação à ideia europeia».

Soube-se, entretanto, que já foi desbloqueada a comparticipação financeira da Comunidade para o projecto de navegabilidade do Douro.

Essa comparticipação é de seis milhões de unidades de conta europeia, correspondentes a 480 mil contos. O custo total do projecto ascende a mais de dois milhões de contos, em grande parte suportado pela EDP devido ao aumento da valia eléctrica das barragens do rio Douro.

Gasolina espanhola a mais cara da Europa

O primeiro conselho de ministros do Governo socialista espanhol decidiu, 3.ª feira, um aumento dos preços da gasolina de mais de 21 por cento, anunciou o porta-voz do Governo, Eduardo Sotillos.

Numa conferência de imprensa no final deste conselho de ministros, Sotillos indicou que a gasolina normal (90 octanas) passa de 65 para 79 pesetas a super de 71 para 86 pesetas e a extra de 73 para 89 pesetas.

«Não é assim tão agradável para um Governo começar com a adopção de medidas consideradas duras pela opinião pública», declarou em seguida o primeiro-ministro Felipe Gonzalez.

Cotando a peseta a 0,8 escudos temos que o litro de super custa hoje no país vizinho, cerca de 70 escudos o que a torna a mais cara da Europa, e provavelmente, de todo o Mundo.

Embalagem. A outra face do produto



A indústria do papel responde com a nossa embalagem. Produzimos a embalagem e do eng...

A sua marca é a nossa marca e marca a nossa qualidade. Estamos em todo o País. Chegamos onde chega o esforço industrial.

Juntos chegamos melhor mais longe.

Ser primeiro é sê-lo também na responsabilidade.

Há sempre uma embalagem...



PORTUCEL
EMPRESA DE CELULOSE E PAPEL DE PORTUGAL, S.A.
Direcção EMBALAGEM

Mísseis para Israel?

Telavive e Washington juntaram um anexo secreto ao seu memorando sobre a cooperação estratégica, autorizando a instalação de mísseis Pershing-2 e mísseis de Cruzeiro, munidos de Ogivas nucleares, na Terra Prometida, afirmou o órgão do ministério soviético da Defesa, Estrela Vermelha.

Segundo este jornal, os dois Estados também pensariam em utilizar a arma de neutrões para exterminar as populações árabes deixando intactos os poços de petróleo.

Atentados no Líbano

Dois atentados com explosivos fizeram na 3.ª feira quatro mortos e vários feridos no Norte e no Centro do Líbano, e três milicianos das forças libanesas

foram mortos numa emboscada em Aley.

A explosão de uma carga de dinamite, colocada na rua frente à sede do Partido Socialista Progressista (PSP-Druzo) de Walid Jumblatt, em Tripoli (Norte do Líbano), fez dois mortos e 12 feridos.

Algumas horas antes, a explosão de um carro armadilhado na localidade de Barr Elias, à beira da estrada internacional Beirut-Damasco (na planície de Bekaa) tinha provocado duas vítimas e feito três feridos.

Greve em Israel

A vida económica e social de Israel foi grandemente perturbada no dia 7, pela greve de cerca de 400 mil funcionários, praticamente um terço da população activa do país.

37 mortos

África do Sul invade o Lesotho

Tropas sul-africanas entraram hoje pela primeira vez, no pequeno reino independente do Lesotho, para atacarem bases e instalações do «ANC» (Congresso Nacional Africano) na capital, Maseru, matando trinta e sete pessoas.

Ficaram feridos quatro soldados sul-africanos. Depois do seu ataque-relâmpago lançado em Maseru, as tropas de Pretória, que, segundo Rádio-Maseru, foram helicoptadas, regressaram às suas bases, levando um considerável número de armas, explosivos e documentos.

É a primeira vez que o Exército sul-africano — que lança regularmente operações em Angola contra as bases dos nacionalistas da «SWAPO» — leva a cabo um ataque desta importância contra o pequeno Reino do Lesotho, que conta 1.2 milhões de habitantes.

Ataque a Moçambique

Soldados sul-africanos atacaram na segunda-feira uma quinta estatal, situada em território moçambicano, a 9 quilómetros da fronteira com a África do Sul, ferindo 16 pessoas e destruindo três tractores, anunciou ontem a agência de informação AIM.

O ataque ocorreu na região de Mapulanguene na província de Maputo, 170 km a Nordeste da capital, precisa a agência.

A região Mapulanguene foi por outro lado, alvo de numerosos ataques contra localidades e meios de transporte lançados por terroristas do MNR (Movimento Nacional de Resistência), que é financiado pela África do Sul.

Como é habitual, Pretória desmentiu mais este crime.

Golpe de Estado no Suriname

Os militares assumiram o controlo total da República do Suriname para «evitar o caos e um banho de sangue», anunciou ontem a Rádio oficial do país, captada em Georgetown (Guiana).

A Rádio do Suriname tem estado a transmitir marchas militares, interrompidas a espaços pela leitura de um comunicado anunciando que os militares, sob o comando do coronel Desi Bouterse, o homem forte do Exército, assumiram o controlo total do país.

As autoridades militares do Suriname (antiga Guiana Holandesa) ordenaram uma maior vigilância nas fronteiras com os três países vizinhos (Guiana, Brasil e Guiana Francesa), acrescentou a Rádio oficial captada em Georgetown.

Por outro lado, três «instituições antigovernamentais» — um jornal, uma central sindical dirigida por Cyril Daal e a Rádio Hindu («Radhica» — foram «destruídas», indicou a estação sem mais pormenores.

Segundo o comunicado, «a situação é calma mas tensa». Todas as escolas se encontram encerradas.

Não há, de momento, qualquer indicação sobre as razões exactas desta atitude do Exército que tem estado praticamente à frente do Suriname desde 1980 e apoia o Governo de Henry Neyhorst.

Namíbia em discussão

Conversações Angola-África do Sul em “terreno neutro” ca

Governantes angolanos e sul-africanos mantiveram silêncio quanto ao teor do encontro entre representantes de Angola e da África do Sul realizado ontem na ilha do Sal, Cabo Verde.

A delegação sul-africana — soube a ANOP de fontes não oficiais —, era chefiada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, R. Botha, e incluía o ministro da Defesa, general Malan.

A de Angola — segundo as mesmas fontes — chefiada pelo ministro do Interior, integrava o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

Um porta-voz oficial, interrogado pela agência espanhola EFE em Pretória, negou-se a indicar a composição da delegação «por importantes medidas de segurança».

A reunião de Cabo Verde entre Angola e a África do Sul foi a primeira em seis anos, desde a independência daquele país.

Fontes diplomáticas disseram à ANOP terem sido tratados assuntos relacionados com a retirada de 20 mil cubanos estacionados em Angola e a saída das forças sul-africanas da Namíbia.

Preparada pelo presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, a reunião ocorreu depois de informações procedentes dos Estados Unidos terem assinalado a existência de um impasse nas negociações sobre a independência da Namíbia.

O presidente angolano, José Eduardo dos Santos — a quem o Comité Central do MPLA-PT deu poderes especiais —, tinha declarado que o seu governo recusaria qualquer intento de articular a independência da Namíbia com a retirada dos cubanos de Angola.

Angola e África do Sul participaram na Conferência Internacional sobre a Namíbia, que se malogrou em Janeiro em Genebra.

O ministro sul-africano dos Assuntos Exteriores preveniu o presidente cubano contra o envio de tropas deste país — estacionadas em Angola — para Moçambique.

O vice-presidente norte-americano, George Bush, ao visitar este ano a África, disse que a saída dos cubanos de Angola e a independência da Namíbia eram indissociáveis.

Por sua vez a AFP escreve que na Cidade da Praia se afirmava que o vice-presidente dos Estados Unidos, George Bush, escalou por duas vezes, em Novembro, o arquipélago cabo-verdiano, no princípio e no termo da sua digressão africana, largamente dedicada à questão da Namíbia.

Todavia, um porta-voz do Departamento de Estado americano declarou que os contactos entre angolanos e sul-africanos não foram organizados por iniciativa americana.

A diplomacia angolana já recorreu à mediação de Cabo Verde para normalizar as relações com o Senegal, em 1981.

Em 17 de Novembro findo, recorda-se, Angola e a África do Sul levaram a efeito, em Lusaca, uma troca global de prisioneiros, num total de 101.

Quarta-feira à noite, em Washington, os meios oficiais congratulavam-se com estas conversações directas entre Angola e a África do Sul, considerando-as como «desenvolvimento positivo» da questão da Namíbia.

Não recuar

Angola não tem a intenção de recuar nas suas posições relativamente à presença de tropas cubanas no seu território — garantiram ontem à ANOP fontes diplomáticas da Cidade da Praia, a propósito do encontro entre a África do Sul e Angola.

Os ministros do Interior de Angola, Kito e da África do Sul, Frederic Clarck, reuniram-se às primeiras horas de hoje na ilha do Sal, numa operação mantida em segredo até à última hora pelo governo de Cabo Verde.

Por outro lado, observadores da Praia relacionam já a próxima visita do vice-presidente do Conselho de Estado cubano, Juan Almeida Bosque, a Cabo Verde com este encontro do Sal.

Almeida Bosque é acompanhado nesta sua visita — a iniciar no próximo dia 10 — por Oscar Oramas, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros e ex-embaixador do seu país em Angola.

O encontro entre angolanos e sul-africanos, que se realizou na sala VIP do Aeroporto Amílcar Cabral, serviu para os dois países iniciarem contactos directos, mas não produziu resultados imediatos — afirmam fontes diplomáticas da Cidade da Praia. Também o Comité Central do MPLA-PT reunido em Luanda rejeitou «as tentativas norte-americanas» de estabelecer uma ligação ou paralelismo «entre o processo de descolonização da Namíbia e a retirada das forças internacionalistas cubanas» de Angola.

Em declaração sobre a situação internacional, emitida no final da Décima Primeira reunião do CC do MPLA-Partido do Trabalho, é reafirmada

Grave derrota para Reagan

Câmara dos Representantes recusa créditos para o

A rejeição de um crédito de cerca de mil milhões de dólares destinados ao fabrico do novo míssil intercontinental americano «MX», ontem à noite, pela Câmara dos Representantes, é o mais grave desaire sofrido até hoje pela política de força seguida pelo presidente Ronald Reagan em relação à União Soviética.

Uma maioria mais importante do que o previsto (245 contra 176) exprimiu-se contra a primeira etapa de um novo sistema de armamento estratégico que deve custar, no total, cerca de 30 mil milhões de dólares.

Segundo os observadores, isso confirma a impressão, dada pelas eleições legislativas do mês passado, que são cada vez mais numerosos os americanos que pensam que, neste período de recessão e de desemprego, o seu país tem outras prioridades do que retomar a superioridade militar sobre a URSS.

Enquanto se está à espera de um hipotético restabelecimento, pelo Senado, dos créditos para o início da instalação do «MX», os comentadores políticos viam duas consequências importantes na votação negativa de ontem à noite no plano interno, a política

de Reagan de redução das despesas sociais e do aumento das despesas militares vai ser cada vez mais difícil de levar a cabo; no plano externo, a posição de Ronald Reagan nessas negociações estratégicas com a União Soviética vai ser enfraquecida momentaneamente.

Desde a sua chegada ao poder, o presidente Reagan repete quase todos os dias que os Estados Unidos consideram o regresso à posição de força face à União Soviética como a prioridade das prioridades. É esta, segundo a opinião do presidente americano, a condição necessária para se chegar ao desarmamento nuclear e manter a paz no mundo.

Contudo, a perda de 26 lugares nas eleições do mês de Novembro, convenceu numerosos políticos republicanos de que os eleitores estão mais preocupados com a lentidão dos resultados da política económica de Reagan e pela sorte dos 12 milhões de desempregados e das outras vítimas da recessão. Faltaram à noite ao governo 50 votos republicanos.

A votação negativa da Câmara dos Representantes confirma, por outro lado, o vigor do movimento a favor do desarmamento e do congelamento das armas nucleares, que se expandiu este ano nos Estados Unidos depois de ter nascido, no ano passado, na Europa ocidental.

Se o presidente Reagan fracassar definitivamente nos seus esforços para instalar 100 mísseis intercontinentais «MX» no seu próprio país, receia-se nos círculos próximos de Casa Bran-

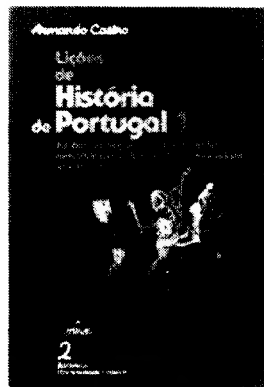
co, a possibilidade de uma redução das despesas militares, o que seria objecto, a partir da próxima semana de um debate de urgência no Parlamento italiano, segundo informaram fontes seguras.

O general Santini, recorda-se, ameaçou publicamente demitir-se em sinal de protesto contra

UMA NOVA COLECÇÃO

Biblioteca Universidade Popular

A «Biblioteca Universidade Popular» destina-se a publicar textos de cursos proferidos na Universidade Popular do Porto, ou de outras universidades populares que pretendam dar uma difusão nacional às lições ministradas nas suas aulas.



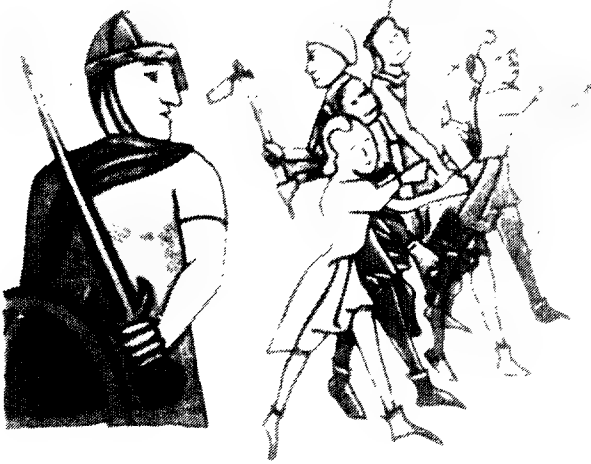
Armando Castro

Lições de

História de Portugal 1

Explicação da existência da nossa pátria como uma realidade nacional claramente constituída e politicamente autónoma quase há novecentos anos.

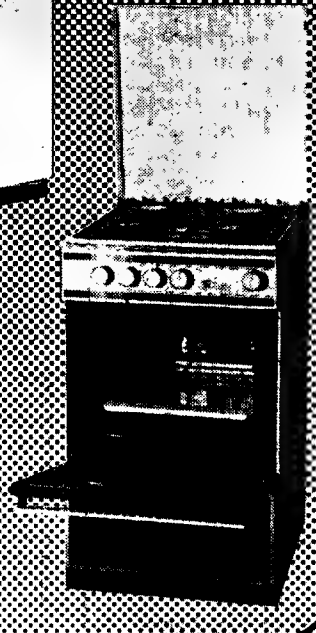
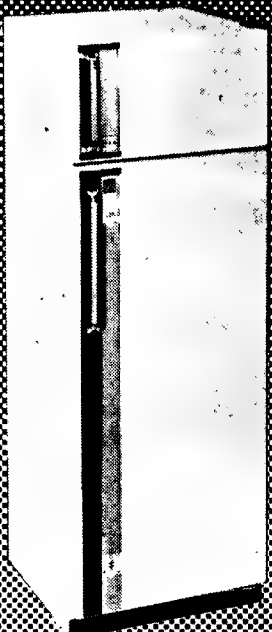
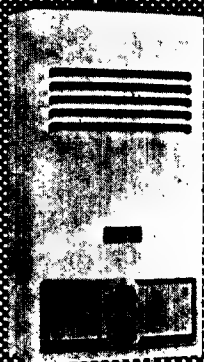
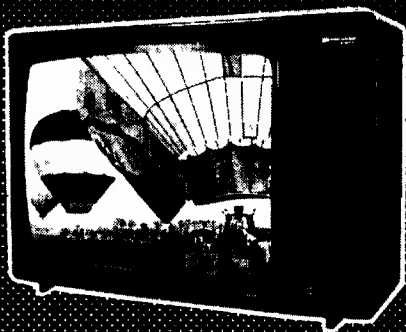
Texto do curso proferido na Universidade Popular do Porto



na estrada do futuro **editorial CAMINHO**

grandes facilidades

SEM AUMENTO DE PREÇO



M.L.FERREIRA
 RUA D. ESTEFANIA, 48 - A
 AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
 1000 LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO CARTAXO

ANÚNCIO

No dia 16 de Março próximo, às 14.30 horas, neste Tribunal e nos autos de Carta Precatória para Arrematação n.º 183/82 - 2.ª Secção, vindos do 16.º Juízo Cível de Lisboa e extraídos dos de Execução de Sentença que Sociedade Portuguesa de Ar Liquido (Arlíquido) SARL move contra Poncar - Indústrias Metalúrgicas e Comércio, Lda, com sede na Estrada Nacional n.º 365 - 2Km 88, Pontével, será posto em praça pela 1.ª vez, para ser arrematado acima do valor indicado o seguinte imóvel pertença da executada:

IMÓVEL A ARREMATAR

Terreno no sítio do Sisudo, freguesia de Vale da Pinta, concelho do Cartaxo, com um pavilhão de 770 m² - uma edificação destinada a escritório e serviços sociais com 200 m², confrontando do norte com Gertrudes Ricardo, sul com José Girlo, nascente serventia e poente estrada, inscrito na matriz predial do Cartaxo, sob o n.º 19511 a fls. 55 do L.º B-50.

Vai à praça com base na quantia de 15 000 000\$00 (quinze milhões de escudos).

É depositário o Senhor Fermin Gallego, residente na Av.ª 5 de Outubro, n.º 23-1.º-Dt.º, em Lisboa. Cartaxo, 30 de Novembro de 1982

A Juiz de Direito,
 (Maria Laura de Carvalho Santana
 Maria Tomás Leonardo)

O Escrivão de Direito,
 (Ilegível)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz-se saber que por este 16.º Juízo Cível e 2.ª Secção, nos autos de Acção Ordinária com o n.º 4956/82, em que são: Autor - Banco Pinto & Sotto Mayor, EP, com sede na Rua do Ouro, 28 em Lisboa; e Reus - Seprol - Sociedade de Estudos, Projectos e Obras, Lda, que teve a sua sede conhecida na Av.ª Almirante Gago Coutinho, 130 em Lisboa, Francisco Lemos Rebelo Pinto, casado, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na morada indicada, e outros, correm editos de trinta dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os referidos reus, para no prazo de vinte dias, findo o dos editos, contestarem querendo a mencionada acção, que consiste no pagamento solidário ao autor da quantia de 607 913\$70, e demais despesas legais.

Lisboa, 23 de Novembro de 1982

O Juiz de Direito,

(João Maria Ferreira Pascoal)

O Escrivão-Adjunto,

(José Carlos da Costa Gabriel)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 3.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 2.ª secção do 3.º Juízo Cível desta comarca, na acção ordinária n.º 2139 movida pelos Autores ARMANDO RIBEIRO, LD.ª e COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP contra os Reus E.D.P. - ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, EP e INCERTOS, correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os Reus Incertos para no prazo de VINTE DIAS, findo o dos editos, contestarem o pedido dos Autores que, quanto aos Incertos, consiste em estes serem solidariamente com a Ré indicada em 1.º lugar, condenados a pagar à Autora, ARMANDO RIBEIRO, LD.ª, 2 260 745\$40 de indemnização pelos prejuízos causados por um incêndio que ocorreu nas suas instalações e indemnização por danos patrimoniais a liquidar em execução de sentença.

Lisboa, 25.11.1982

O Juiz de Direito,

(Ilegível)

O escrivão adjunto,
 José Maria Simões

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA ANÚNCIO

2.º JUÍZO 1.ª SECÇÃO N.º 86/1978

Por este Tribunal e 1.ª Secção de processos correm editos de trinta dias contados da segunda e última publicação do presente anúncio citando a ré MARIA MATHIOTE, casada, residente na Av. de Paris n.º 6-D em Lisboa, presentemente ausente em parte incerta, para no prazo de cinco dias, decorrido o prazo dos editos, contestar, querendo, a ACÇÃO ESPECIAL DE DESPEJO que contra ela e seu marido MÁRIO EDUARDO CAMPOS MATHIOTE, residente na referida morada, move Preciosa de Jesus, que também usa Preciosa de Jesus Salgado Pereira, viúva, doméstica, residente na Travessa do Moinho de Vento, n.º 19 - 1.º Dt.º em Lisboa, e a qual pretende que os réus sejam condenados a despejar imediatamente o prédio sito na Rua do Moinho n.º 24 em Algueirão, freguesia de Algueirão, Mem Martins, Sintra, composto de r/c, sótão e quintal anexo e inscrito na matriz sob o art.º 1336 da freguesia de S. Pedro de Penaferrim, podendo, a citanda, no mesmo prazo deduzir em reconvenção o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julgue com direito, tudo nos termos do art.º 972.º do Código do Processo Civil.

Sintra, 29 de Novembro de 1982

O Juiz de Direito,

a) Jorge Ramos da Silva

O Escrivão-Adjunto,

a) João Inocêncio da Silva Fialho

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO

ANÚNCIO

EXECUÇÃO SUMARIA N.º 5778 DA 2.ª SECÇÃO.

EXEQUENTE - O BANCO PINTO & SOTTO MAYOR EP.

EXECUTADO - JOAQUIM MANUEL SOUSA SIMÕES, e OUTROS, com a última residência conhecida na Quinta da Luisinha, Vale Fetal, Charneca da Caparica, Comarca de Almada.

CITA-SE o executado acima identificado, para no prazo de CINCO DIAS, decorridos que sejam TRINTA DIAS DE DILAÇÃO, contados da segunda e última publicação deste anúncio, pagar ao exequente a quantia de 195.853\$60, acrescida de juros vencidos de 35.996\$40, até 9 de Fevereiro de 1982, e dos juros vencidos até real reembolso, à taxa de 6% ao ano, ou no mesmo prazo deduzir oposição ou nomear bens a penhora suficientes para tal pagamento, sob pena de não o fazendo esse direito de nomeação ser devolvido ao exequente.

Lisboa, 3 de Dezembro de 1982.

O JUÍZ DE DIREITO

a) Fernando da Costa Soares

O ESCRIVÃO ADJUNTO

a) Manuel Henrique Guerreiro Bonita

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Por este tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio citando os reus para no prazo de VINTE dias, findo o prazo de editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: pretende a autora que a Ré seja condenada a pagar-lhe a quantia de 901 240\$00, juros e custas.

Acção Ordinária n.º 6435 1.ª secção Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, com sede em Lisboa na Rua Garrett, 56

Reu LAMO-OBRS. MONTAGEM E ASSISTÊNCIA, LDA, que teve a sua sede na Rua General Leman, 6. /c, em Lisboa

Lisboa, 29 de Novembro de 1982

O JUÍZ DE DIREITO,

a) Armando Mota Santos Lourenço

O ESCRIVÃO ADJUNTO,

a) Fernando de Sousa Matos

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MONTIJO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no dia 10 DE JANEIRO DE 1983, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, na cartaprecatória vinda do 15.º Juízo Cível de Lisboa, extraída da Execução Sumária (Hipotecária que o Banco Pinto & Sotto Mayor move a Acácio Faustino Castanheira e mulher Aurora Maria Pereira M. Faustino Castanheira, residentes na Travessa das Gatas, n.º 13 - Évora, há-de ser posto em praça para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, o seguinte bem móvel: - Uma viatura marca FORD, modelo 307, com a matrícula GU-33-50-.

Montijo, 25 de Novembro de 1982

O Juiz de Direito

a) Carlos Alberto de Matos

O Escrivão-Adjunto

a) Rafael Fernandes

8.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

para citações de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 3.ª secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Sociedade Construtora Luso Suíça, sarl com sede na R. S. Francisco de Borja, 44 - 1.º, em Lisboa para nos prazos de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Abílio Dias Cardoso, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 15 de Novembro de 1982

O Juiz de Direito,

(Américo Joaquim Marcelino)

O Escrivão-Adjunto,

(Luís Filipe Garcia Alves Lico)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 12.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE saber que no dia 20 de Dezembro próximo, pelas 10 horas, se há-de proceder, à porta deste Tribunal, à arrematação em hasta pública, em 1.ª praça, dos móveis penhorados à executada Saitao & Rainha, Lda, nos autos de carta-precatória para esse fim, vindos do Tribunal Judicial de Vila da Feira, 1.º Juízo - 2.ª secção, e extraídos dos de execução sumária n.º 62/81, que aquela executada move António Lamoso Regal de Castro. Os móveis a vender são uma máquina registadora, um cofre, uma ventoinha e oito cadeiras metálicas, que serão arrematados a quem oferecer o maior lance acima do valor constante dos autos.

Lisboa, 29.11.1982

O Juiz de Direito,

(Ilegível)

O Adjunto,

(Ilegível)

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA - 10.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 971 3.ª Secção. Exequentes - BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, EP.

Executado - SILVA & FRANÇA, LD.ª, com sede na Rua do Meio a Lapa, n.º 27, em Lisboa.

Lisboa, 24 de Novembro de 1982.

O JUÍZ DE DIREITO

(assinatura ilegível)

O ESCRIVÃO DE DIREITO

(assinatura ilegível)

CP Caminhos de Ferro Portugueses

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Serviço Comercial de Mercadorias

AVISO
A CP Informa

LEILÃO

Em 13 de Dezembro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido retirados pelos donos.

De entre as remessas a leiloar, encontram-se nomeadamente as seguintes.

TRANSPORTADAS EM REGIME DE 50 KG (T8/108)

N.ºs 13 143, 9777, 21 657, 83 310, 83 311, 11 703, 36 254, 13 811, 18 707, 18 827, 6809, 8181, 91 632, 91 633, 91 634, 38 425, 50 458, 39 967, 500, 2568, 9429, 15 879, 23 759, 16 318, 4489, 33 517, 5455, 16 688, 27 134, 12 146, 12 147, 12 148, 44 179, 25 270, 37 264, 66 486, 27 491, 2520, 36 515, 11 529, 11 631, 900, 10 689, 99 784, 12 833, 13 842, 74 860, 29 875, 1888, 63 923, 8972, 7482, 92 145, 2301, 11 580, 42 390, 5621, 63 641, 13 024, 1329, 44 473, 14 724 e 37 583.

TRANSPORTADAS EM REGIME DE DETALHE

N.ºs 72 185, 7778, 7779, 24 269, 64 344, 7671, 19 437, 26 704, 92 989, 3431, 13 480, 64 021, 98 757, 29 494, 46 270, 190, 29 093, 2023, 1622, 34 051, 59 530, 47 232, 70 268, 99 390, 66 826, 66 029, 3544, 5026, 29 695, 26 024, 21 868, 3348, 11 454, 25 374, 46 304, 39 683, 6664, 32 993, 42 491, 67 220, 16 332, 10 351, 992, 46 442, 9472, 25 515, 35 591, 26 759, 73 965, 48 967, 5980, 23 361, 33 284, 6366, 11 900, 5452, 27 651, 33 089, 97 609 e 4935.

Lisboa, 24 de Novembro de 1982

DESPORTO



Golo um



Golo dois



Golo três



Golo quatro

Benfica: 4-0 ao Zurique e outros tantos na algibeira

O senhor que se segue

Pode afortunadamente jurar-se a pés juntos: melhor **para doce** não podia entrar no opíparo estômago benfiquista, pois raramente aparecerá (em alta competição uefeira) rapaziada tão bem intencionada e, simultaneamente, tão desprovida de técnica, tão deficientemente comandada da lateral, tão inapta para as grandes proezas como perfeitamente à-vontade para encaixar «goleadas» e funcionar com excelente (ótimo mesmo) «sparring partner» de um campeão que treina para ir deixar o próximo adversário em k.o. mais que absoluto.

Chegou a pasmar como era possível, a um Benfica cada dia mais sedento de retornar à velha glória europeia, não dilatar o marcador até números daqueles que já apenas se usam em **pelada de várzea**. É que, só em golos feitos, daqueles de porta aberta, com Sãobentinho a ver moscas cá do outro lado, contamos para aí mais uns seis, desperdiçados (diríamos que infantilmente) mesmo de frente de Grob, que lá para o fim estava de tão má catadura que até sacudiu um fiscal de linha, danado dos fígados por causa do lance que deu origem ao 4-0. Só que, muito em cima dessa fatia de espectáculo, o árbitro não considerou ilegal a posição de Chalana e, logo, tal como mandam as regras mais elementares, teria de punir o número um helvético por aquele cinturão de «catch» aplicado a Nené que, mal se viu livre do espartilho, fez de paradinha o

golo quatro encerrando a história.

Sem receio de desmentido: uma arbitragem excelente, um encontro com alguma dureza mas sempre dentro dos parâmetros que fazem respeitar a ética, o Benfica sem sequer precisar de calcar meio acelerador para reduzir a cisco aquela **forte-fraca** gente, que impressiona pelo tamanho mas depois, bem vistas as coisas, é bebé de mama no que toca a futebol de água pura. Veja-se (recorde-se) como tentava a progressão sempre e só pelo corredor central, talvez à espera de que o Benfica de ontem tivesse a mesma dupla de base que esteve em Alcobaca: fiava água mais fino e, só a presença de Humberto já obriga a contê-lo. Ou abstinência contrária, como sucedeu à rapaziada de Zurique que teve, como melhor momento para um golo, aquele disparo de longe feito por Carlos Manuel para a rede de Bento que só por um triz escapou ao viveiro para adormecer sobre as malhas de cúpula. Seria o fim da macacada, convenhamos.

Pois, amigos, o jogo deu para tudo: até para palavras cruzadas, embora o Benfica tenha tido uma hora de belo fulgor mas, inteligentemente a repousar numa vantagem confortável, a permitir-se até ao

belo e muito agradável retorno de Séu, para também se dar ao luxo de mandar para sobre a relva o brasileiro César, que anda mais desmoralizado e com a borda sob a água que um petiz a quem escamotearam a colecção de bonecos.

Não resultou a prisão homem-a-homem ensaiada pelos suíços: às quinhentas, já nem pernas tinham para voltar ao lugar, em resacasagem do tempo perdido. Porque o Benfica, realmente e pesem embora alguns «shows» com um ou outro grão na máquina, começa a ser uma fábrica de produzir bonito futebol, já que possui alguns dos melhores artistas da nossa área, já que está provando terem tido inteira razão quantos recrutaram em paragens desconhecidas do nosso futebol, um jovem mestre em que se apostou dobrado contra singelo. Eriksson conferiu ao «team» uma verdadeira dinâmica, pena sendo que por vezes confunda as qualidades naturais de Carlos Manuel e os lugares em que deve estar inserido, com a sua função no campo que terá de ser, por ora e exclusivamente, na faixa de festa, que fica mais perto dos fiscais e bem dentro do olhar da plateia que cerca o palco.

A hegemonia benfiquista, tornada realidade a partir do primeiro silvo arbitral, foi bonita e soube bem. Filipovic, Veloso, Pietra, Chalana.

Nené, tudo gente para 20 valores, esteve enquadrada por outras «estrelas» que somente continuam com o santo «de espaldas», como é o caso de João Alves, que, mal acerte o primeiro grande golo de antologia, logo retorna a enciclopédia que fica como arte de bem jogar a bolinha.

É inteiramente justo um aceno a Diamantino que, se deixar fora algumas veleidades que são fruto do afã de tudo querer fazer no mais breve espaço de calendário, poderá garantir posição no «plantel» da Luz, tal como se saúda em António Bastos Lopes o «stopper» que se arrastava sem mérito por aí além numa lateral em que vivia para um fim quase anónimo.

E isso: remocou o bloco da águia, nada se importando já com o pequeno amargo de boca em Alcobaca, que até se tornou benéfico, porque serviu de sobreaviso e matéria para reciclagem de um «onze» ufano e compenetrado que é menina dos olhos de bem ro-

busto mundo da nossa bandeira.

Muito fracotes, os helvéticos, vivem do que pode fazer Elsner e do que vai conseguindo a veterania do jugoslavo Jerkovic. Moçada mal combinada, em simbiose com experiência, sai um amálgama que não pode, de modo algum espelhar a validade actual de um futebol suíço, que sacode a crista e ganha asas para voar. Em contrapartida, repousem os abutres: o Benfica, tal como o Sporting europeu ou o Futebol Clube do Porto de campeão, são garantias possantes e categóricas de que não estamos tão mal como a descrença de certos dirigentes queria atirar como seta aos basbaques da praça pública. O futebol português, pelos vistos e até prova em contrário, está vivinho e recomenda-se. Ontem, até teve queijo ao lanche.

Neves de Sousa

Arbitragem (verdadeiramente impecável) do juiz Walther Roth (da RFA) ajudado pelos compatriotas Antan Matheis e Werner Foeteler.

Benfica: Bento; Pietra, Humberto, António Bastos Lopes e Veloso; Diamantino, Alves (Shéu, 81), Carlos Manuel e Chalana; Nené e Filipovic (César, 51).

Zurique: Grob; Ludi; Iselin (Shane Rufer, 65), Landolf e Baur; Hausermann, Elsener e Maissen; Seiler (W. Rufer, na 2.ª parte); Jerkovic e Zwycckr.

Cartão amarelo para Veloso. Golos: Filipovic (12 minutos), Diamantino (50) e Nené (60 e 85, este último na concretização de grande penalidade).

UEFA: oito países na Taça

O Benfica é uma das oito equipas que se qualificaram para os quartos-de-final da «Taça UEFA» de futebol, ao vencer no Estádio da Luz o Zurique (Suíça) por 4-0. No encontro da 1.ª «mão» o Benfica tinha empatado a um golo, sendo, juntamente com o Anderlecht, a equipa que melhor resultado conseguiu no cômputo da eliminatória.

A jornada foi marcada por clara superioridade dos clubes visitados, dos quais apenas um (o Werder Bremen, RFA) não conseguiu vencer, o que lhe custou a eliminação frente aos escoceses do Dundee United.

Foi também confirmada a importância de disputar o primeiro jogo fora de casa, pois com excepção para o já referido Werder Bremen e para o Anderlecht (que 15 dias antes batera o Sarajevo, Jugoslávia, por 6-1) todas as outras viraram a seu favor os resultados da 1.ª «mão».

As duas equipas suíças foram afastadas da prova. O Zurique, frente ao Benfica e o Servette, que, após 2-2 na 1.ª «mão», chegou ontem a estar a vencer o Bohemians de Praga, por 1-0, mas acabou por ser derrotado por 1-2.

Emocionante foi o Universitatea Craiova (Roménia)-Bordéus (França), em que os romenos, após terem perdido em França por 0-1, só no prolongamento marcaram o golo do triunfo na eliminatória (2-0).

Das três equipas alemãs federais em prova, apenas uma (o Kaiserslautern) passou aos quartos-de-final, ao bater o Sevilla por 4-0, depois de 0-1 no jogo realizado em Espanha.

O Colónia, no jogo mais ansiosamente aguardado, manteve até ao intervalo, frente ao Roma, a vantagem de um golo conquistada em casa: mas os italianos, no 2.º tempo, marcaram dois golos, o último dos quais a um minuto do termo da partida e festejaram euforicamente a qualificação.

O Werder Bremen, derrotado na Escócia pelo Dundee (por 0-1), não conseguiu, ante o seu público, ir além do empate a um golo, ficando pelo caminho.

A Espanha ficou também com um único representante, graças ao Valência, que superou os soviéticos do Spartak com 2-0, após o empate a zero golos registado em Moscovo.

Por fim, o Sarajevo venceu o Anderlecht por 1-0, mas a derrota (de 1-6) na Bélgica definirá desde logo a sua eliminação.

Nos quartos-de-final, estão representantes dos seguintes países: Portugal (Benfica), Checoslováquia (Bohemians de Praga), Bélgica (Anderlecht), RFA (Kaiserslautern), Roménia (Universitatea Craiova), Itália (Roma), Escócia (Dundee) e Espanha (Valência). O sorteio dos quartos-de-final da «Taça UEFA», assim como da «Taça das Taças» e da «Taça dos Campeões» realiza-se amanhã de manhã, em Zurique.

Checos em frente

O Bohemians (de Praga) saltou para os quartos de final da «Taça UEFA», ao vencer por 2-1 (1-1 ao intervalo) o Servette, Suíça. A equipa checa qualificou-se com um total de 4-3.

DESPORTO

UEFA: oito países na Taça



Outro sueco no Benfica

Glenn Stromberg (23 anos, 1 e 92 de altura, médio atacante do Gotemburgo, antigo clube de Eriksson) já está na Luz: vai treinando enquanto espera como caem as modas, no tocante à continuidade (ou não) da gerência de Fernando Martins.

Continuação da pag. 15

Os suecos marcaram primeiro, por Decastel (17 minutos) mas o empate checo surgiu ainda na primeira parte, aos 40 minutos, apontado por Cermak. A qualificação do Bohemians surgiu a dois minutos do termo, e de grande penalidade, marcada por Prilozny.

O árbitro foi o dinamarquês Lund-Soerensen que, além de ter assinalado a grande penalidade a dois minutos do apito final, mostrou nada menos do que cinco vezes o cartão amarelo, quatro deles a jogadores suecos: Brigger (aos 19 minutos), Seramondi (40), Mattioli (70), Dutoit (97) e ao checoslovaco Sloup (aos 64).

BOHEMIANS: Brovick; Bickovsky; Jakubec, Prokes e Ondra; Chaloupka (Levy 86), Zelensky e Sloup; Nemec, Cermak e V. Hruska (Prilozny 78).

SERVETTE: Burgener; Geiger, Seramondi (Mattioli 56), Renquin e Dutoit; Decastel.

Favre e Schnyder; Elia (Gavillet 83), Brigger e Mustapha.

Belgas defenderam bela vantagem

O Sarajevo (Jugoslávia), ganhou por 1-0 ao Anderlecht (Bélgica), mas a equipa belga qualificou-se para a fase seguinte do torneio, com um total de 6-2. O golo jugoslavo foi marcado aos 40 minutos por Musemic. Na 1.ª mão, o Anderlecht vencera em Bruxelas, por 6-1.

Sob arbitragem do espanhol Muro, as equipas alinharam: Sarajevo: Janjuss; Radejass, Kape-tanovic, Vidovic e Ferhatovic; Hadzibegic, Susic e Janjoss; Musemic, Jozic e B. Bozzovic.

Anderlecht: Munaron; Peruzovic, Per Hansen, Lozano, Degroote; Verkaute, Olsen e Hofkens; Vanderberg, Coeck e Larsen.

Sevilha «baleado»

O Kaiserslautern (Alemanha Federal) derrotou o Sevilha (Espanha) por 4-0 (3-0 ao intervalo).

A equipa espanhola vencera por 1-0 na 1.ª mão, mas o Kaiserslautern dominou claramente o jogo e não teve dificuldade em eliminar o seu adversário.

Dois golos nos primeiros vinte minutos eliminaram a vantagem trazida pelo Sevilha e lançaram o Kaiserslautern num triunfo que poderia ter sido uma «goleada» bem superior aos 4-0 finais. De facto, a equipa espanhola teve grandes dificuldades na defesa, para que foi remetida praticamente durante todo o encontro.

Nilsson marcou o primeiro golo dos alemães federais (aos 10 minutos) e Geyer elevou para 2-0 (aos 19). A um minuto do intervalo, Brehme fixou em 3-0 o resultado dos primeiros 45 minutos. A 2.ª parte foi de intenso domínio germânico, embora o seu ataque apenas tenha feito um golo (aos 63 minutos) por intermédio de Eilenfeldt.

Perante 34 000 espectadores (que esgotaram a lotação do estádio) e sob a arbitragem do italiano Luigi Agnolin, as equipas alinharam:

Kaiserslautern: Reichel; Dusek, Wolf, Brigel e Brehme; Eilenfeldt, Geyer e Kitzmann; Brummer (Huebner, 79), Nilsson e Allofs.

Sevilha: Buyo; Alvarez, Blanco, Serna (Romero, 71) e Sanchez; Francisco, Benitez e Pintinho; Lopez (Salas, 56), Magdaleno e Ruda.

Cartão amarelo para Benitez, Serna e Salas.

Bordeus perde no prolongamento

O Universitatea Craiova (Roménia) venceu o Bordeus (França) por 2-0, qualificando-se para os quartos-de-final. Na 1.ª mão, o Bordeus ganhara por 1-0, pelo que o Craiova foi apurado com um total de 2-1.

O triunfo e a qualificação da equipa romena resultaram do golo obtido já aos 11 minutos do prolongamento, por Geolga.

O Bordeus teve na defesa o seu melhor sector, com especial destaque para as acções de Tresor e Bracci. Porém, a pressão atacante romena acabou por furar a defensiva gaulesa e aos 38 minutos Ticleanu, com um remate forte e inesperado, abriu o activo para o Universitatea.

Com o resultado de 1-0 no termo dos 90 minutos, os 30 extras foram emotivos e, aos 101 minutos, Geolga, iludindo a defesa contrária, recebeu a bola na área e rematou sem possibilidades para o guarda-redes Ruffier. Dois minutos depois os franceses tiveram a grande oportunidade de qualificação, mas o remate de Specht embateu na trave.

Sob a arbitragem do holandês Jan Kaizer, as equipas alinharam:

U. Craiova: Lung, Negrila, Tilihoi, Stefanescu, Ungureanu; Ticleanu, Donose (Geolga 59) e Balaci; Irimescu, Camataru e Crisan (Cirtu 84).

Bordeus: Ruffier; Rohr, Specht, Tressor e Bacci; Thouvenel, Martinez e Tigana; Giresse, Lacombe e Memering (Lipini 77).

Dundee segurou-se

O Dundee United (Escócia) qualificou-se ao empatar a um golo no Estádio do Werber Bremen. Na 1.ª mão o Dundee vencera por 2-1, pelo que ficou apurado por 3-2.

O Dundee United resolveu praticamente a eliminatória ao marcar logo aos três minutos do jogo. O tento, por Hegarty, reforçou a vantagem de 2-1 trazida pelos escoceses e criou problemas à equipa alemã federal. Os escoceses mantiveram a vantagem até ao intervalo, perante a pressão do ataque germânico, que só quatro minutos depois do reinício conseguiu a igualdade, com um golo obtido por Voeller.

Perante 37 500 espectadores e sob a arbitragem do checoslovaco Dusan Krshnak, as equipas alinharam:

W. Bremen: Burdinski; Fichtel, Kamp (Boehnke, 11), Siegmann e Otten; Sidka, Gruber (Schaff, 46) e Moehlmann; Okudera, Voeller e Meier.

Dundee: McAlpine; Narey, Gough, Hegarty e Malpas; Kirkwood, Stark e Bannon; Milne, Sturrock e Dodds (Holt, 60).

Cartão amarelo a Stark e Milne.

Valência suplanta soviéticos

O Valência venceu o Spartak de Moscovo por 2-0. O clube espanhol passou esta eliminatória com um total de 2-0, dado ter empatado sem golos na primeira «mão», disputada na União Soviética.

O 1.º golo do Valência foi apontado por Daniel Solsona (aos 31 minutos). No 2.º tempo, o golo da tranquilidade foi obtido apenas a cinco minutos do termo, por Moreno. O Valência, que no actual campeonato espanhol se encontra numa das últimas posições e continua a manter um fraco rendimento, actuou em bom plano. Parecendo uma equipa totalmente diferente, e lembrando os seus bons tempos anteriores, o Valência impôs-se sobre o jogo característico dos soviéticos, que voltaram a não produzir boa impressão, depois do não previsto 0-0 que cederam na 1.ª «mão», disputada em Tbilisi.

Neste jogo disputado no Estádio Luís Casanova (Valência) as equipas alinharam:

Valência: Bermall; Carrete, Tendilo, Moreno e Ribes; Céar (Subirat), Solsona e Robero; Saura, Weltz e Kempes.

Spartak de Moscovo: Dasaev; Sochonov, Morosov, Romanchev e Sherbak; Shavlio, Gess e Cherenkov; Kalashnikov, Gavrilov e Aramadianov.

Falcão rei de Roma

O Roma venceu o Colónia (RFA) por 2-0, qualificando-se para a fase seguinte do torneio. Os golos dos italianos foram marcados por Jorio (aos 55 minutos) e pelo brasileiro Falcão, aos 88.

O Colónia, que vencera o jogo da 1.ª mão por 1-0, actuou na defensiva, procurando reter a vantagem obtida na Alemanha Federal. Mas, na 2.ª parte, a pressão atacante italiana acabou por resultar.

Jorio anulou a vantagem alemã federal e, a dois minutos do termo, um Falcão (em excelente forma) marcou o golo da qualificação, quando se perspectivava o prolongamento.

Perante 68 000 espectadores, que esgotaram a lotação do Estádio Olímpico de Roma, e sob a arbitragem do belga Roger Shoeters, as equipas alinharam:

Roma: Tancredi; Nela, Vierchow, Maldera e Bartolomei; Falcão, Prohaska e Anhelotti; Jorio, Conti e Pruzzo.

Colónia: Schumacher; Cullman, Prestin, Bonhof (Hartmann 87) e Zimmermann; Sljivo, Engels e Fischer; Wilmer, Littbarski e Allofs.

Cartão amarelo a Allofs.

Totobola: Chave

1	Benfica-Zurique		1
2	Bohemians-Servette		1
3	Sarajevo-Anderlecht		1
4	Kaiserslautern-Sevilha		1
5	U. Craiova-Bordéus		1
6	Roma-Colónia		1
7	Bremen-Dundee		x
8	Valência-Sp. Moscovo		1
9	Manch. City-Arsenal		1
10	Norwich-Liverpool		1
11	Totten.-W. Bromwich		x
12	Watford-Manch. United		2
13	Aston Villa-West Ham		1

colunáveis



Depois de ter ofertado ao Benfica a pista de «tartan» da Luz e após uma fase de eclipse da vida pública, o financeiro **Jorge de Brito** está a um passo de reaparecer, desta feita no topo da gerência benfiquista que quer tomar os postos da directiva demissionária (desde Julho) do clube da Luz. No bloco de Jorge de Brito, nomes absolutamente garantidos, como os de Gaspar Ramos e Ilídio Fulgêncio, qualquer deles com obra feita no futebol do clube da águia.



Assim é que é bonito: o dr. **António Marques**, antigo presidente da Federação de Futebol de (de momento) homem-forte da arbitragem nacional, que teve uma forte polémica com o presidente boavistense Valentim Loureiro, achou que era tempo de depor as armas e estreitar o parceiro, durante um jantar promovido por amigos comuns, daqueles em que costuma ser sempre vedeta o conselheiro guineense no Porto e «alma-mater» da turma axadrezada. A esgrima de palavreado acabou entre uns belos camarões.



Por falarmos nisso: **Valentim Loureiro** (para além de ter vindo a Lisboa ver o Benfica-Zurique, abraçar Alves e fazer as pazes com o dr. António Marques) aproveitou para deixar apalavrados dois futebolistas para a nova temporada boavistense, um dos quais é dianteiro e brasileiro, Valentim Loureiro, que desta feita não acompanhou o seu amigo pessoal Ramalho Eanes até junto de outros amigos comuns, promete um «Boavistão» para 83, talvez com jogador-treinador de alto gabarito, ainda que Merim possa prosseguir como supervisor no Bessa.

“Taça de Portugal”: Porto ganha em Coimbra

O FC Porto venceu o União de Coimbra (da 2.ª Divisão) por 4-0, em jogo antecipado da 3.ª eliminatória da «Taça de Portugal», disputado no Estádio Municipal de Coimbra. Ao intervalo o FC Porto vencia por 2-0.

Os restantes jogos destes 1/32 avos da «Taça» realizam-se no próximo sábado.

Aventino Ferreira (Braga) foi o árbitro e jogaram:

União de Coimbra: Arménio; Carlos Ferreira, Duarte, Dani, Sérgio Paulo e Coelho, Alexandre, Ramon e José Carlos; Cavaleiro (Damião, 44) e Canavarro (Cardoso, 2.ª parte).

Porto: Fonseca, Eduardo Luis, Simões, Eurico (Freitas, 80) e João Pinto; Fasco, Quinho e Sousa; Walsh, Gomes e Romeu (Júlio, 80).

Golos: Walsh (5 minutos), Sousa (27), Gomes (84) e Júlio (90). Cartão Amarelo para Dani.

Justiça federativa

Longo foi o rol de castigos aplicados pelo Conselho de Disciplina da Federação de Futebol. Só no escalão superior: quatro jogos de suspensão a Valter (Amora), três a Albino (Varzim) e um a Costa. Frasco e Rodolfo (Porto); Jaime (Amora); Santana (Rio Ave); Varela (Alcobaca); Nelinho e Manuel Barbosa (Boavista); Barradas, Luis Pereira e Constantino (Salgueiros). Nascimento (Setúbal) e Venâncio (Sporting).

Portugal olímpico

Para o torneio olímpico, Portugal ficou incluído no grupo de apuramento com a RFA e Israel.

Juniores

Resultados de jogos do Campeonato Nacional de Futebol



«Leõesinhos» bateram as «águias»

Júnior, que estavam em atraso na série B. 6.ª jornada: Cortegaça - Vila Real, 2-1; série E, 5.ª jornada: Sporting - Benfica, 3-2; série E, 7.ª jornada: Amora - Barreirense, 0-1. Jogos antecipados: Série C, 11.ª jornada: São Romão - Naval, 1.º Maio, 1-4; série E, 11.ª jornada: Futebol Benfica - Cartaxo, 1-0.

Particular

O Farense venceu o Esperança de Lagos (4-0) em jogo de carácter particular realizado no Estádio de S. Luiz, em Faro.

La tora

A selecção polaca, em digressão pelo Peru, empatou a zero bolas com o Juan Aurich, um clube da 1.ª Divisão peruana, em Chiclayo, a 800km ao Norte de Lima.

Taça do Rei

O Maiorca, da 2.ª divisão espanhola, eliminou o Atlético de Madrid, da 1.ª divisão, da «Taça do Rei». O Maiorca venceu por 2-0 no jogo da 2.ª mão, depois de ter ganho já na 1.ª mão por 2-1.

Medicina desportiva de braço com olimpismo

A Associação Olímpica Internacional para a investigação médico-desportiva foi constituída em Lausana (Suíça). O objectivo deste novo organismo é associar o olimpismo à Medicina

Desportiva e a reunião em que se constituiu foi presidida pelo espanhol Juan Antonio Samaranch, presidente do Comité Olímpico Internacional. A Associação tem nos seus objectivos fundamentais o desenvolvimento de acções a partir de dados científicos obtidos através da investigação e da cooperação, nível internacional, nos domínios da medicina desportiva. Samaranch presidirá à nova Associação, cujo vice-presidente será o príncipe Alexandre de Merode, membro da Comissão Executiva do COI e presidente da sua Comissão Médica. Da direcção do organismo fazem ainda parte os professores Claus Clausnitzer (RDA), Iba Diop Mar (Senegal), Albert Dirix (Bélgica) e Manfred Domike (Alemanha Federal).

FUTEBOL DE SALÃO

torneio do Atlético C.P.

Pavilhão da Tapadinha

FASE FINAL

nos dias 4, 5, 8, 9
de dezembro

sorteio de um rádio da marca:
AIWA
entre os espectadores
DEPALEX
1.º cantão Leilão, 473
TEL. 2761531
ALMADA

DESPORTO

ponta esquerda



Tudo no melhor dos mundos: futebolistas do Sporting reuniram-se e brindaram em comum

Fangio de "Pacemaker"

O antigo campeão mundial de automobilismo Juan Manuel Fangio foi operado com êxito num hospital de Buenos Aires, sendo-lhe implantado um «pacemaker». Os serviços clínicos do hospital informaram que a intervenção durou quatro horas e meia e **foi um êxito**. O estado de Fangio **evolui sem problemas**. Fangio (de 71 anos) cinco vezes campeão mundial (entre 1951 e 1957) foi internado na passada 2.ª feira e a intervenção cirúrgica a que foi submetido destinou-se a libertar uma obstrução na artéria coronária.

El Salvador: olímpicos suspensos

O Comité Olímpico Internacional decidiu suspender as actividades do Comité Olímpico de El Salvador. A decisão, provisória mas de efeitos imediatos, tem como fundamento **a transgressão das regras fundamentais da Carta Olímpica que regem as actividades e a conduta dos comités olímpicos nacionais**, afirma-se no comunicado do Comité Olímpico Internacional.

"Chicotada" radiofónica

Na onda que se tornou já habitual, embora no caso vertente, nada o fizesse prever, António Pedro, foi «chicotado» do comando da turma futebolística da RDP (Antena Um), ficando agora com plena disponibilidade para aceitar convites (Tel. 602420) que possam rapidamente restituir-lhe a actividade.

Andebol: os 500 contos foram (afinal) para quê?

Comunicado público da Federação de Andebol:

«Tinha a actual direcção da FPA decidido não intervir no caso que lamentavelmente tem vindo a público ultimamente sobre o suposto desaparecimento de 500 contos na FPA, (já que nada tem a ver com ele e com essas contas), mas o teor deturpado, incorrecto e tendencioso de certas declarações e o nítido aproveitamento eleitoral que está a ser feito exigem este esclarecimento.

«Nesse sentido solicitamos a publicação do seguinte esclarecimento:

«1. — Foi a direcção da FPA que, na semana entre 8 e 13 de Novembro, detectou a falha contabilística dos 500 contos, através do trabalho duma sua comissão interna para elaborar o orçamento até ao fim do ano e verificar as contas para as entregar a nova direcção no fim do mês de Dezembro.

«2. — É assim falso que tenha sido um funcionário que **por acaso** tenha detectado o erro. A Direcção sabia que o último duodécimo da DGD tinha sido recebido em Julho de 1982 e que não havia qualquer duodécimo a receber. Foi a Direcção que **ordenou** a um funcionário que recolhesse os dados na DGD para fazer as averiguações preliminares e localizar o problema.

«3. — Tudo isto foi de imediato comunicado ao Conselho Fiscal na semana de 15 a 20 de Novembro.

«4. — Nunca houve da nossa parte qualquer dúvida quanto ao recebimento e desvio da verba referida, que foi rapidamente detectada na investigação preliminar feita. O levantamento foi feito em numerário por ordem da Direcção e destinou-se a pagamentos imediatos que estão perfeitamente explicitos nas folhas de caixa e nos recibos do período em que não havia qualquer outro dinheiro disponível na FPA (entre 2 e 24 de Fevereiro).

«5. — Tudo leva a supor tratar-se de um erro do sector de contabilidade no registo de entrada da verba. Cabe **apenas** ao Conselho Fiscal verificar de novo as contas até Julho, fechá-las devidamente e explicar como foi possível considerá-las certas no congresso de Julho, sem este lançamento.

«6. — Estranha a Direcção da FPA, que tendo passado perto de 15 dias entre a informação ao Conselho Fiscal e a saída da notícia nos jornais, o Conselho Fiscal pouco tenha feito no desempenho das suas tarefas e venha agora nos jornais referir investigações não esclarecendo a situação quando os dados estão bem claros.

«7. — Estanha ainda a Direcção que o Conselho Fiscal, venha agora dizer não ser da sua responsabilidade as contas da FPA. De facto o Conselho Fiscal é hoje o **principal** responsável pelas contas até Julho de 1982, pois como é do conhecimento público, a Comissão de Gestão que foi empossada em Agosto de 1982 só o fez com o compromisso das contas fechadas até essa data, que foi da responsabilidade do então presidente da Direcção, assessorado pelo sr. Luís Santos e verificadas e encerradas pelo Conselho Fiscal.

«8. — Não pode a Direcção deixar de lamentar as notícias postas a correr, desprestigiantes e que lançam o descrédito sobre a modalidade, mais uma vez sem se saber quem é o informador que as desencadeia. Estamos perante mais um lamentável mau serviço à modalidade, cujo destino, estamos certos é o de outras calúnias de deturpações anteriores que, como é do conhecimento público se saldaram em nada de concreto e em apenas boatos e empolamentos.»

Basquetebol: Porto perdeu na Luz

A jornada n.º 13 foi de azar para o F.C. Porto, que sofreu ontem, no pavilhão da Luz, perante o Benfica, a sua primeira derrota na fase preliminar do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de Basquetebol. Em termos mais reais, aquela «ronda» inaugurou a 2.ª volta desta fase, visto que foi antecipada (estava marcada para domingo) devido às eleições autárquicas. Como quer que seja, o certo é que os portistas perderam a invencibilidade, embora permaneçam no comando, isolados. Todavia, o F.C. do Porto perdeu terreno em relação não só (naturalmente) aos «encarnados», como para o Quetzal e o Olivais, em teoria potenciais candidatos ao título. Também o Barreirense, batido (com expressão) no Olivais de Coimbra, sacrificou «espaço» classificativo, nomeadamente em relação ao seu adversário e ao Quetzal e Benfica.

A partida mais importante da jornada não se rodeou da emoção que se esperaria, por nítida superioridade dos «encarnados»; algo surpreendente. Era de esperar, efectivamente, uma resistência mais personalizada dos «azuis e brancos» que sacrificaram, na 1.ª parte, em que perdia por 16 pontos (34-50) muitas possibilidades de, no 2.º tempo, poderem virar o resultado.

O Benfica triunfou (por 12 pontos, anulando a diferença de nove na 1.ª volta) com uma justiça que ninguém ousa contestar; com esta vitória transmitiu mais competitividade ao campeonato, o que não acontecia se tem triunfado o «guia».

De resto, só o desequilíbrio do resultado surpreende um tanto, como espanta, igualmente a expressão da derrota do Barreirense em Coimbra. O Atlético e o Quetzal obtiveram «centenas» perante dois representantes azeiteiros e também outra equipa de Aveiro (Sanjoanense) «cortou» praticamente pela raiz todas as hipóteses de o CDUL (único clube que só possui jogadores nacionais) conseguir um êxito nesta fase. O Ginásio des-cansou.

Resultados: CDUL - Sanjoanense, 64-66; Benfica - FC do Porto, 84-72; Atlético - Ovarense, 103-77; Quetzal - Sanga-lhos, 101-84 e Olivais - Barreirense, 81-67. Pontuação: 1. F.C. do Porto, 11 jogos e 21 pontos; 2s. Barreirense e Benfica, 11-19; 4s. Olivais e Quetzal, 11-18; 6s. Sangalhos e Sanjoanense, 11-16; 8. Atlético, 11-15; 9. Ginásio, 10-14; 10. Ovarense, 11-13 e 11. CDUL, 11-11.

rense, 81-67. Pontuação: 1. F.C. do Porto, 11 jogos e 21 pontos; 2s. Barreirense e Benfica, 11-19; 4s. Olivais e Quetzal, 11-18; 6s. Sangalhos e Sanjoanense, 11-16; 8. Atlético, 11-15; 9. Ginásio, 10-14; 10. Ovarense, 11-13 e 11. CDUL, 11-11.

O Benfica triunfou (por 12 pontos, anulando a diferença de nove na 1.ª volta) com uma justiça que ninguém ousa contestar; com esta vitória transmitiu mais competitividade ao campeonato, o que não acontecia se tem triunfado o «guia».

De resto, só o desequilíbrio do resultado surpreende um tanto, como espanta, igualmente a expressão da derrota do Barreirense em Coimbra. O Atlético e o Quetzal obtiveram «centenas» perante dois representantes azeiteiros e também outra equipa de Aveiro (Sanjoanense) «cortou» praticamente pela raiz todas as hipóteses de o CDUL (único clube que só possui jogadores nacionais) conseguir um êxito nesta fase. O Ginásio des-cansou.

Resultados: CDUL - Sanjoanense, 64-66; Benfica - FC do Porto, 84-72; Atlético - Ovarense, 103-77; Quetzal - Sanga-lhos, 101-84 e Olivais - Barreirense, 81-67. Pontuação: 1. F.C. do Porto, 11 jogos e 21 pontos; 2s. Barreirense e Benfica, 11-19; 4s. Olivais e Quetzal, 11-18; 6s. Sangalhos e Sanjoanense, 11-16; 8. Atlético, 11-15; 9. Ginásio, 10-14; 10. Ovarense, 11-13 e 11. CDUL, 11-11.

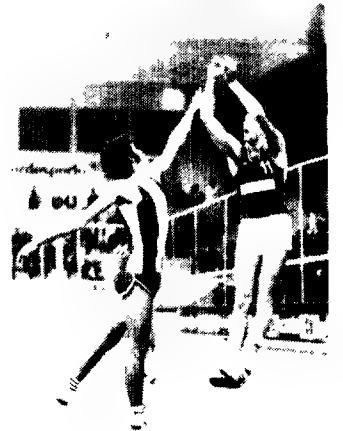
rense, 81-67. Pontuação: 1. F.C. do Porto, 11 jogos e 21 pontos; 2s. Barreirense e Benfica, 11-19; 4s. Olivais e Quetzal, 11-18; 6s. Sangalhos e Sanjoanense, 11-16; 8. Atlético, 11-15; 9. Ginásio, 10-14; 10. Ovarense, 11-13 e 11. CDUL, 11-11.

A. Abel

Juniões africanos

Moçambique venceu o Egito por 73-69, na 2.ª jornada do 4.º Campeonato Africano de Basquetebol Júnior, que decorre em Naputo. O Senegal venceu por 111-61 a selecção do Zimbábue, equipa bastante mais fraca e pouco rodada em competições internacionais. Mais desvelado foi o resultado do Nigéria-Líbia, que os nigerianos venceram por 137-55. Os líbios confirmaram neste encontro ser a selecção mais fraca deste torneio, de que Angola é campeã.

As nove equipas concorrentes estão divididas em duas séries, uma encabeçada por Moçambique e outra por Angola. Os vencedores de cada série discutem entre si o título. O campeão do torneio africano representará o



Porto fica no chão da Luz

continente no próximo mundial da modalidade, que deverá realizar-se em Espanha.

Entretanto na 1.ª jornada, Angola, vencera a Líbia por 156-61, enquanto Moçambique derrotou tangencialmente o Senegal, 68-67. A Nigéria venceu o Zimbábue, na jornada inaugural, por 66-53 e Moçambique bateu o Zimbábue (jogo incluído na quarta jornada), por 155-58.

Andebol: Cascais 10 jogos sem vencer

Disputaram-se ontem um jogo ao Norte e outro ao Sul a contar para a primeira fase do campeonato nacional da principal divisão de andebol de sete, um duelo que estava em atraso e outro de antecipação da jornada marcada para sábado. O Sporting de Espinho venceu o Desportivo Portugal num embate em que o equilíbrio foi a nota dominante. O Cascais somou décimo jogo sem vencer, perante o Almada (em casa), sendo a única equipa das 16 divididas pelas duas zonas que não logrou, ainda, sequer um empate.

Resultado na Zona Norte: So. Espinho, 23 - Desp. Portugal, 21. Zona Sul: Cascais, 23 - Almada, 30. Pontuações na Zona Norte: 1.º F.C. do Porto, 9 jogos e 27 pontos; 2.º S. Mamede, 9-23; 3.º Desp. Portugal, 9-20; 4.º Académica de Coimbra, 9-19; 5.º Sp. Espinho, 9-16; 6.º Académico do Porto, 9-15; 7.º Fermentões, 9-13 e 8.º Desp. da Póvoa, 9-11. Zona Sul: 1.º Benfica, 9-27; 2.º Sporting, 9-25; 3.º Belenenses, 9-23; 4.º Almada, 10-23; 5.º Paço de Arcos, 9-17; 6.º Encarnação, 9-15; 7.º Vitória de Setúbal, 9-11 e 8.º Cascais, 10-10.

Jogos Asiáticos: triunfos da China e da Índia

Com o fim da hegemonia nipónica no desporto asiático e um grande êxito organizativo para a Índia, terminaram (em Nova Deli) as nonas Olimpíadas do Oriente. Oito anos depois de ter participado pela primeira vez nestes Jogos Asiáticos, a China conseguiu terminar com a supremacia japonesa na região, alcançando agora 61 medalhas de ouro, mais quatro do que os nipónicos, que até à data sempre haviam batido largamente os seus adversários. Por outro lado, a Índia assegurou uma excelente organização dos jogos (iniciados em 22 de Novembro), de tal modo que o governo indiano pensa candidatar o país à organização dos jogos do campeonato mundial de futebol, aos Jogos Olímpicos de 1992 e aos campeonatos mundiais de atletismo, tiro e badminton.

Com o fim da hegemonia nipónica no desporto asiático e um grande êxito organizativo para a Índia, terminaram (em Nova Deli) as nonas Olimpíadas do Oriente. Oito anos depois de ter participado pela primeira vez nestes Jogos Asiáticos, a China conseguiu terminar com a supremacia japonesa na região, alcançando agora 61 medalhas de ouro, mais quatro do que os nipónicos, que até à data sempre haviam batido largamente os seus adversários. Por outro lado, a Índia assegurou uma excelente organização dos jogos (iniciados em 22 de Novembro), de tal modo que o governo indiano pensa candidatar o país à organização dos jogos do campeonato mundial de futebol, aos Jogos Olímpicos de 1992 e aos campeonatos mundiais de atletismo, tiro e badminton.

Placard

Hóquei madeirense

A Associação Desportiva de São Vicente venceu o União da Madeira por 8-2, em jogo de segunda jornada do «Torneio Ressurgimento», em hóquei em patins, disputada no Funchal. No outro jogo da jornada o Marítimo bateu a Associação Desportiva da Camacha por 7-1. A prova é comandada pelo Marítimo, com duas vitórias. Este torneio marca o ressurgimento da modalidade na Madeira, após um interregno de mais de cinco anos.

Rali funchalense

O piloto Marco Abreu, ao volante de um Ford RS 2000, foi vencedor do Rali do Clube Desportivo Nacional, com o tempo de 44 minutos e 26 segundos. Nas 2.ª e 3.ª posições classificaram-se Mendes Gomes (Opel Ascona 2000) e Rui Conceição (Ford Escort RS) com os tempos de 44 m 32 s e 46 m 08 s, respectivamente. Por equipas venceu o Nacional, seguido do Santacruzense e do Académico. Com esta vitória, Marco Abreu é campeão madeirense da modalidade.

São João da Madeira

Em São João da Madeira realizou-se o I Grande Prémio de Atletismo do Clube de Cam-pismo. Classificação:

Prova feminina (2300m): 1.ª, Alice Silva (F. C. do Porto); 2.ª, Alice Cardoso (Louricoop); 3.ª, Helena Costa (S. F. Riba-Ul); 4.ª, Helena Silva (idem); 5.ª, Ana Moreira (F. C. do Porto). Por equipas: 1.ª, F. C. do Porto (12 pontos); 2.ª, Louricoop (20); 3.ª, Kolossal (31).

Prova masculina (5000m): 1.º, Manuel Moreira (Galitos de Aveiro); 2.º, Alívio de Oliveira (Kolossal); 3.º, José Celestino

(São Vicente de Pereira); 4.º, José Lima (Kolossal); 5.º, José Alcides (Galitos de Aveiro). Por equipas: 1.ª, Galitos de Aveiro (12 pontos); 2.ª, Kolossal (29); 3.ª, Clube de Cam-pismo de São João da Madeira (36).

Melhor do ano

A Federação Norte-Americana de Atletismo escolheu Mari Decker-Tabb, como a melhor atleta do país em 1982. Mary Decker melhorou 17 recordes do Mundo e melhores marcas mundiais em pista coberta, bem como melhores marcas americanas em pista coberta

Desporto estuda-se

Fisiologia dos esforços, psicologia e sociologia desportivas e teoria do treino e nutrição são áreas a abordar nas segundas jornadas de informação científico-desportiva que decorrem em Lisboa, entre 16 e 18 do corrente. Nesta iniciativa do Instituto Nacional dos Desportos vão participar técnicos nacionais e estrangeiros. Entre estes contam-se o italiano Renato Manno (que tratará questões do treino), o francês Jean-François Marini (que abordará temas da fisiologia do esforço) e o alemão federal Erwin Hahn (que falará sobre formação e consolidação de uma equipa e papel do sucesso e do fracasso na prática desportiva).

entre estes contam-se o italiano Renato Manno (que tratará questões do treino), o francês Jean-François Marini (que abordará temas da fisiologia do esforço) e o alemão federal Erwin Hahn (que falará sobre formação e consolidação de uma equipa e papel do sucesso e do fracasso na prática desportiva).

Máximos

Halterofilia

O halterofilista Francisco Coelho do Ginásio Clube Português foi o primeiro atleta a cumprir os mínimos para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, ao estabelecer, ontem, no Estádio de Alvalade, o «record» nacional absoluto do arranque e do arremesso, na categoria de 100 quilos, levantando 155 e 185 quilos, respectivamente, totalizando, pois, 340 quilos. Dois outros ginastas venceram nas categorias de 60 e 75 quilos (Sérgio Gomes e António Pereira), tendo as restantes categorias tido os seguintes vencedores: 56 quilos, Raul Dinis, do Carcavelos; 67,5 quilos, Mário Fatela, do Círculo de Ferro; 82,5 quilos, João Martins do Lisgás; 90 quilos, Luís Santos, do Círculo de Ferro. Por equipas, o Ginásio Clube Português obteve o 1.º lugar, com 35 e 278 pontos, classificando-se para o Nacional, em representação da Zona Centro (na Sul ficou apurada a turma «A» do União Piedense) à frente do Sporting e do Círculo de Ferro. Na Zona Norte triunfou o F.C. Porto.



Texto Laurence Harle

Desenhos M. Blanc-Dumont



continua

Notícias da BD

O SENHOR MILHAO!



Nova colecção das «70»

Praticamente prontos a sair da tipografia, estão os dois primeiros volumes de uma nova colecção das «Edições 70»: «BD +».

Depois dos «tiros» certos de Corto Maltese, Alix, e Agente Secreto X9, e quando se anuncia para breve — superados que parecem estar os problemas com a editora-mãe — o aparecimento de um fabuloso clássico do «western» europeu, Jerry Spring, eis que uma nova aposta é lançada aos entusiastas (e aos que o não são) dos quadradinhos.

Particularidade desta nova colecção: além das bandas, de autores, praticamente desconhecidos, mas de boa qualidade, os álbuns incluem um «dossier» de apoio.

Os seus nomes: «O Senhor Milhão», com um texto sobre a história do comércio, e «Bancarrota», que evoca os comerciantes na história e o grande «crack» de 1929.



«Jornal da BD» de parabéns

Foi hoje posto à venda um número (muito) especial do «Jornal da BD», o dezanove da série.

São 80 páginas por uma nota de cem, mas que inclui — esta a grande novidade — uma aventura completa do «Vagabundo dos Limbos.» de Godard e Ribera.

«A guerra dos Bonques» constitui, assim, um álbum dentro da revista, que passou há três números a periodicidade semanal, decisão oportuna toda virada para a «ocupação» de um espaço que a «morte» do «Tintin» deixou praticamente vago.

O resto da publicação é constituída pelas séries em continuação – «O filho de Barba-Ruiva» (Hubinon e Charlier), «Astérix, o gaules», Scarlet Dream (uma estrela de realce, de Gigi, e Moliterni), Lucky Luke, Achille Talon e Blueberry («O homem da estrela de prata», em regresso que se saúda.

O mito do sísifo alentejano

Continuação da pág. 3

de escolher entre uma exploração individual ou colectiva. A segunda é relativa às garantias superiores de rentabilidade em que se aposta à partida nas novas explorações criadas, quando se conhece claramente através da história das últimas décadas o tipo de utilização das terras quando exploradas por seareiros.

— O segundo caso é duma ex-cooperativa do distrito de Beja (Cooperativa Fonte dos Frades) que cobria uma área de 600 ha e

fazia parte duma federação de cooperativas denominada Colba. Desanexada em fins de 1975 da UCP de Baleizão, a cooperativa ficou nas mãos do antigo feitor e duma quinzena de trabalhadores. Posteriormente a herdade foi restituída como reserva à família do antigo proprietário tendo sobrado 200 ha que foram distribuídos a dez trabalhadores. Não podendo sobreviver com uma exploração cuja superfície é reduzida, estes trabalhadores continuam a empregar-se na herdade, seja

recorrem a várias outras actividades. O feitor voltou às suas funções, tendo-se mantido os mesmos sistemas de cultura.

Qual será a viabilidade econômica destas pequenas explorações e de algumas centenas de outras da mesma dimensão distribuídas a seareiros e antigos trabalhadores agrícolas, incluindo as áreas pertencentes a herdades nacionalizadas (caso por exemplo da Herdade dos Machados e da Comporta)? Este último caso até não parece mais grave porque se trata de grandes

explorações com uma lógica de rentabilidade e que tinham dimensões e capacidades a nível da produção e da transformação dos produtos, para serem largamente competitivas tanto no mercado interno como externo. Divididas em pequenos lotes vão cair nos problemas insolúveis que tem conhecido a agricultura familiar em vários outros países europeus.

Poder-se-á acrescentar que tanto nos dois casos apontados, como no caso das empresas nacionalizadas parte-se de con-

cepções diferentes a nível ideológico, político e social assim como de experiências de gestão também elas diversas? Não se deu a oportunidade a nenhuma delas de se desenvolver e de provar as suas capacidades em igualdade de oportunidades a outras explorações privadas, sem esquecer que uma política discriminatória foi praticada na atribuição dos créditos.

* Professores convidados do Instituto Superior de Economia

COMPRO

VESPA/50

EM BOM ESTADO

TEL. 63 96 18
(a partir das 14 h)

Aprender a dançar em Portugal

3

Desinibição e expressão corporal são os primeiros passos

As 37 escolas de dança por nós recensadas agrupam, no fundamental, os 81 professores daquela arte detectados através de um levantamento que está longe de ser exaustivo. Coloca-se com eles a mesma dificuldade do que com os escolas: a inexistência de registos e provas de qualificação para exercerem a profissão de professores de dança, não permite um recenseamento completo. Daqueles 81, 31 são professores de dança clássica, 9 de dança moderna, 3 de movimento e pantomima, 2 de Expressão Corporal, um de História de Dança, um de Dança Espanhola, não estando os outros 35 discriminados.



No estúdio de Wanda Ribeiro da Silva pode-se começar aos três anos

O maior número de professores de dança encontra-se nos estúdios particulares e nos cursos de bailado de sociedades, academias e clubes desportivos que, fora das zonas das grandes cidades, têm tido, nestes últimos tempos, um grande incremento devido, fundamentalmente, ao apoio que lhes é prestado por licenciados no Instituto Superior de Educação Física, onde hoje funciona um Gabinete de Dança.

No que respeita aos primeiros poder-se-á afirmar que, por cá, se encontra de tudo um pouco: os que continuam a apostar, fundamentalmente, na formação de bailarinos profissionais: os que em conjunto com aquela aposta se viram, de igual forma, para a «formação do indivíduo» através das expressões dramáticas e da dança e aqueles que têm como objectivo, uma fortuna rápida. Com preços muito variados que podem ir até alguns contos por mês os estúdios particulares têm, de há uns anos atrás, uma grande procura. Talvez a interrogação que hoje se coloca seja a de saber se, como um fenómeno de moda, aquela procura estará condenada a desaparecer sem que daí tenha resultado uma forma diferente de encarar a dança ou se, pelo contrário, o número crescente de pessoas que procuram esta arte contribuirá para criar um «novo espectador» e, claro, para que a dança seja não só comumente enca-

rada como uma arte ao nível de outras já consagradas no nosso país, mas também como fazendo parte activa da vida e formação das pessoas.

No entanto, coloca-se, por agora, um sério obstáculo: a proliferação de estúdios e professores de dança que se faz sem o mínimo controlo de qualidade pode constituir, segundo nos afirmaram, um perigo grave. Não só a deficiente preparação por eles fornecida impossibilita, muitas vezes, uma futura carreira profissional dos estudantes que os frequentam, como aquela pode acarretar também consequências negativas num desenvolvimento físico equilibrado.

Criada em 1958, a Escola de Ballet e Iniciação Artística de Wanda Ribeiro da Silva foi das primeiras a surgir num âmbito de estudo que tem, como seus, dois principais objectivos: a formação de bailarinos profissionais por um lado e o apoio pedagógico aos que pretendem dançar por outro. No início era o primeiro o objectivo mais importante. Conforme nos disse Wanda Ribeiro da Silva a formação profissional era, na altura, só feita em escolas particulares, tendo, praticamente, todos os bailarinos portugueses por lá passado ou, pelo menos, aí trabalhado.

A formação da Escola de Dança do Conservatório, considerada «bastante eficiente na preparação de bailarinos profissionais» por Wanda Ribeiro da Silva e por sua irmã Vera (pro-



fessora no Conservatório e no estúdio, e dos Cursos de Bailado da Gulbenkian) abriu a possibilidade, segundo elas, para que a Escola de Ballet e Iniciação Artística se pudesse projectar mais

para o segundo objectivo sem, no entanto, descuidar o apoio à formação de profissionais.

O apoio pedagógico à aprendizagem da dança é aí feito através de uma «interdisciplinari-

dade» que abrange a música, o movimento, a expressão dramática e criativa tendo, para esse fim, o corpo docente da escola (7 professores) uma preparação não só como bailarinos profissionais mas também, na maioria, como educadores pela arte (curso superior que funciona no Conservatório Nacional). Assim, segundo nos afirmaram todos os professores que trabalham com as crianças (a idade mínima de entrada para a escola é de 3 anos) têm aquela formação. É, como lhe chamam, uma «preparação globalizante».

Técnicas de dança só após os 8 anos

Com cerca de 100 estudantes que lhe pagam mensalmente 1500 escudos, a Escola de Ballet e Iniciação Artística tem três cadeiras obrigatórias desde o início: Dança Criativa, Drama e Música. Depois, aos oito anos, inicia-se a aprendizagem das técnicas da dança. No entanto, mesmo nessa altura, uma aula por semana é dedicada às «expressões», num conjunto de duas ou três para os que não integram a formação profissional. As aulas com este objectivo são por seu turno, diárias.

As expressões dramáticas, criativas musicais e mesmo visuais são para os responsáveis da escola «um complemento da aquisição técnica». Elas visam a «desinibição, o crescimento, o desenvolvimento da personalidade da criança». Um balanço harmónico que, afirmaram-nos, deveria ser garantido pelas escolas primárias e secundárias. A escola debateu-se, no entanto, com dificuldades junto de famílias que não compreendiam o tempo despendido naquelas áreas e que pretendiam que os

por causa dessa área a que chamam, globalmente, «expressões». Aliás, segundo nos disse Wanda Ribeiro da Silva, uma criança não faz ballet antes dos oito ou dez anos e a aprendizagem das técnicas, antes daquela idade, pode ser até perigosa, forçando um desenvolvimento muscular anormal.

O libertar das técnicas

Os estúdios particulares deviam ter, para Vera Ribeiro da Silva, uma função mais ampla: «Toda a gente — diz-nos — tem direito à dança» podendo os adultos que hoje procuram os estúdios, virem a ser formados, através daquela aprendizagem, como espectadores conscientes visto a carreira profissional estar-lhes já vedada: este objectivo é considerado muito importante pela escola.

Os professores que aí trabalham tentam também, no que respeita às crianças, fazer do estabelecimento um espaço de liberdade. Para a sua criação contribuem, uma vez mais, as áreas das expressões, como «libertação das técnicas» mas que, segundo nos disseram, é indispensável para que, mais tarde, a aprendizagem seja bem conseguida. Técnicas que no entender de Vera Ribeiro da Silva, invadem a vida da criança desde que ela entra para a escola primária não sendo criado geralmente um espaço onde ela possa desenvolver os movimentos do corpo, a sua capacidade criativa.

Assim, segundo nos disseram, o espaço das expressões é considerado cada vez mais importante na Escola de Ballet e Iniciação Artística, numa tentativa de continuar aí um tipo de edu-

cação pela arte, hoje ameaçada pela crise que o curso do Conservatório dedicado àquela área atravessa.

A situação é hoje diferente e muitos pais procuram a escola não já com o objectivo da aprendizagem imediata do ballet mas

Clara Viana

Amanhã

Serviço militar pode pôr em causa a carreira de um bailarino



Novo sistema de escrita musical

Os habitantes de Washington e da sua região vão poder em breve rir «a bandeiras despregadas» 24 horas diárias e consecutivas.

Uma estação de rádio, instalada a uma vintena de quilómetros a Norte da capital vai começar as suas emissões a partir do próximo mês.

A ideia desta maneira de fazer rádio foi lançada por Robert Cobbin há dezoito anos. A partir daí tem coleccionado histórias

brejeiras que vão ser contadas por duas vedetas do cinema, tais como Woody Allen — ou uma vedeta da canção. Há agora que contá-las durante 18 meses sem parar de rir e sem repetir duas vezes a mesma história, afirma ele.

Em Nova Iorque, existe um serviço telefónico que vende histórias brejeiras todo o dia. Segundo os serviços do telefone cerca de 15 000 pessoas em média, utilizam-no diariamente

Cultura americana

Riso radiofónico 24 horas sobre 24

Um sistema revolucionário de escrita musical que permitirá transcrever da mesma maneira todas as músicas de todo o mundo acaba de ser descoberto em Ouito. (Equador) pelo compositor francês de origem belga José Berghmans.

Qualificado de «código terceiro-mundista» pelo seu autor o sistema baseia-se numa pauta de música de seis linhas separadas cada uma por um intervalo de duas pautas musicais intermediárias.

Os registos da música dos índios da América do Sul (Jivaros), antigos cortadores de cabeças, serviram igualmente de base nas investigações — contudo cerca

de 400 registos foram também enviados à Universidade de Gand para serem analisados com a ajuda de um computador.

O actual sistema de escrita europeia tem cinco pautas de música e «não permite na maioria dos casos, transcrever as particularidades de tonalidade e de escalas musicais das músicas não europeias», sublinha o compositor.

José Berghmans compôs a música de numerosos filmes, como por exemplo «A Guerra dos Botões». É autor do ballet «Ecce Homo», criado para a Ópera de Marselha e trabalha actualmente na composição de um ballet

Sidónio Muralha morreu no Brasil

Faleceu ontem em Curitiba (Brasil) o escritor português Sidónio Muralha, na memória do público leitor pelos seus livros de poesia «Beco», «Passeio de Nível» e ainda por poemas musicados por Francine Benoit.

Há longos anos radicado no Brasil, país onde publicou a maior parte da sua obra, Sidónio Muralha, no campo da literatura infantil, ganharia o primeiro prémio da II Bienal do Livro de S. Paulo com «A televisão da bicharada».

Por sua vez, em Portugal, em Abril

de 1977, foi-lhe atribuído o prémio «O ambiente na literatura infantil», da iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, pelo seu livro «Valéria e a Vida».

Um dos seus últimos livros foi «Catarina de todos nós», editado pela Caminho, e outros foram dizendo da sua presença nas nossas letras, como, por exemplo, o romance «O homem arrastado» (Vértice), «Um personagem chamado Pedrinho» (biografia de Monteiro Lobato contada às crianças), etc.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Um «D. Pedro» cru

«D. PEDRO, O CRU», de António Patrício. Encenação: Carlos Avilez. Movimento cénico: Agueda Sena. Cenário: José Rodrigues. Figurinos: José Costa Reis. Música: Clotilde Rosa. Assistente de encenação: Ruy de Matos. Interpretação: João Cabral, Fernando Oliveira, Jacinto Ramos, Carlos Daniel, Assis Pacheco, António Anjos, Igor Sampaio, Carlos Pimenta, Rui de Carvalho, António Sarmiento, Fernanda Lapa, Lúcia Maria, Fernanda Borsatti, Irene Isidro, António Rama, Mário Pereira, Alberto Vilar, Luís Pinhão, Rogério Paulo, Luís Bandeira, António Banha, Vítor Ribeiro, Carlos Fonseca, Nuno Franco, Carlos Cabral, Manuel Coelho, Curado Ribeiro, Barroso Lopes, Carlos Duarte, Bailarinos do Ballet e da Escola de Bailado Gulbenkian. Alunos do Conservatório. Grupo de Música Contemporânea.

Teatro Nacional D. Maria II. 11-1982.

Não é difícil imaginar que de obras-primas teria criado um Shakespeare português a partir de casos da nossa história. A começar por este de Pedro e Inês — história de amor, documento político, crime de Estado, melodrama sangüinário. Não tivemos um Shakespeare e teremos que nos contentar, entre outros, com os Ferreiras e Patrícios. É pouco, mesmo quanto pacovamente nos querem fazer crer que entre Shakespeare e Patrício as diferenças não são tão grandes como isso!

Poeta dramático, mais do que escritor de teatro, nem por isso deixou António Patrício de escrever alguns textos que merecem mais do que o desdém tradicional e de que o aborrecimento do público. De resto, há anos a equipa da Casa da Co-

média, com Jorge Listopad, provou-o com a estreia absoluta de «O Fim», provavelmente a obra-prima de Patrício.

Grandes asas de lágrimas, caladas... um escritor capaz de reinventar assim a nossa língua não pode deixar de nos interessar, e como essa, abundam na peça de Patrício visões dignas de um grande poeta.

Então porque este espectáculo? Não é preciso mais do que um mínimo de percepção destas coisas para se entender que um texto exige, antes duma encenação, uma interpretação dramática. Ora, corre-se o programa do Nacional e verifica-se que essa figura está ausente, apesar de se saber que Carlos Avilez não é, como encenador, o mais indicado para esse trabalho.

Uma «dramaturgia desta peça poderia começar por fazer uma lista das suas palavras-chave que seriam, a meu ver, amor, morte e, delas sequência, saudade (como palavras principais); noite, silêncio, lágrimas, sangue, alma, espelho, névoa, vento, loucura (como palavras secundárias). A partir destas palavras levantar-se-ia o mundo de Pedro traçando o itinerário que ele percorre ao longo da peça, no qual encontraríamos a Morte e o Amor, a noite e as lágrimas, o silêncio e o sangue, o vento e a névoa. A saudade e a loucura nasceriam desse itinerário, que seria anterior ao início da peça como continuaria para além dela. Por isso, desde a primeira cena deveríamos reconhecer a inquietação que rói a personagem por dentro, a ansiedade e a angústia que comandam os seus actos, e também a violência, esse sinal do terror que o marca, também o sentido de justiça, o desprezo pelas regras, e por aí fora.

Cada peça tem um tempo e um espaço próprios que o especta-

culo deve recriar, de acordo com o projecto do encenador, de maneira a que o espectador possa identificá-los, apossar-se deles, criticá-los. Ora, o que esta versão da peça de Patrício nos traz é uma banalização do texto, em que as palavras vivas são meramente debitadas, na maioria dos casos, e por isso surgem mortas; em que as personagens não conseguem criar situações porque nem o encenador nem os actores tiveram em conta as exigências apontadas. Compreende-se que num contexto como este a movimentação mais ou menos dançada de algumas cenas em nada contribui, antes pelo contrário, para viabilizar o espectáculo.

Pode dizer-se que o trabalho de Jacinto Ramos é fulcral neste «Pedro, o Cru» e contribui fortemente para o seu fracasso. Não só por culpa do actor mas por razões anteriores acima esboçadas. Teria sido preciso que o intérprete nos restituísse o texto de Patrício transformando a poesia que contém na teatralidade que o palco exige; seria preciso que ele nos restituísse a inquietação de Pedro, a sua espantosa raiva de viver e de morrer (onde está para o amante a diferença?), mas interiorizando-as, não apenas nem principalmente através das cenas exteriores da loucura, rolando-se no chão, apertando o pescoço. Os espectadores e os críticos que consideram este um bom trabalho passam ao lado do que há de mais importante no teatro contemporâneo. É esse um dos dramas do teatro português.

O que dissemos sobre Jacinto Ramos, podemos dizer do trabalho de Carlos Miguel, no papel de Afonso, alter-ego de Pedro, sua «alma penada», sua sombra, também ele menos preocupado com as palavras e as situações vivas do que com a sua mera exteriorização. Mas o actor, repete-se, será o menos culpado. Um dos problemas do nosso teatro consiste no facto dos actores terem dificuldade em articular as palavras e nessa articulação saborearem o seu peso, a sua cor, a sua forma e sentido. Por isso quando intérpretes conseguem minimamente fazer chegar até nós as palavras, como matéria viva, podemos congratular-nos. É o caso de Fernanda Lapa (Irmã Celeste) e António Rama (Escudeiro); é o caso, em parte, de Rui de Rui de Carvalho, que no entanto não conseguiu, com Jacinto Ramos, transformar a cena de Pêro Coelho na grande cena de teatro que parece ser.

Cena que é, aliás, uma pedra-de-toque na análise do espectáculo. O Bobo é outra das

personagens prejudicadas pelos excessos do intérprete (Manuel Coelho).

Outro problema consiste na dificuldade em obter-se um bom trabalho em relação a personagens aparentemente secundárias (numa peça como esta cada cena é importante, cada passagem e cada personagem fundamentais). Observa-se sobretudo que actores jovens adquiriram já vícios com os quais o teatro não se compadece.

O que disse acima da encenação tem tudo a ver com a cenografia. José Rodrigues, um dos mais poderosos e inteligentes cenógrafos portugueses, responsável por alguns dos mais belos dispositivos cénicos do nosso teatro, não conseguiu desta vez encontrar as imagens e os sinais necessários para trazer Patrício até nós. Além disso, as contradições intencionais do cenário, com a mistura de simbólico e do naturalista, a meu ver não resultaram, caso em especial do contraste entre a cruz e o envolvimento da cena do 3.º acto, com elementos metálicos a substituir as árvores, e a solução do plinto coberto por um pano negro pareceu-me pobre.

No meio de tudo isto, magnífica, a música de Clotilde Rosa, procura o sinal de entendimento moderno do texto que o espectáculo não comporta.

Uma palavra ainda para os excelentes figurinos de J. Costa Reis.

Nota — Com este espectáculo, o Teatro Nacional D. Maria II começou, finalmente, a publicar programas com textos de apoio que deverão ajudar o espectador a situar o espectáculo. É claro que não basta o que se vê, é necessário saber que material se oferece ao público. Ora nestas 60 páginas de texto, o saldo é francamente diminuto. O texto de Brás Teixeira, cuja filosofia é discutível, está bem informado (embora falte pelo menos «Linda Inês», de A.M. Janeiro), e o texto de Teresa Rita Lopes tem também interesse. Mas publicá-lo em francês, incluindo as transcrições de Patrício, é coisa que não se entende. E depois lêem-se coisas que nos fazem corar: «Figuras como «Pedro», «Dinis», «Isabel» têm mais intensidade dramática e humana do que muitas das mais gigantes figuras arrancadas por Shakespeare à História» (Manuel Tânger Corrêa), opinião que Avilez retoma acriticamente. Ou: «Na definição da Pátria portuguesa, importa primeiramente Ourique, vinculação definitiva da fundação do reino ao sobrenatural cristão de que nunca mais nos havíamos de afastar...» (António Botelho).

ESTA À VENDA

NAS TABACARIAS —
VENDEDORES DE JORNAIS
— VENDEDORES
AMBULANTES DE TODO O
PAIS

o mais credenciado

Almanaque

Borda d'Água

(da ferradura
encarnada)
Para 1983

AVULSO OU PARA
REVENDA
Requisite

A EDITORIAL
MINERVA

R. LUZ SORIANO, 33
— TEL. 322535
1200 LISBOA

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Hoje às 21,30



pedro,
o cru

António Patrício

ENCENAÇÃO
carlos avilez

ATENÇÃO
NÃO É PERMITIDA
A ENTRADA APÓS O INÍCIO
DO ESPECTÁCULO

MATINÉE AOS DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 H
ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A MEN. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª-FEIRA



OCARINA

Artesanato

Brinquedos regionais e antigos. Peças de: Júlia Ramalho, Mistério, Rosalina Baraça, João Couto, Rosa Carriça

Trav. do Poço da Cidade, 40 (Bairro Alto)
Aberto das 10.00 às 24.00. Todos os dias no mês de Dezembro

**A EXCEPÇÃO
É A REGRA**

DIAS 8,
10 e 11
às 21.30 h

de BERTOLT BRECHT
encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINERT

**3 ÚLTIMOS
ESPECTÁCULOS**

GRUPO DE CAMPOLIDE

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Assim, sim. Perlimpimpim...

Há para aí quem pretenda insinuar que a televisão escamoteou a interelação ao Governo, na Assembleia da República, sobre política económica. Rotundamente falso.

A televisão tratou do assunto com o maior carinho. Pode mesmo garantir-se que se excedeu. Assim, como se sabe, o Partido Comunista Português apresentou doze questões agudíssimas. Pois a RTP excedeu-se de tal modo que, em vez de doze, apresentou quinze e, com o balanço que levava, era capaz de chegar ao quarentão.

Repare-se nesta feita notícia, modelo e guia do jornalismo moderno: **Falou-se de tudo um pouco incluindo neste todo os casos de corrupção, críticas à política do governo em matérias tão vastas como a agricultura, pescas, exportações e importações, entrada de Portugal na CEE, combate ao desemprego, enfim, todos ou quase todos os sectores foram passados a peneira fina, mas com cada partido e o próprio governo mais interessado em falar para a sua bancada do que em sair da rotina e esclarecer algumas questões que aqui foram levantadas, tanto pela oposição, como pelo governo.**

Como se vê, ficamos a saber, tintim por tintim, tudo de que o governo e a AD foram acusados. Assim, sim. Assim, vale a pena haver um telejornal para informar a gente.

Para reportagem ao vivo, telejornal seleccionou um quadro dos mais impressionantes na História do Parlamentarismo, em que Mário Tomé atirava um piporo a Marcelo Rebelo de Sousa e a maioria arreava das canetas

com tanta gargalhada. O quadro era precedido das seguintes palavras: **Mário Tomé foi de certo modo o momento alto dos trabalhos desta tarde, ao proferir uma intervenção tão contundente quanto sarcástica.**

Tomé pode continuar a fazer rir a maioria. A RTP aprecia muito.

Injustiça

«Jornal da tarde» de ontem, a uma hora da tarde. Propaganda eleitoral é coisa que não há. A RTP resolveu, aliás bem. Eu sempre disse que os responsáveis da televisão eram pessoas decentes, embora a maioria das pessoas não me acreditasse. Claro que a presença, numa longa notícia, do secretário de Estado das Obras Públicas, é perfeitamente natural, compreensível e útil, dado que inaugurava uma barragem. Tal como é útil, compreensível e natural a longa presença, logo a seguir, do secretário de Estado dos Transportes («nós nunca prometemos nada, só falamos de acções que estão em curso...») que declama sobre o plano de transportes do Porto. Tal como é natural, útil e compreensível a reportagem seguinte com o secretário de Estado do Orçamento, traçando as vastas perspectivas do desenvolvimento.

Só a má-lingua seria capaz de dizer que se tratava de propaganda eleitoral. Injustiça.

A noite... de manhã...

Ninguém afasta a RTP do seu intuito de bem informar. Ao morrer da noite, ainda uma notícia de grande impacto: «Neste mo-

mento, o dr. Pinto Balsemão está no uso da palavra. O Primeiro-Ministro considerou que a interelação do Partido Comunista teve apenas objectivos eleitorais.»

No dia seguinte, logo pela manhã de manhãzinha (de manhã é que se começa o dia) lá veio mais material sobre a interelação. Com tanto material só mesmo por má-fé alguém pode dizer que não sabe tudo a respeito das 12 perguntas.

Assim: **Hoje, na Assembleia da República, o governo continua a ser interpelado sobre política económica. A interelação partiu do Partido Comunista que ontem interrogou o governo sobre questões da Balança de Transacções Correntes, dívida externa e níveis de desenvolvimento. O ministro João Salgueiro respondeu às questões mas criticou os deputados comunistas por fazerem um exercício de eleitoralismo.**

Os cordelinhos

No telejornal de ontem, a televisão de ontem voltou a dar evidentes provas de isenção. Deu mais notícias e imagens da interelação. Puseram na boca de Carlos Brito as palavras que já

proferira no primeiro jornal, enquanto a Balsemão puseram as mesmas e ainda outras. Poderá parecer batota, mas não é: é puro acto de proteger as classes mais desprotegidas. Sobre as discussões em geral, na Assembleia, um comentário de crítica serena, dirigido não se sabe a quem, residindo precisamente aí o seu alto valor moralista: «Nem sempre o combate foi leal.»

Assim é que é. Apanham todos por tabela e arruma-se a questão.

Abro a janela, para respirar melhor. A televisão insiste, volta a insistir no envolvimento dos serviços secretos da Bulgária («que trabalham em cooperação com o KGB...») no atentado contra o Papa. Agca, o criminoso, pertencia a uma organização fascista turca. Disse-o o telejornal. Pois é o mesmo telejornal que mais facilmente acredita na palavra de um fascista do que na provocação em que ele era utilizado por uma rede internacional!

Campanha repugnante. A Bulgária é um país pacífico onde o terrorismo não tem a mínima hipótese. Como não tem a mínima hipótese o êxito de tal campanha. Os cordelinhos estão demasiado à mostra...



STAL

SINDICATO NACIONAL
DOS TRABALHADORES
DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

Telefone 9832442

Travessa do Estado da Índia, 3

2670 LOURES

COMISSÃO REGIONAL DE ELEIÇÕES

COMUNICADO

RESULTADOS DAS ELEIÇÕES PARA A DIRECÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO STAL

A Comissão Regional de Eleições do S. T. A. L., ao abrigo do Art.º 56.º, n.º 1 e 2 do Regulamento Eleitoral, faz público a todos os trabalhadores da Administração Local do Distrito de Lisboa dos resultados da Eleição para a Direcção Regional de Lisboa, que se realizou em 24 de Novembro de 1982, à qual concorreram as listas:

LISTA A — POR UMA DIRECÇÃO REGIONAL INDEPENDENTE E DEMOCRÁTICA, AO SERVIÇO DOS T. A. L.

LISTA B — POR UM SINDICATO FORTE, UNIDO E ORGANIZADO AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES

Inscritos	Votantes N.º	%	Lista - A - Votos	%	Lista - B - Votos	%	Branco Nulos	Abst.
4.901	2.278	46	774	34	1.383	61	121	2.623

Loures, 6 de Dezembro de 1982

PL'A COMISSÃO REGIONAL DE ELEIÇÕES

AGORA VOU MOSTRAR-TE O HIPOPÓTAMO

GERALDO TUCHE



TEXTO — ZÉ GOUVEIA

Quinta — Sexta — Sábado às 22 horas — Domingo 18 horas
COMUNA — Teatro Pequeno
Últimas RepresentaçõesAtenção COMUNA dias 13-14-15
Teatro de Bolso do TEUC

★ CAFE-TEATRO DA COMUNA ★

* NAO FUI EU *** FORAM ELES! *

5ª MES

ULTIMAS
SO ATE DIA 18

sextas e sábados AS 23H

PRACA DE ESPANHIA • MARCACOES TEL. 76 26 24 • 72 08 18 • SUB. SEC.

HÁ BEBER E HÁ VIVER

— As bebidas alcoólicas fazem diminuir o tempo de reacção. Numa situação imprevista, o motorista que tenha bebido álcool em excesso só demasiado tarde estará em condições de efectuar a manobra correcta.

Repara hoje em sua casa até as 24 horas todas as marcas com garantia. Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu. Serviço permanente inc. sab. e domingos. Tel. 659118 - 659119 - 659110

Hoje



Prosseguem na RTP-1 as exhibições da telenovela «Baila Comigo»

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.22 Tempo dos Mais Novos

18.55 Viagem ao Mundo Desconhecido dos Cegos — o problema da cegueira em Portugal.

19.20 Autovisão

19.55 O Tempo

20.00 Telejornal — notícias do País e do estrangeiro.

20.35 Concurso Toma Lá Dá Cá

22.15 Um Programa da Direcção de Informação

23.10 Últimas Notícias



Na RTP-2 desta noite concerto com Karen Georgina

17.50 «Aconteceu Naquela Noite» — longa-metragem.

19.30 País, País

19.55 Desenhos Animados

20.15 Concerto com Karen Georgina

— violoncelo: Karen Georgina.

Piano: Tania Achot.

20.45 «Nanny» — 7.º episódio. Intérprete: Wendy Craig.

21.35 Telenovela — «Cabo-cia».

22.05 Jornal da Noite

Amanhã

8.00: Bom Dia Portugal; 9.30: Desenhos Animados; 10.00: Gente e Ideias; 10.30: Vale a Pena Ver de Novo — «Lil-lie»; 11.30: RTP/Brasil; 12.00: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.22: Tempo dos Mais Novos; 18.55: O Tempo; 19.20: Tur/82; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.35: «Gente Fina é Outra Coisa»; 22.35: Últimas Notícias.

17.50: «Vamos Dançar»; 19.30: País, País; 19.55: Desenhos Animados; 20.10: Caminhos do Eterno; 20.40: Festival de Verona; 22.00: «Cabo-cia»; 22.30: Jornal da Noite.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

Concurso Toma Lá Dá Cá
(20.35)

«Nanny»
(20.45)

...e sugere para hoje...

Neco fica furioso ao ler a carta de Belinha, na qual ela diz que partiu, mas que voltará. Tina fica feliz ao ouvir Tobias pedindo a Tomé que adie a viagem para o ajudar na construção da casa em que ele e Zuca vão morar. Neco pede dinheiro emprestado a Mariquinha, dizendo que pretende ir atrás de Belinha para o Rio. Luís, Boanerges e Belinha chegam ao hotel de Bina. Luís vai à cozinha e Zuca apanha um susto quando o vê. Mariquinha empresta o dinheiro a Neco e este diz-lhe que vai apanhar o mesmo comboio de Belinha, uma estação à frente. Justino e quatro de seus capangas tentam impedir que Neco vá atrás, de Belinha, ficando à porta da casa.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

O Teatro Experimental do Porto (TEP) mantém em cena até dia 19 a peça «Uma História», de Ramuz e Stravinsky, em versão e encenação de Moncho Rodriguez. Na nova e provisória Sala-Estúdio do TEP (Escola Académica), o espectáculo é apresentado de hoje a 11 e de 16 a 18, às 21.45, e nos dias 12 e 19, às 18 horas.

Cinema

Uma retrospectiva R. W. Fassbinder continua no Instituto Alemão, em Lisboa (Campo dos Mártires da Pátria, 36-37), com a exibição de dois filmes sobre tragédias de pequenos-burgueses: «Porque Corre o Sr. Amok?» (hoje, às 18.30, e amanhã, às 21.15) e «O Comerciante das Quatro Estações» (hoje, às 21.15, e amanhã, às 18.30).

Um Ciclo Chaplin, organizado pelo Núcleo de Cinema da Associação de Estudantes, está a decorrer no Instituto Superior Técnico. Hoje, às 21.15, no Salão Nobre, será exibido o filme «Tempos Modernos». O ciclo prossegue em Janeiro com os filmes «Quimera do Ouro», «Luzes

da Cidade», «O Barba Azul», «Luzes da Ribalta», «Condessa de Hong Kong» e «Revisita Charlot».

O **Cineclube de Viseu** tem estado a apresentar um Ciclo de Cinema Francês, que prossegue amanhã, às 21.15, no Auditório da Casa Museu Almeida Moreira, com a exibição de «Providence», de Alain Resnais. No sábado, às 14.30, exhibe-se «O Açúcar», de J. Ruffio.

Música

O Octeto de Sopros da Orquestra Gulbenkian realiza amanhã, às 18.30, no Grande Auditório da Fundação, um concerto em que serão interpretadas obras de Beethoven, Gordon Jacob, Josef Myslivecek e Mozart.

Exposições

Uma exposição fotográfica de Aníbal Sequeira está patente ao público, às terças e sextas-feiras, das 19 às 23 horas, até 31 de Dezembro, na sede da Associação Portuguesa de Arte Fotográfica (R. das Chagas, 17, 2.º, Dt.º, em Lisboa).

Maria Beatriz expõe na Sociedade Nacional de Be-



Tapete de Arraiolos em exposição no Casino do Estoril

las-Artes desenhos e objectos de humor, alguns a partir de «citações» de Almada (até ao dia 17).

Sete artistas plásticos abriram em Aveiro uma exposição colectiva de pintura e escultura. Os expositores são Ana Zarrabe, Cândido Teles, Cohen Fuse, João Mourão, Michael Barrett, Hortiz Alfau e

Silva Palmeira. A exposição, patente na Galeria Arte, mantém-se aberta até 31 de Dezembro.

Ana Cassiano expõe na Libris (Largo Trindade Coelho, 4) até ao fim do mês «patch-works» e bonecas de trapos.

Uma grande exposição de tapetes de Arraiolos será

inaugurada no próximo sábado, às 16 horas, nas Galerias do Casino Estoril. A mostra pretende contribuir para a difusão de uma modalidade artesanal que tem granjeado crescente renome internacional, justificado não apenas pela qualidade da sua execução mas também pela originalidade da técnica utilizada e

ainda pela versatilidade dos seus motivos.

O fabrico dos tapetes de Arraiolos foi introduzido em Portugal nos finais do século XVI, sendo ministrado o seu ensino nos conventos. Evoluindo com os materiais e as épocas, o tapete de Arraiolos viria a adquirir motivos de gosto popular vincadamente português e a irradiar a sua implantação para outros centros urbanos do País.

Actualmente executam-se todas as espécies de desenhos, sejam de Aubussons, sejam as maiores fantasias dos decoradores modernos, continuando a existir, em paralelo, exemplares de grande fidelidade à decoração tradicional.

Esta exposição estará patente ao público das 15 às 24 horas de todos os dias, até 26 de Dezembro.

Uma exposição de trabalhos de Vasco, constituída por 26 guaches e desenhos a tinta-da-China, subordinada ao título «Ris(c)os» está patente ao público na Galeria «Diário de Notícias». Os trabalhos expostos distribuem-se pela caricatura, a observação de aspectos pontuais da realidade económica, política e social e o humor. A mostra encerra no dia 20.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5857-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia e concelho do Cartaxo, de uma linha aérea a 30 KV, n.º 108/R-43, com 289 m, do poste n.º 200 da linha n.º 108 ao PS n.º 5857 anexo ao PT n.º 2864-C de SAPIOPOR-Sociedade Agro-Pecuária de Produtos Portugueses, SARL.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 24 DE NOVEMBRO DE 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
Carlos Francisco Fernandes de Sousa Santos



COTAÇÕES DAS NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		70365	76365
ALEMANHA FED. (marco)		36365	37375
AÚSTRIA (xelim)		5310	5330
BELGICA (franco)		13696	13896
BRASIL (cruzeiro)		1154	1404
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)		70380	72380
(notas de 5 a 1000)		71330	73330
DINAMARCA (coroa)		10340	10380
ESPAÑHA (peseta)		5661	5811
EUA (dólar - notas de 1 e 2)		88315	90315
(notas de 5 a 1000)		88365	90365
FINLÂNDIA (marka)		16355	17315
FRANÇA (franco)		12390	13360
HOLANDA (florim)		33320	34320
INGLATERRA (libra)		144315	148315
IRLANDA (libra)		122360	126360
ITALIA (lira)		5058	5068
JAPÃO (iene)		3331	3366
NORUEGA (coroa)		12365	13315
SUECIA (coroa)		12305	12365
SUIÇA (franco)		43305	44315
VENEZUELA (bolivar)		16340	19340

Observações

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Duplo J; 19.00: Música; 20.00: «Os Miseráveis» de Victor Hugo; 20.15: O espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite - Antena 1 no Casino Estoril. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Os olhos férteis; 17.30: Canções de Schubert; 18.05: Encontro; 19.00: Ciclo Marquês de Pombal - para além da leitura; 19.45: «As Festas de Hebe» de Raméau; 20.10: Música para tecla; 21.00: A ópera «The Rake's Progress» de Stravinsky; 23.40: 4.º programa de uma série comemorativa do centenário de Turina; 00.15: Solos de cravo; 00.30: Intérpretes portugueses; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Mensagens bíblicas - diálogo; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do tempo; 19.03: Programa da LAR; 20.00: Dé no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Máquinas ao vivo; 23.55: Meditando. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00 horas.

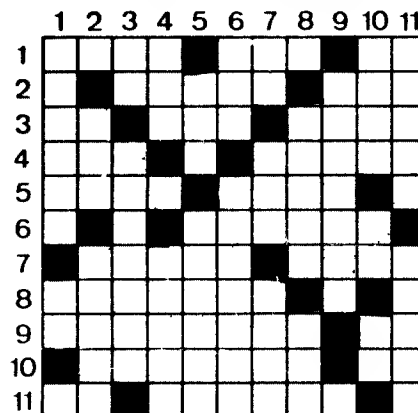
Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00: Todos à uma; 21.00: Programas culturais; 21.30: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13597



HORIZONTAIS

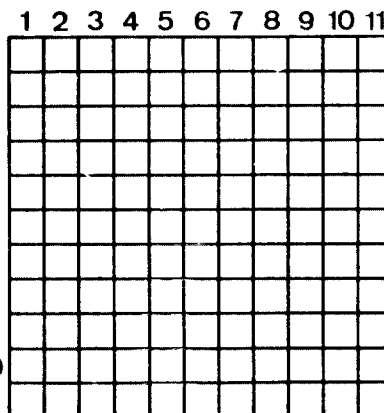
- Primeiro estômago das aves. Passai. Amónio (s. q.).
- Tremor de terra. Agora.
- Alternativa. Fruto também chamado fruta-do-conde. Numeral cardinal.
- Chefe etíope. Fixem.
- Via dentro de uma povoação (pl.). Lide.
- De Roma.
- Costurem. Parcela (fig.).
- Damos existência.
- Animal irracional. Alternativa.
- Erguer em moirão. Cidade da antiga Caldeia.
- Nosso Senhor. Guarnecerem de asas.

VERTICAIS:

- O mesmo que pião. Gálio (s. q.).
- Ilha da Polinésia. Lugar da freguesia de Santo António dos Olivais.
- Post scriptum. Título do antigo rei de Calcut.
- Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Ilhas da Oceania cuja capital é Apia.
- Supremo Tribunal Militar. Galeria transversal de mina (pl.).
- Magnete natural. Antiga cidade da Palestina, destruída com Sodoma pelo fogo do céu.
- Compaixão. Morte. Fechar as asas para descer mais depressa.
- Dal ouro a. Medida de superfície.
- Numeral ordinal.
- Asácia. O mesmo que oh! (Bras.). Alternativa.
- Nome de vários sultões turcos. Fidalgo português defensor da união das coroas de Portugal e Castela.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9457



HORIZONTAIS

- Cidade e sede do concelho (Faro). O mesmo que aceno.
- Eloquência. Título nobiliárquico.
- Monarcas. Preposição e artigo.
- Atrasado mental (pl.).
- Artigo definido. Terreno coberto de vegetação no meio do deserto. Cério (s. q.).
- Via dentro de uma povoação (pl.). Estimam.
- Utensílio de ferro ou madeira (pl.). Cidade do SO da Nigéria. Estava.
- Carta de jogar. Prendeis. Manuscrito.
- Quantia. Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de pedra.
- Formoso. Vontade.
- Poise no mar (o avião). Roer.

VERTICAIS

- Cinquenta e cinco em romano. Lasca. Bário (s. q.).
- Prefixo que designa ar. Transpirassem.
- Rebanho de gado miúdo. Artigo definido. Olé.
- Lagoa de Portugal. Paixão.
- Pessoa muito parecida com outra. Freguesia do concelho de Alenquer.
- Aldeia de Itália.
- Milho (Bras.). Nome dado ao conjunto de dialectos falados no norte de França.
- Centiare. Pega. Persigo.
- Lavras. Pronome pessoal. Bigorna de aço sem hastes.
- Negativa. Cidade de Espanha, província de Sevilha.
- O sono das crianças. Emblemas. Clima.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13596

HORIZONTAIS:

- Arrumavam.
- QUEM. Marcar.
- Ni. Corrida.
- Eaco. Riu. Im.
- Helenes.
- Tinas. Bi.
- Pacata. Caa.
- Asa. Ada. Ors.
- Re. Moa. Man.
- CALA. EC. Er.
- AI. CONSENTE.

VERTICAIS:

- Aquém. Parca.
- Runa. Casear.
- Reich. Ca.
- Um. Oeta. Mac.
- Litão.
- Amorenada.
- Varina. Es.
- Arrues. MCE.
- MCI. Coa.
- Adi. Barnet.
- Tramóias. Re.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9456

HORIZONTAIS

- La. Latmo. Me.
- Ema. Soa. Per.
- Nara. Mota.
- Arrebatadores.
- Aaro. Açor.
- Se. As.
- Eu. Airar. Ga.
- Assacas.
- Ias. Coa. Ois.
- Doara. Lanço.
- Ossos. Atoas.

VERTICAIS

- Lena. Lépidio.
- Amara. Aos.
- Arras. Ases.
- Aéreas. Ro.
- As. Bo. Iscas.
- Tona. Arão.
- Ma. Ta! Acolá.
- Maçara. At.
- Poros. Sono.
- Meter. Iça.
- Eras. Passos.

Provérbio: QUEM CALA CONSENTE

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- N. ac. men. 13 a.
007 ORDEM PARA MATAR

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
ASTERIX E CLEÓPATRA

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
A LAMBRISTA

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS HOMENS PREFEREM AS GORDAS
1.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO
18.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ULISSES
3.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS HOMENS PREFEREM AS GORDAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.00 - 16.30, 19.00 e 21.30
- N. ac. men. 13 anos
AVENTURA E AVENTURA

Às 24
DUPLA SUSPEITA

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O DESEJO DO PROIBIDO

Às 24
CIDADE EM CHAMAS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO
5.ª Semana

Às 24
A FRONTEIRA DA VERGONHA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O DRAGÃO VERMELHO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
QUE O DIABO SEJA SURDO
2.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O DIA DA COBRA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O CASAL TRAPALHÃO

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
A GRANDE BRONCA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15 e 18.30
- N. ac. men. 13 a.
QUE O DIABO SEJA SURDO
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS PIRATAS

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UM CHUI DE BLUE JEANS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O ASSASSINO DA ROSA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FACE DO PODER
2.ª Semana

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O INVENCÍVEL

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
EUGÊNIO, EUGÊNIO
2.ª Semana



A saude de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45
- Int. men. 13 a.
YOL

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 1, 21.15 e 23.30
- Int. men. 13 a.
DIVA

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.15 e 23.30
A SAUDE DE VERONICA VOSS
- N. ac. men. 18 a.

SALA 4
Às 14, 16.30, 19, 21.15 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
NOTES ESCALDANTES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
FAMA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ODEIO AS LOUCAS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O PRESENTE

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
- Para Todos
LOUCAMENTE APAIXONADO
8.ª Semana

S. JORGE SALA 3

- N. ac. men. 18 a.
Às 14, 16.15, 19 e 21.15
POLTERGEIST, O FENÓMENO
7.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 18 e 21 - Int. men. 13 a.
MEPHISTO
3.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
O PRESENTE
Domingo às 11.15
OS 12 TRABALHOS D'ASTERIX

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
14.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
NOTES ESCALDANTES
9.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
PAPUÇA E DENTUÇA
Technicolor
Falado em português

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 878

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A DIVA E OS GANGSTERS
4.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
FÚRIA DE VENCER

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «O Sacerdote do Amor», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 - «Grease 2», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - «Sexo é Outra Música», sessões permanentes (18 anos)
ROYAL - «Cada Bala Tem um Nome», às 21.30 (13 anos)

CITY CINE - «Prma. Eu Amo-te», às 21.30 (18 anos)

MUNDIAL - «Odeio as Louras», às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - «Cidade Violenta», às 21.30 (18 anos)

PROMOTORA - «Chamavam-lhe Killer Kid», às 21.30 (13 anos)

RESTELO - «Beco Sem Saída», às 21.30 (13 anos)

2000 - «Desobediência», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Olhos Assassinos», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - «Oleira-Cine» - «Galaxina», às 21.15 (18 anos)

PARADE - «Royal-Cine» - «Cabaret, Adeus Berlim!», às 21.15 (18 anos)

ESTORIL - «Casino» - «Star Trek II», às 17.00 e 21.15 (13 anos)

CASCAIS - «Impala» - «As Bonecas da Califórnia», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Cine-Almada» - «Herbie, um Carro dos Diabos», às 21.15 (6 anos)

ALMADA - «Incrível» - «Missing», às 21.15 (18 anos)

ALMADA - «Academia» - «As Férias do Sr. Hulot», às 21.15 (13 anos)

TRAFARIA - «Pavilhão Jardim» - «2 Malucas na Gaiola», às 21.15 (18 anos)

SETUBAL - «Júpiter» - «Nunca Digas Adeus», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - «Cine-Plaza» - «Pink Floyd, the Wall», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Lido - «Firefox», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cinestúdio - «Montenegro», às 21.30 (18 anos)

CACÉM - Cinestúdio Flores - «De Quem é a Vida Final?», às 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS - Cine-Chaby - «A Novica e o Amor», às 21.30 (18 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «Annie Hall», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA - Cinestúdio - «A Brigada Mundana», às 21.15 (18 anos)

Porto

RIVOLI - «Olho por Olho», às 21.30 (18 anos)

JULIO DINIS - «Hotel Paraíso», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO - «Estado de Guerra», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.30 (3 anos)

CHARLOT - «A Casa do Lago», às 21.30 (13 anos)

PEDRO CEM - «Ninguém Diga que Está Bem», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Pela Mira da Espingarda», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE - «A Absolvição», às 21.45 (13 anos)

LUMIÈRE-A - «O Dia da Perdão», às 21.30 (13 anos)

TERÇO - «O Campeão de Baltimore», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - «Betsy», às 21.30 (18 anos)

COLISEU - «A Grande Luta», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL - «O Fantasma da Liberdade», às 21.45 (13 anos)

FOCO - «Papuça e Dentuça», às 21.30 (6 anos)

VALE FORMOSO - «O Profissional», às 21.30 (18 anos)

OLIMPIA - «A Liceal, o Diabo e a Água Benta», às 21.30 (13 anos)

ÁGUA - «O Último Harém», às 21.30 (13 anos)

BEBÉ - «A Tragédia de um Homem Ridículo», às 21.45 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AREEIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); BOA-HORA: Sepol, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); CAMPO D'OURIQUE: Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 666176); CHILE: Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); FEIRA POPULAR: Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); GRAÇA: Monte R. Senhora do Monte, 39-A-B (T. 867842); LUZ - 2.ª CIRCULAR: Da Luz, E. da Luz, 124-A, MARQUÊS DE POMBAL: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161); BRANDO: Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 983220); ODIVELAS: Gonçalves, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662)

REFORÇO

ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); BAIXA: Simões Pires, R. da Prata, 115 (T. 362350); BENFICA: União, E. de Benfca, 592-594 (T. 700092); CAMÕES - SANTA CATARINA: Do Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); LUMIAR: Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A (T. 791131); MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); PICHELEIRA: Martuz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); SALDANHA: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); SANTO AMARO: Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); SAPADOR - PAIVA COUCEIRO: Europa, Av. General Rôças, 27-A-B (T. 843880); PONTINHA: Pontinha, E. Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); PRIOR VELHO: Matos, T. Prioras (T. 2519939)

teatros

Lisboa

A BARRACA - «Tudo Bem», às 21.30 (13 anos)

ROLLER-BAR - «A Procura do Al-berto», às 22.00 (13 anos)

MARIA MATOS - «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (13 anos)

COLISEU - Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)

MONUMENTAL - «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)

ABC - «É Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

VILLARET - «Em Carne Cor-de-Rosa Encarnada», às 22.00 (18 anos)

TEATRO ABERTO - «Opa Como Eu Respiro», às 21.30 (18 anos)

D. MARIA II - «Pedro o Cru», às 21.30 (13 anos)

MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 23.45 (18 anos)

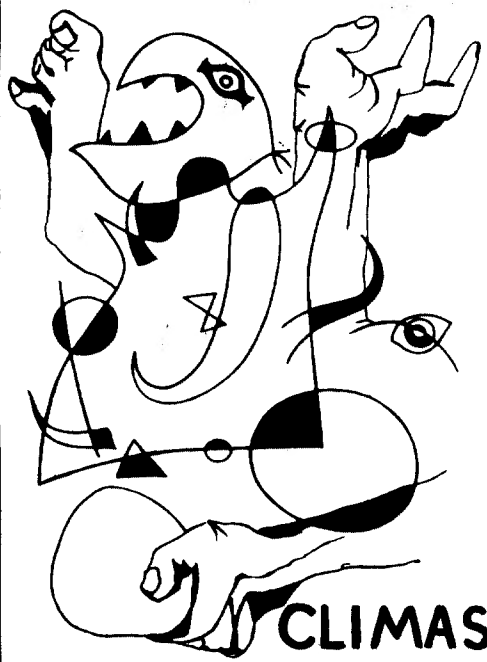
Porto

SÁ DA BANDEIRA - «As Taradas», às 21.30 (

Memória (com inéditos) de Mário-Henrique Leiria

Álvaro Belo Marques

MÁRIO HENRIQUE



CLIMAS
ORTOPÉDICOS

Frontispício do autor para o livro inédito
«Climas Ortopédicos», 1949-50

QUERO hoje falar-vos do meu amigo Mário-Henrique Leiria, um homem de génio. (Não digo um génio, senão vinha cá a casa um batalhão de intelectuais dar-me pancada e eu não gosto de intelectuais e muito menos de pancada).

Não posso dizer quando conheci Mário-Henrique Leiria — nem a data, nem se realmente o cheguei a conhecer convenientemente (poderá um ser alguma vez conhecer «convenientemente» outro?).

Nestas coisas de falar de um amigo, aparecemos sempre em primeiro plano, mas juro-vos que não é isso que me interessa. Não desejo crescer aos vossos olhos e muito menos inchar perante os meus. Ter sido seu amigo, não me dá, perante vós, qualquer direito; o tê-lo sido é apenas um privilégio muito meu.

Não me lembro, realmente, quando lhe apertei a mão pela primeira vez. Mas não creio que seja importante, quer para vocês, quer para mim.

Lembro-me, porém, como a mais remota, talvez, a cena dos sapatos. Era rijo Inverno e vi-lhe os sapatos cambados, um dos quais de boca aberta, mostrando a meia suja e molhada. Nesta altura eu tinha muito pouco e, por isso, dividia o pouco que tinha com os outros, e assim lhe dei um par de sapatos, «com sola de céuão», como se dizia, e nunca soube se as tais solas vinham ou não de Céilão, nem interessa. Devo dizer-vos, com a honestidade que os meus inimigos me reconhecem, que pessoalmente não gostava dos sapatos; a mãe é que tinha achado que eram muito confortáveis. Talvez quinze anos depois, recebo um livro do Mário com uma dedicatória: «Ao Álvaro que um dia me deu uns sapatos com amizade; os sapatos

eram bons mas gastaram-se, a amizade está na mesma». O malandro não se esqueceu dos sapatos como, creio hoje, de pouco se esquecia.

Eu, mais ignorante que a maioria dos cobradores dos comboios, entrei no mundo do Mário-Henrique (ele fazia questão do hífen entre os dois nomes e não é agora, que já morreu, que o vou desgostar) de boca aberta e olhar confuso. Tinha um amplo atelier de pintura e, no sótão, uma biblioteca, caramba!, que arregalava o olho de inveja. Mas eu depois conto isto.

Comecei a escrever porque estava a arrumar papéis e encontrei algumas cartas e poemas do Mário-Henrique, que me apressa a dar-vos. Andei de um lado para o outro da casa, pensando como deveria falar-vos de Mário-Henrique Leiria e decidi então e ainda bem, que seria ao correr da tecla. Entre um desenho do Cruzeiro Seixas e uma cópia

feita pela minha irmã do «Operário da Construção», do Vinícius, encontro esta carta, sem data, do Mário: Olá, Álvaro.

Pois aconteceu. O B.B. (1) surgiu por cá. Entrou gritando, de rompante, deu um beijo na minha mãe, perguntou onde era o quarto de banho e foi mijar. Depois invadiu o quarto, estoirando com o velho cadeirão e atirando sapatadas no Vodka (2). Está realmente vivo, aquele diabo. Enquanto fumava meios cigarros («o tabaco faz-me mal à garganta»), muitos meios cigarros, foi-me informando de coisas várias, entre elas que tem um filho de 19

(1) — Baptista-Bastos.

(2) — Um estuporado cão que tinha clúmes do dono. Por isso, sempre que tinha oportunidade, mordia-nas nas canelas, com um ar cândido, como certas pessoas que conheço.

Continua na pág. 2

Angelo Rinaldi a propósito dos diários íntimos

«Antegoso as surpresas que hão-de revolucionar a lista de glórias das letras»

A minha atitude para com os diários íntimos, para resumir, é ambígua: gosto dos outros, e o meu, se eu tivesse o capricho de o escrever, parecer-me-ia justificar a condenação que Wilde lançou sobre tal género: **relatando-nos fielmente os factos quotidianos, faz-nos ver como eles são insignificantes.**

Apesar disso, estou convencido de que essas páginas, em que uma pessoa peneira o fino do fino, têm maiores probabilidades de perdurar que as obras de ficção, e de que a maior parte dos nossos romances, na melhor das hipóteses, já estará a ser roída pelas traças nos armários das antologias quando ainda houver curiosos para ler o diário de Gide, o de Amiel, o de Jung, tão útil a quem queira tomar perspectiva, o de L'eautaud, sempre apaixonante, mesmo quando se limita a registar a temperatura rectal de um septuagenário, e os comentários do excelente doutor Salta a esse respeito; e, por fim, o diário de Charles Du Bos, que já quase não é

conhecido. Que pena!

De boa vontade se perdoa a Du Bos que, com os seus tiques de anglómano, se esqueça de traduzir as citações que faz; igualmente se lhe perdoam as suas considerações, um bocadinho obscuras, de teólogo amador: ele fala das suas leituras com um aparente recuo de séculos mas sem perder calor nem entusiasmo.

Não há uma linha a tirar, por exemplo, às análises que dedica a Joyce, Prost, Croce... Aposto que há-de sobreviver e, ao mesmo tempo, antegoso surpresas que hão-de revolucionar a lista de glórias das letras.

Essas surpresas virão — tenho quase a certeza disso — de quatro escritores que eu conheço melhor ou pior, que contraíram o hábito de se desnudar na obscuridade e cujas obras romanescas, em plena luz — embora valham tanto como outras e, por vezes, as suplantem —, não são, de momento, levadas aos píncaros, longe disso. Um deles, de resto, que já passou dos cinquenta e cuja existência à Raymond Roussel tem decorrido, até

hoje, na encruzilhada da política, da vida mundana e da literatura, ainda não publicou nada. Algumas folhas arrancadas com grande dificuldade — em caso de necessidade, arrombo gavetas, mas, em compensação, nunca revelo os segredos que descubro — persuadiram-me de que teremos um documento extraordinário, tanto pela qualidade da escrita como pela feliz acuidade dos retratos.

Um dos três editores que possuem o gosto do que é raro e original ainda recentemente tentou, e em vão, convencer o autor: este prefere continuar a mover-se, mascarado, entre nós.

Oxalá, se, como por vezes receio, ele vier a ter a mesma sorte que Pasolini, ao menos o manuscrito escape ao desastre. A posteridade — a situação actual de um Du Bos mostra o que eu entendo com esta palavra — perderia um artista e perderia a prova de que, em todas as épocas, a beleza trabalha em segredo.

Mas, mesmo assim, isso não me leva a registar dia a dia as minhas impressões. Em momento nenhum

pensei nisso, embora já me tenha sucedido, como a muita gente, resumir conversas, fixar opiniões, réplicas, comportamento. Para



Angelo Rinaldi
(Desenho de Cagnat)

mais, essas notas são impúblicas devido à imperfeição formal — uma estenografia muito pessoal que, em certas passagens, chego a

não conseguir decifrar depois — e também devido à sua violenta sinceridade, sob o influxo das emoções.

Deste modo, haverá quem continue a julgar que sou tão afectado quanto imprudente. Com essas restrições mentais, de que todos esperamos vir a beneficiar, a amizade só pode ganhar. Como seria horrível descobrir a opinião profunda das pessoas que gostam de nós! Além disso, nós somos tão mutáveis, tão móveis, que o fixar hoje à noite um sentimento experimentado pela manhã nos obrigaria a continuar-lhe fiéis amanhã, quando é tão excitante pensar que nada está dito, e que podemos ainda ter a surpresa de uma viragem repentina.

Embora sendo leitor regular de diários íntimos, talvez nunca viesse a reflectir sobre aquilo que, por mim deles me afasta se a pergunta me não tivesse sido feita. Eu julgo olhar atentamente à minha volta, inquirir e enceleirar sem fadiga, e por gula, os factos e os actos dota-

Continua na pág. 2

Memória (com inéditos) de Mário-Henrique Leiria

Continuação da pág. 1

anos lá pelas Áfricas e que o Manuel da Fonseca está cada vez mais bêbedo, notícia esta que não é novidade. Tanto mais que se pode garantir que o Manel está em boa companhia. O meu vizinho aqui da Parede, o Lopes Graça, na semana passada, para o fim da cura de desintoxicação, apanhou a maior cega da paróquia.

(Entretanto, o relógio da casa de jantar bate quatro horas — da madrugada —. Isto quer dizer que são quatro e um quarto. Eu explico. Aquele relógio que tu viste lá na casa de jantar, antigo, com pêndulo, pesos e tudo, parou, sem se saber porquê. A minha mãe, sentindo a falta daquele som ancestral, queixou-se amargamente e o hóspede aqui do quarto, rapaz eficiente e informado, disse: «eu vejo isso». E viu. Subiu prá cadeira e foi um vê se te avias. O relógio ficou a andar que é uma beleza. Acontece que ficou com esta mania marca as horas, mas só dá as badaladas um quarto de hora depois. Quanto a mim, está bem, confere com a casa. Para a minha mãe, é regozijo; tem a sensação de ter dois relógios; um certo e outro atrasado um quarto de hora).

Mas, como te dizia, o B.B., assim como entrou, saiu. Veloz, recusando aquele ovo e aquela sanduiche, que eu, com largo gesto moscovita, lhe propus; ia jantar não sei com quem, creio que com uma jovem revolucionária.

Gostei de o ver. As pessoas aparecem e a solidão fica povoada por uns momentos. Afinal parece que não é assim tão difícil encontrar essa tal solidariedade que andamos sempre à procura por todos os cantos. Lembro-me agora de uma coisa que me aconteceu lá por São Paulo, essa solidariedade súbita que vem sem se saber bem porquê. E tudo isso por eu teimar em comer um sanduiche de presunto (no Brasil sanduiche é masculino, talvez pela origem histórica dada pelo dito Lord) e tomar uma caipirinha para acabar a noite. Mando-te em forma de **estorinha**, que é a maneira que me é mais fácil de contar as coisas. Abraço».

E eis a estorinha, esta dactilografada:

ANTIPOVÉRBIO

Usando o ditado que lhe é conferido pelo provérbio, o Gato estava muito bem escondido atrás da porta, com o rabo de fora.

Passou o Cão. Viu aquilo e disse:
— Olha uma salsicha! — E zás, deu-lhe logo uma dentada.

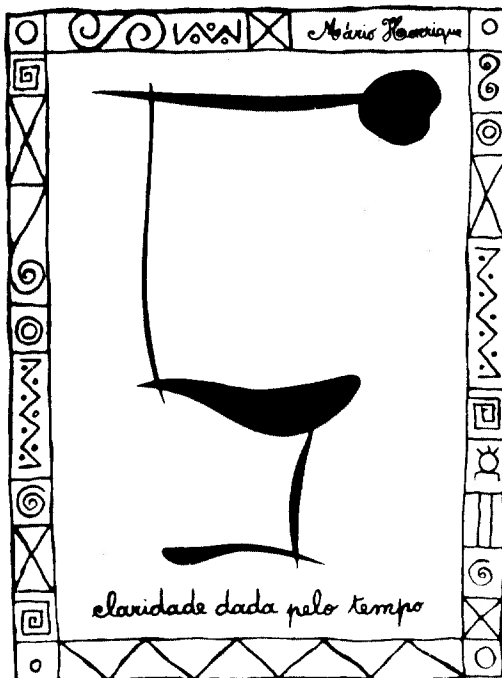
— O senhor não vê que isso é o meu rabo?! — Informou o Gato, abespinhado.

— Ora essa, — retorquiu o Cão — quem tem uma salsicha com um gato na ponta, não a põe de fora. — E seguiu o seu caminho.

Donde se vê que a verdade deverá ser: rabo escondido com o gato de fora.

Mário-Henrique pertenceu ao grupo de intervenção surrealista. Hoje creio que pertenceu a todos os grupos de intervenção. Foi poeta, prosador, pintor, capista, ilustrador e conselheiro. Sempre deitado, com as pernas estropiadas, cheias de ferros, as mãos parecendo tentáculos de aranhas, tão adiantado estava já o artrismo, Mário recebia nos últimos tempos os amigos e não só, que a pretexto de o ir ver, colhiam ensinamentos e conselhos. Agora era este que vinha com o «manuscrito-zinho», ver se o Mário teria tempo de o ler, logo era outro que perguntava se seria aconselhável lançar uma bomba no quartel do Carmo, ou outro que vinha trazer uma garrafa de gin, bebendo-a a meias com o poeta. No fundo, íamos lá a casa para lhe roubar qualquer coisa do seu interior ou (até aconteceu), do seu quarto, donde desapareceu um cachimbo. Tirando uma ou outra mulher (pois teve várias), poucas foram as pessoas que lhe deram alguma coisa. Ele sabia e ria-se.

Por volta de 1951, estava eu na tropa (os miópes apaixonados pelas datas, que não liguem muito às



Capa de Mário-Henrique Leiria para o seu livro inédito «Claridade dada pelo tempo», 1950-51

Álvaro Belo Marques

minhas, pois só sei as das invasões francesas, por ter lido «A Filha do Polaco», do Campos Júnior), quando o exército português aderiu à NATO e passou brilhantemente da TP (táctica portuguesa), para a TA (táctica americana). Mandou-me então o Mário este poema:

T.A.

Com extremo cuidado
com exaustiva precisão
o capitão disse:

queimar queimar é que é preciso
incendiar com precaução
sim meninos
queimar
que isto é um exercício
uma manobra
uma ma-no-bra

Bem toda a gente sabe
todos os jornais o dizem
— os jornais franceses
os jornais ingleses
é claro

que o exército português
é um exército T.A.
ora aí está
um exército T.A.
portanto

Lá é assim
queima-se queima-se
um casal
— tragam-me um casal de Rosembergs —
aqui também é assim
queima-se
mas queima-se o quê?
aqui é tudo muito pobrezinho
então não há Rosembergs?
bem
então vamos lá a uma floresta
já que não há outra coisa
uma floresta?
aqui é tudo muito pobrezinho
o quê não há uma floresta?
então o que se arranja?
um restolho um restolhosito
uns pinheiros uns pinheiritos
ora aí está
disse o capitão
com extremo cuidado
com exaustiva precisão
vamos lá meninos
é preciso queimar
esse restolho

No entanto
há quem diga
que estão a nascer muitas papoilas
neste aí onde existia o restolho.

Ag.º Set.º 1953



Lisboa, 1949: Mário Cesariny, Mário-Henrique Leiria

Por volta desta data casei-me e fiz uma bela mobília de casa de jantar em estilo Offbach, com caixotes que o merceiro da frente me ofereceu. Vaidoso, convidei o Mário para jantar. Andava ele nessa altura com uma refeição diária, senão menos. Lá apareceu, cheio de ternura pelo jovem casal (sem o demonstrar, claro), e rindo-se muito, tira do bolso para nos oferecer, uma lata de sardinhas. Caramba! Como sentimos essa prenda. (Por certo seria o seu almoço do dia seguinte).

Nessa noite ficou-se a ensinar-nos teologia e contando que tinha sido preso. Ainda não pela PIDE, mas pelos «cívicos».

— Sempre me chateou, na estação, de cada vez que peço um bilhete para Lisboa, o malandro há-de espreitar por baixo para ver quem pede tal coisa. Ontem resolvi ensiná-lo: quando ele espreitou, apertei-lhe o nariz com dois dedos e só larguei quando ele aos gritos, chamava pelo da guarda... que veio e me prendeu. Coisas...

Mário não tinha dinheiro. Nenhum. Eu tinha uma Vespa, na qual o transportava a vários sítios. O problema é que o Mário sentava-se ao contrário, de costas para mim, e gritava coisas às pessoas que iam nos passeios e que paravam embasbacadas, por ver um feio crânio rapado, com o casaco vestido do avesso, bifurcado ao contrário e gritando que nem um possesso. Explicava-me ele que era para estudar o comportamento das pessoas. «Tenho tirado conclusões muito úteis», afirmava rindo-se.

Um dia tivemos, um encontro no Café Chiado, para «conspirar». (Creio que hoje o Café Chiado é um banco). Sentámo-nos, claro. Ele começou a falar e, como sempre, de assuntos importantes, mas começou a ficar nervoso com o indivíduo que,

Rinaldi a propósito dos diários íntimos

Continuação da pág. 1

dos da única forma de fantástico que me interessa — o fantástico da psicologia. No entanto, para conservar esse material, fio-me apenas na memória.

Porquê? Foi Natália que me fez luz a esse respeito. Chamo-lhe Natália porque ela falava de si própria designando-se por este nome uma noite destas, a um balcão de café do Marais, onde eu tinha ido para comprar aquele maço de cigarros que nunca há em casa quando, envergonhado pela demora, se resolveu acabar antes do raiar do dia o artigo prometido.

Natália: imagine-se uma palhada de pestanas, de lábios violentos,

a cabeça da Viviane Romance doutros tempos no corpo da atriz Zouc. Ela perorava e tinha perto um operário turco, pequeno, seco, jovem, bem posto e engravatado. A sua imobilidade, o seu silêncio e o seu olhar distraído eram os do caçador que sabe ter a presa à mão de semear e tem a certeza de o desfecho ser já apenas uma questão de paciência. E também ele ia ouvindo: **Natália é gorda, sim, eu bem sei, isso hoje em dia não está na moda. A minha irmã é magra e há sempre homens para ela, mas eu também tenho quantos quero. Não acreditas? Pois vou dizer-te...** E Natália contou a sua infância de miúda gorducha

sempre sujeita às graçolas, os bailes, onde ficava encostada à parede a ver as outras dançar, as noites, os companheiros que lhe adormeciam sobre o peito depois do gozo:

Natália, a pipa, o chouriço, que vocês não convidam para dançar porque têm vergonha, vê-vos a dormir todos húmidos. Não se mexe para vos não acordar. Com ela, sois como crianças apesar das vossas pernas peludas e é sempre à gorda que contais o que vos não corre bem, aquilo que não interessa às outras.

Talvez o turco estivesse a ver, como eu, a mãe eterna. As conver-

sas tinha esmorecido na sala enquanto Natália de mão erguida sobre as nossas cabeças num gesto de bênção, multiplicada ao infinito pelos espelhos das paredes, continuava a exibir-se com uma voz arrastada. E durante aquele improviso eu tive um prazer estético semelhante àquele que em Pirandello nos proporciona a aparição sonambúlica da senhora Frollo em busca da sua verdade. Também Natália era uma personagem à procura de autor. Mas esse autor não seria eu, nem para um simples parágrafo, visto que, de repente, dos cima onde tinha sido transportada pelo génio da solidão, caíra nas digressões pastosas da

mulher entontecida que negocia a última capitulação. **Está combinado, mas nada de barulho, hein? Não podemos acordar o pessoal.** O turco empurrava-a suavemente para a porta como aqueles insectos que empurram uma bola de esterco maior que eles: as conversas reatavam-se e eu compreendia o motivo pelo qual o diário íntimo nunca me tentara, porque apenas o concebia como o espelho dos seres que passam e surpreendem. É porque a vida não tem um talento contínuo. Só a obra de arte lhe garante unidade, sentido, e suprime as arestas em que o assunto do quadro se esbate.

ANGELO RINALDI



Mário Leiria, António Maria Lisboa e Arthur Seixas

na mesa ao lado, parecia escutar-nos. Ele então começou:

— Se não fosse este burguês da merda estar a ouvir a nossa conversa, contava-te mais coisas.

Adiantava algumas e voltava ao «burguês da merda», em tom altíssimo, para provocar. O homem não teve outro remédio: pagou e saiu.

— Agora já não tem interesse — disse —. Conte uma série de mentiras só para o gajo, se for informado da PIDE, ir a correr contar aos gajos. Vão-se borrar todos...

Uma noite, em sua casa, passou-me para as mãos uns vinte cadernos de papel quadriculado. Eram poemas, contos, pensamentos, esboços, etc. Levei-os, li-os numa noite e devolvi-os no dia seguinte, que essa era a condição para os ter levado. Li trabalhos excepcionais, não esquecendo que a minha apreciação é muito duvidosa.

Entretanto o meu amigo Mário vai à Alemanha (a PIDE ainda não lhe retirara o visto de saída) e vem de lá casado com uma «alemoa» gorda, grande e impositiva. Contava-me ele de lá, num postal (!) que infelizmente perdi, que no campo de trabalho, havia o bloco para os homens e o bloco para as mulheres. Que, numa noite, arriou a bandeira da juventude e, sobre ela fez amor com a sua futura mulher. «Contribuí para a compreensão entre os povos de todo o mundo», dizia ele — da maneira mais eficaz e concludente.

O Mário e ela foram habitar uma moradia em S. Domingos de Rana. A moradia tinha dois pisos e dois inquilinos. O do Mário era no piso térreo. Curiosamente no piso superior, morava um germano velho e arrogante. Normalmente o Mário ensaiava-se na bateria até à uma ou duas da manhã, acompanhando discos de jazz. Depois punha-se a traduzir até manhã alta. Claro que não deixava dormir o germano o qual, um dia, resolveu vingar-se. Quando o Mário se sentou para traduzir, o vizinho iniciou o concerto do autoclismo. Mal ele estava cheio, descarregava. E esteve nisto uma hora. O Mário então volta para a bateria e solou até de manhã, qual Gene Krupa inspirado. A batalha nunca mais se repetiu. Mais uma vez os germanos perderam uma guerra.

Mais tarde a mulher fugiu-lhe para Inglaterra com um indivíduo qualquer, conseguindo o Mário acabar três traduções e embarcar até Londres, para a trazer de volta. No dia em que chegou, procurou-me.

— Não quis vir. Não a trouxe. Mas trouxe este belo casaco de flanela que é uma maravilha.

Um casaco axadrezado, com horríveis quadradinhos pretos, azuis e vermelhos e dois números acima da sua medida.

A PIDE começou a persegui-lo.

Contou-me, no Inverno de 1960, que apresentou à PIDE uma proposta do género: «Vocês não me deixam sair e passam a vida a chatear-me. Para me chatear são precisos pelo menos três, o que custa a vocês um dinheirão. Se me derem o visto, poupam os três e o dinheirão». A PIDE deu-lhe o visto.

Antes de partir, pedi-lhe os manuscritos quadriculados

— Ah! Não te contei?! Foi uma festa lá em casa! Peguei naquilo tudo, fui para o quintal e fiz uma fogueira monumental. Dancei e cantei à volta dela, um belo canto indio. Creio que os vizinhos adoraram porque pediram bis. Mas eu não tinha mais manuscritos... e já estava rouco.

Insultei-o violentamente. A sua resposta foi apenas rir-se.

Cerca de nove anos depois o Mário regressa. Uma ambulância esperava-o no aeroporto, levando-o imediatamente para uma clínica particular. Vinha com as pernas cheias de ferros. Não trazia um tostão mas, escondida na roupa da maca, acompanhava-o uma pistola.

Vinha velho e estropiado.

A PIDE, por influência de um tio Almirante e por julgar que o Mário-Henrique estava no fim, concedeu-lhe o visto de entrada.

Não estive lá para o abraçar. Não fui à clínica para o ver. Só soube que o Mário estava em Lisboa quando saiu de muletas, após três intervenções cirúrgicas.

O nosso encontro foi dramático por ter sido tão piegas. O nosso encontro foi pelo telefone. Desatei a soluçar para aquele estúpido aparelho, enquanto o Mário dizia qualquer coisa como: «Foi a melhor recepção que já tive até hoje. Calma, Álvaro».

Parti imediatamente para Carcavelos, para a sua antiga e velha casa. Falou até nascer o dia. O Mário tinha chegado!

Na secção «Ao Postigo do Quintal», do jornal «República» de 27 de Abril de 1972, a fechar o artigo, escrevi:

OLHA Ó MÁRIO

Vossas Excelências excelentíssimas (esta é do Eduardo Valente da Fonseca (1) não têm nada com isso, mas o meu amigo Mário-Henrique Leiria está cá, tal como o «Black and Decker». Qualquer deles me têm sido muito úteis.

Olha ó Mário. Depois de te abraçar, fui-me aos arquivos implacáveis e zás! Saquei o teu poema «Madrugada 60». Mesmo que o director-geral dos Suplementos não goste, pelo menos o linotipista tem de o compor.

«Na hora matinal de todas as cidades as luzes apagam-se lentamente com extremo cuidado as portas abrem-se para a realidade e deixam sair os que procuram viagem até ao desconhecido quotidiano

a cada esquina de cada rua uma pequena silhueta humana silenciosa cruza-se com a luz nascente da manhã que a rodeia lá em cima heráldica afastada envolta em mitos a estátua aponta a quem a olha uma pergunta antiga perdida no tempo

e ainda por decifrar

em baixo agarrados a um solo que os contempla os homens apressam-se obstinadamente para as suas tarefas de todos os dias humildes desconhecidos

com um único rosto virado para a pequena colina que o sol recorta no horizonte na luz matinal de todas as cidades a fraternidade de homens acorda

e parte

para mais um dia persistente para mais um ano de esperança.»

Creio que este poema foi, mais tarde, utilizado por uma Editora para o seu cartão de Natal.

O Mário sempre me falou da fraternidade e contou-me que, quando chegou à clínica, descobriu sob a almofada da maca, um sobrescrito com meia dúzia de contos. «Não sei quem foi. Estava lá tanta gente! Depois, na clínica, a aflição do Mário já não era o estado em que ficariam as pernas, mas sim como pagar a conta. Três intervenções cirúrgicas, efectuadas por um monstro sagrado, mais o quartinho na clínica, totalizaria uma conta impressionante, para quem só tinha meia dúzia de contos.

Daí a três dias, o médico dar-lhe-ia alta.

(1) Poeta, autor, entre outros, do «Tempo de Manequins»

Mandou-o chamar.

— Há um pequeno pormenor, doutor. Não tenho dinheiro para pagar a conta.

— Não se incomode. Já cá vieram. Está tudo pago.

O Mário nunca soube quem, concretamente, tinha liquidado a factura na Clínica, mas desconfiava. Um dia disse-me: «Desconfio que foi o Villas-Boas. Ele andou por vários lados a recolher fundos dos amigos. Possivelmente foi ele. Mas se lhe pergunto, diz-me que não e ainda me manda à merda».

Mário-Henrique vivia em extrema miséria. Ele, a mãe, o gato Benevides e o cão Vodka. «Meteram» hospede. Para ajudar.

Um dia, sem pretender fazer humor negro, disse-me, mal entrei no seu terrível quarto, cheio de lanças e de pistolas de plástico: «Hoje comprei vinte escudos de peixe. O que o cão e o gato não quiseram, comi eu e a velha».

Mas não aceitava qualquer apoio. O Mário sempre foi um exemplo de dignidade e de verticalidade. Pedia apenas trabalho: traduções e artigos que, dolorosamente escrevia, com as mãos empenadas e as pernas embrulhadas num cobertor.

Conto-vos apenas para melhor referenciar a maneira de ser e o carácter de Mário-Henrique.

Num Natal qualquer (creio que de 73, e se não for é igual), peguei na minha ceia e, ajudado pelas minhas filhas, rumámos para Carcavelos. O Mário abriu a porta (o Vodka ladrava como um louco) e, quando viu os dois cestos e um gargalo rompendo triunfante por entre um guardanapo, desatou aos gritos, agitando a bengala (o Vodka aproveitava a ira do dono, para ladrar ainda mais alto, o estuport!)

— Que vieste cá fazer? Dar uma esmola ao aleijadinho? Vai-te embora e já, para a gente não se chatear.

Argumentei apenas que queria cear com ele, que não tinha onde. Que eu e as filhas queríamos cear com ele. Se ele não nos quisesse receber, iríamos para o quintal e comeríamos ali, mesmo às escuras.

Meditou longamente sobre este arrazoado. Riu, de orelha a orelha e disse para entrarmos.

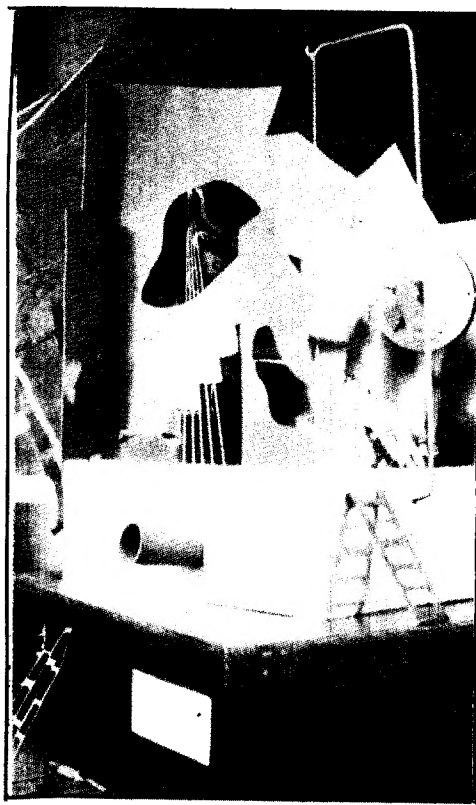
Teria sido uma bela e fraternal ceia, se não fosse o Vodka permanentemente a vigiar-me e a rosnar ameaçador.

Do seu humor (que nos anos trinta se chamava cáustico), tenho vários exemplos.

Pois é, Álvaro.

Como não apareceste (o que já era de esperar), escrevo (o que já era menos de esperar).

Então a leizinha, ei! Lia-a de fio a pavio, no «Diário de Notícias» (sempre muito cumpridor



Torre dialéctica-cefálica de Giles de Rais, de Mário-Henrique Leiria (construção exposta na 1.ª exposição surrealista de Lisboa, em 1949)

em dar todas as sacanagens na íntegra). Agora é que já temos a certeza absoluta que não vamos escrever nada. Tudo pode ser subversivo, tudo pode ser incitamento à rebelião, eu sei lá! E pronto. Pelo menos ficámos a saber, afirmado pelo governo, que estamos em estado de sítio. Já não é mau. O maldição, que me obrigou a voltar a esta trampa subdesenvolvida, a esta paródia de país, a esta caricatura de governança. O esquimós, ó cafres, ó patagões, quão felizes são vocês!

Bem, mas afinal, sempre nos restam motivos para nos orgulharmos de ser portugueses. Se não, veja-se a notícia que a tua «República» dava na 6.ª-feira.

O membro de Júlio Resende foi proposto pelo escritor e ensaísta Roger Avermaete, aceite unanimemente pela Assembleia das Academias e mereceu aprovação real.

Ai está. Sim, aí está. O membro de um português é aceite por unanimidade pela Assembleia das Reais Academias de Ciências, Letras e Belas Artes da Bélgica! E com aprovação real! Viva o reino dos Belgas! Vivam suas Altezas Reais da Bélgica! Viva o membro do Júlio!!!

Quando, orgulhosamente, li esta notícia a minha mãe, ela limitou-se a retorquir: «coisas destes desvalrados tempos». E continuou, muito mais interessada na luso-gaulesa que vende castanhas (a 8\$00) no Marché des Pouces e no aumento da carne de vaca. Que falta de patriotismo! Peço-te que me devolvas o recorte, pois desejo conservá-lo com carinho na minha «Anthologie de très beaux morceaux choisis» («Antologia de três boas morceas cozidas», seria a tradução da E.A.).

Uma coisa te vou pedir agora:

Nesse papelinho que insistes em publicar, lá estão a Europa-América e o Jorge de Sena. (...) E o Jorge de Sena? Um grande poeta, um enorme poeta, um magnífico engenheiro da Câmara Municipal, tudo o mais que queiram, concedo, é claro que concedo. Mas do que eu não abdicó é de considerá-lo um chato, o chato, a própria chateira. Há anos, no Brasil, fui visitá-lo a Araraquara, onde ele ensinava as letras de cá na Universidade de lá. Quilómetros — mais de 500 — de poeira vermelha, terra vermelha, mato e cidades-cogumelos por aqui e por ali. Cheguei. Um sol de rachar, também vermelho, a condizer com o nome da cidade, Araraquara, a Morada do Sol em tupi. Ai os seus 40°... Lavei os pés, lavei as mãos, lavei as orelhas, lavei o nariz, lavei... enfim, lavei-me todo. E fui visitar o Sena. Uma casa pequena, simpática e o Sena e a Mécia e livros e filhos. Foi informal, aquilo! Abria-se uma porta, entrava um filho; abria-se uma gaveta, saía um filho, puxava-se uma cadeira, apanhava-se uma encadernação no estômago, ia-se à janela, topava-se com um monte de in-fólios. O diabo! Não havia onde pôr os pés, não havia onde colocar as mãos! Tropeçava-se em filhos, esmagavam-se brochuras! De arrasar! mesmo assim, lá almoçámos, e aquele nariz bulboso sempre à minha frente a explicar-me a literatura brasileira, e aqueles filhos sempre a fazer coisas (eram 9, os filhos, não as coisas, claro). Voltei para São Paulo e, quando cheguei, no dia seguinte, lavei-me outra vez, bebi três whiskies seguidos e disse «Uff!». Soube depois que tinha ido ensinar para os USA e que os filhos, parece que já eram onze; quanto a livros, não sei. Agora está de novo cá. Perfeito. É marxista-cristão. Pois sim. Mas a encrenca é que nos enfiou com 26 séculos de poesia em cima! E esta! E, se reparares bem, são 26 séculos de poesia de Jorge de Sena! Ah! Não, assim é demais! Que venha «O bebedor Nocturno» do Herberto Helder que, além de ser realmente um óptimo poeta, não sabe línguas e é suficientemente humano para nos dar aqueles que interpreta.

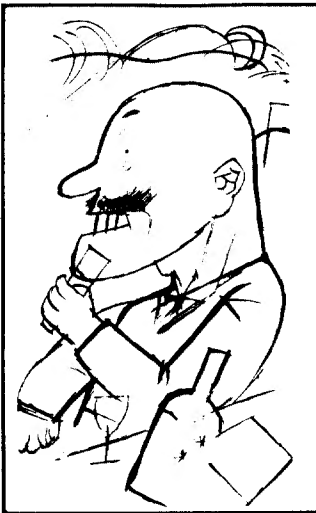
(...)

... e eu não sou óbvio, sabes bem isso. Sou torcido, meu caro, não tenho culpa. Portanto, para não magoar o jornal, o fim fica assim: «(edição de bolso com prefácio, notas e estudo crítico de Adolf Hitler)». Creio que poderá publicar isso; afinal a «República» não deve qualquer favor ao sr. Hitler...

(...)
7.5.82

(Conclui no próximo suplemento)

Os homens no espelho de George Grosz



CONTRAÍDO e alegre, espectador e também actor das suas implacáveis representações, frequentador permanente dos célebres cabarets expressionistas da Berlim dos anos anteriores e posteriores à Primeira Guerra Mundial, George Grosz (1893-1959) é um dos grandes nomes daquele prodígio período. Nos ferozes desenhos do seu *Ecce Homo* está o mundo berlinense da época e está também a maneira como a sua boémia vivia e via esse mundo. Nos últimos tempos, têm aparecido em Espanha uns tantos livros relacionados com aqueles anos e que, juntamente com este (que ainda não foi publicado aqui), indicam até que ponto aquela geração soube, literal e voluntariamente, tocar o fundo das coisas. E também indicam até que ponto aquela época se relaciona simbolicamente com a nossa e de que maneira nós estamos ainda a alimentar-nos com as suas reflexões e com os seus desesperos. Entre outros, esses livros são o *Berlim Alexanderplatz* de Al-

fred Doblin (ed. Bruguera), o *Archote no ouvido* de Elias Canetti (ed. Muchnik) e o *Contra os jornalistas e outros contras* de Karl Kraus (ed. Taurus).

Naquela época, os artistas da expressão deformada e pura (uma pureza conseguida, não através da vacuidade ou da distração — como também não através daquela inocência que Berthold Brecht reprovava um pouco pedantesamente —, mas sim através da luta e da crítica) percorriam as ruas de Viena e de Berlim num processo de impiedosa mastigação. Não passeavam pelos parques como anjos; tampouco sulcavam a noite montados em vassouras demoníacas: caminhavam pelas ruas com o típico olhar dividido dos homens conscientes. Assim percorria George Grosz as ruas de Berlim, metendo a cabeça na fumarama dos cabarets para verificar a exacta maneira animalésca como o homem se comportava perante si próprio e perante os seus semelhantes. Esse vagabundear não fazia mais que desgastar os pavimentos de uma cidade que se via crescer e condenar-se. Crescimento e condenação com que, de resto, eles se

sentiam identificados e a que nenhum deles pensou em escapar. Estavam lá para viver esse crescimento e a sua condenação: para o penetrar e para o despedaçar por dentro. Nesse tempo, Grosz desenhava com — ele próprio o disse — «um absoluto desprezo pelos homens». O olhar não é passivo nem meramente «impressionável»: cai sobre as coisas, mistura-se-lhes, revela-se e revela-as. Aqueles artistas contraídos andavam pela cidade como missionários da crítica e do sarcasmo. «Já não havia realidade, tinham ficado só as caricaturas» (G. Benn), mas a caricatura tinha acabado, sem dúvida nenhuma, por ser a verdadeira face das coisas e, principalmente, dos homens.

Quando em 1928, Elias Canetti chega a Berlim — um jovem Canetti, fascinado pela cólera pura que Karl Kraus destilava em Viena —, uma das pessoas que mais desejava conhecer era justamente George Grosz. Conheceu-o, de facto, ao fim de poucos dias. «Porque esperava eu tanto de Grosz? — interroga-se ele em *O archote no ouvido* —. Que significava ele para mim?... Agradava-me que as representações daqueles desenhos fossem coisas violentas, irrelevantes, terríveis e desapidadas. Como eram coisas extremas, eu

Pus-me a contemplá-la com uma estranha mistura de terror e aprovação. Eram horríveis criaturas da vida nocturna berlinense, o que nela se via; mas a sua presença devia-se — pensei — a que o seu autor as considerava odiosas. Identifiquei a aversão que em mim produziam com a do artista». Faltava pouco tempo para que Canetti verificasse que aquela aversão era real mas, ao mesmo tempo, equívoca. No meio das festas, completamente embriagado, Grosz perseguia indignamente as mulheres como qualquer dos coloridos e obscenos figurões da sua implacável colecção de desenhos.

A pasta de *Ecce Homo* provém de uma experiência revoltante mas também a provoca. Em *Friedrichstrasse*, as classes sociais e as formas sub-humanas dos homens que se cruzam num plano inclinado; *Famille*: os olhos desolados que a doce vida do lar proporciona; *Gruss aus Sachsen*: três homens muito concentrados, uma mulher triste, o único sorriso — e, evidentemente, maligno — está no olhar de um insignificante cão. A melancolia da *Nachwuchs* (jovem geração). Em *Stindchen*, um casal ama-se enquanto um trompetista sem pernas toca uma serenata. E por toda a parte há dorsos culposos,



tomava-as por verdadeiras. Num verdade era para mim conciliadora, atenuante, explicativa, desculpadora». No dia em que o conheceu, Grosz estava vestido de tweed e fumava cachimbo. Era moreno e corpulento e «parecia um jovem capitão, não inglês mas, pela loquacidade, americano». Presenteou Canetti com a pasta de desenhos de *Ecce Homo*: «esta colecção tinha sido proibida por obscena. É inegável que uma parte do seu conteúdo assim podia parecer.

bocas porcinas, o claro ódio que une os homens, as deformações físicas (obesidade, mutilações), como sintoma e efeito de deformação moral. A vida como prostituição permanente. A prostituição como imposição para a sobrevivência e, para cúmulo, o fracasso dessa imposição. Tudo isso num traço feroz e genial.

ANA BASUALDO

* *Ecce Homo*, ed. R. Piper & Co., Verlag, München, 1982.



Fenda finda?

A «Fenda», revista cultural que Coimbra viu nascer na Primavera de 1979 sob o manto sugestivo de uma divisa que mantém — «nem a cultura nem a sua destruição são eróticas, apenas a fenda entre elas se torna erótica»/Barthes — corre o risco (ou a aventura?) de fechar (de se suicidar?). Há quem não se assuste sabendo que o equilíbrio entre a sua existência e a sua extinção sempre foi muito precário. Mas desta vez o aviso parece mais sério. Já existe um projecto de capa na gaveta para o último número e mesmo um nome: «Fenda finda». Prenúncio inabafável de morte? Ou apenas aviso? Ou apenas reconhecimento de fim de um projecto?

Vasco Santos, coordenador da revista desde a primeira hora, garante-nos que ela deixará de se publicar se os subsídios que pediram não chegarem. Registe-se que a «Fenda» apenas muito recentemente teve algum apoio do Instituto Português do Livro para as suas edições de poesia.

«Não cremos que a «fenda» já não tenha mais nada para dizer. O nosso projecto, a nossa diferença, continua em aberto. Não queremos é tornar-nos um mero somatório de colaboradores como são outras revistas do género. É certo que a saída de Coimbra de alguns colaboradores iniciais nos prejudicou. Mas mantém-se essa postura, essa posição de vida.»

Não somos uma revista vanguardista

Muito boa gente rotulou desde logo a Fenda: «revista com pretensões vanguardistas feita por um conjunto de moços irreverentes lá de Coimbra que um dia destes acabam o curso e deixam-se disso». A «Fenda» contesta o rótulo vanguardista. «A «Fenda» não é uma revista vanguardista. Somos antes uma sensibilidade, fora do jogo das escolas, dos clássicos e dos modernos. As vanguardas necessitam contextos próprios para aparecerem.»

Este modo de encarar a revista influencia a sua própria organização e produção. O último número da «Fenda», intitulado «Fenda — da loucura» (número cinco), foi organizado a partir de um tema e por um só dos elementos do seu colectivo redactorial, Tito Cardoso e Cunha. «O exercício dessa sensibilidade e desse modo de estar na vida faz com que o colectivo, apesar de muitas vezes não funcionar efectivamente, funcione, ainda assim, como possibilidade.»

Há quem releguemos à miséria coimbrã...

«No que não nos queremos tornar é numa revista coimbrã. A revista funciona, para o grupo que a faz actualmente, como escola, como oficina. Preservamos uma permanente distância crítica em relação ao que fomos fazendo.»

É disso exemplo a «reedição corrigida» do número um (o tal que apareceu na Primavera de 1979) intitulada «Fenda revisitada» onde são excluídos alguns colaboradores de então e acrescentados outros que nesse número não figuraram («...há quem releguemos à miséria coimbrã; as térmitas ao aconchego das respectivas tocas», explica o prólogo).

Mas, ainda que a revista seja obrigada a terminar, as edições da Fenda não acabarão por aqui. Revelando um dinamismo inabitual a Fenda tornou-se, em pouco tempo, uma autêntica editora de poesia (espaço não ocupado no nosso país ou ocupado sem dedicação exclusiva) fazendo sair mais títulos nesse campo que as maiores editoras portuguesas. As suas edições são, geralmente, muito reduzidas estando, muitas delas, por esse facto e pelo interesse duplo que criaram, esgotadas ou em vias de esgotar.

«As lágrimas de Eros»

Com a publicação de 16 títulos, entre os quais Quasimodo, Eugénio Montale, Ezra Pound e vários elementos do colectivo redactorial (as três últimas plaquetas são de António Pocinho, A. Diogo e Justino Pinho, todos deste colectivo) terminou a colecção *Ilhas* cujos primeiros cinco títulos estão completamente esgotados.

Outra colecção *Styx* (o caminho que conduz ao inferno), iniciada com a publicação de dois livros, de Martin Kayman e Amadeu Baptista respectivamente, prosseguirá com um próximo lançamento de um livro da autoria de outro redactor da Fenda, Fernando Cascais.

Uma nova colecção foi lançada nos últimos dias e já deixa antever o seu enorme interesse. Trata-se de «As lágrimas de Eros» (título extraído do livro de Georges Bataille) e os quatro livros que entretanto saíram foram «Plano para salvar Veneza», de Jorge Sousa Braga, «Desejo ou asa leve», de Isabel de Sá, «Alexandria», de Lawrence Durrell e «Museu & outros poemas», de Jorge Luís Borges. As traduções destes dois últimos volumes pertencem respectivamente a Luís Nogueira e Jorge Sousa Braga. Preparam-se ainda os lançamentos próximos de livros de Regina Louro, Miguel Serras Pereira e ainda um ensaio de João Cabral de Melo Neto sobre poesia.

Dum modo ou outro o projecto Fenda continuará e prolongar-se-á por diversas formas. Com um aviso final: «Não queremos ser uma instituição. Por isso não queremos continuar por muito mais tempo. Mas ainda há muitas coisas que nos davam gozo fazer. E para algumas delas, se não for possível outra forma, ainda utilizaremos o recurso das fotocópias.» Quem não conhece a autêntica peregrinação por tipografias e métodos de edição que este «grupo» tem feito na busca de formas de composição apropriadas à diferença de cada publicação ou tão somente na busca de preços mais baratos que permitam prosseguir, quem a conhece, dizámos, acredita mesmo.

AUGUSTO BARROS

A imponderável abordagem

António Ramos Rosa

Nada é necessário nada é suficiente
Que coisa é esta que aqui será presença e além falta?
Uma qualidade de silêncio de vigilância pura?
Um desenlace uma evidência um fogo insinuado
ou talvez o esquecimento

Nada a dizer no entanto Quem sobe à fogueira
quem foi para o deserto? Não há palavras mais

Substância volátil dizemos Mobilidade aérea
e pedra imóvel Tudo é o mesmo e tudo muda
indefinidamente

Não mais que o imponderável Tal é a abordagem
da lâmpada frágil do insecto obscuro
Os intervalos as incertezas são a vida mesma
que se revela Esta fluidez viva

Este campo de energia Lugar donde surge
o vigor verde Célula orgânica matriz cave e gruta
Esta matéria que ascende em nós é inseparável
do pulso que ritma e de uma língua selvagem
intacta

Que inapreensível simplicidade que nudez de assombro
que já não é uma imagem mas um relâmpago
consumindo os contornos da pedra
Que rigor flagrante e improvável
uma espécie de música branca
um canto que não desvela nem anula
um silêncio que não repousa sobre nada